

Mulheres: várias faces, uma luta

Lutas em comum: ribeirinhas, quilombolas, indígenas e trans mostram que há muito a que conquistar e a comemorar em busca de igualdade. [Páginas 5 e 6](#)

Na música, com brilho próprio: parceira de Antônio Barros há quase 50 anos, Cecéu fala da carreira como cantora e compositora. [Página 9](#)

Em busca de um lugar na política: em quase 200 anos, apenas 29 mulheres foram eleitas para a Assembleia Legislativa da Paraíba. [Página 13](#)

A força feminina: apontada como uma das melhores do mundo na arbitragem de basquete, Widelene Cardoso elenca os desafios da profissão. [Página 21](#)



Entrevista

Índios tabajaras: história de resistência e beleza

Cacique Ednaldo Tabajara fala da luta do seu povo, que atualmente conta com 1.200 índios espalhados entre o Litoral Sul da Paraíba e Alagoas. [Páginas 4 e 5](#)

Almanaque

Sólon de Lucena, o homem que levou o trem a Bananeiras

Então governador da Paraíba no início do século 20, promoveu a urbanização da Lagoa, em João Pessoa, hoje um parque que leva seu nome. [Página 25](#)



Ilustração: Tônio

Diversidade

Radar Ecológico: os efeitos do aquecimento global

Especialistas - e a ONU - apontam que longos períodos de seca e enchentes deverão ser cada vez mais frequentes. [Páginas 17 e 18](#)

Imposto de Renda: como não cair nas garras do leão

Contribuintes devem ficar atentos para o preenchimento de dados do documento e, assim, evitar cair na malha fina. [Página 19](#)



Fotos: Agência Senado

Data de 1827, a primeira grande lei educacional do Brasil determinava que, nas "escolas de primeiras letras" do Império, meninos e meninas estudassem separados e tivessem currículos diferentes. [Página 14](#)

Cultura

Renata Arruda e Sandra Belê dividem o palco

Cantoras se apresentam no projeto Elas por Elas, neste domingo, no Centro Histórico de JP. [Página 12](#)

Esportes

Com novo treinador, Treze vai a campo hoje à tarde

Jogo contra o SP Crystal marca a nova fase do Alvinegro, agora com Moacir Júnior no comando. [Página 22](#)

Editorial

Amor mulher

O machismo é um pugilista que disfarça suas unhas de fera com as luvas da covardia. O amor se deixa acariciar por elas, na ilusão de que por si só pode tudo, inclusive amolecer um coração predador, até ser traiçoeiramente humilhado e, de forma ainda mais bruta, espancado ou assassinado.

Embora exiba-se também em público, o machismo é um pugilista que prefere exibir sua ira, força e técnicas de tortura entre quatro paredes, dentro de automóveis ou em ruas desertas. Às vezes lança mão de atributos mais lancinantes, como facas e revólveres, para desfigurar ou matar o amor.

Ao longo dos séculos, no Brasil e em outros países espalhados pelo globo, o machismo exercita seu pugilato criminoso, no corpo e no espírito do amor, sob o aplauso disfarçadamente eufórico e concordante da ordem ideológica, econômica e política, ou seja, da sociedade patriarcal que o pariu.

Ao ser levado às barras da justiça, após assaltos de pura selvageria, o machismo, irreconhecível, desculpa-se, por meio de advogados, alegando que esmurrou por afeto, escolheu por afeição, judiou por adoração, envenenou por benquerença, queimou por carinho e chacinou por excesso de paixão.

Machistas disfarçados de magistrados acreditam nas versões espúrias, por serem, eles mesmos, praticantes dessa luta desigual, quando trocam a toga pelo pijama, no anonimato in-

violável do lar. "Bateu porque o amor merecia... O amor gosta de apanhar". Quantas mentiras impostas como verdades...

O machismo diz que ama o amor, mas dele não sabe cuidar. Quando cuida, é para disfarçar que o quer como objeto de cama e mesa; como leito de suas vontades; robô vivo, programado para seguir pelo caminho que ele traça, e que não admite desvios, porque "liberdade é para quem não tem o que fazer".

Não há mal que dure para sempre. Um amor refletiu sobre o verbo que lhe empresta corpo e espírito, e mudou o significado da palavra amar, despreendendo-a de um romantismo piegas; de uma submissão que tem a ver com tudo - dominação, principalmente -, menos com respeito e ternura.

Esse amor, lembrando os tormentos da história, voltou a elevar o tom da voz, afugentar o medo e libertar o grito preso na garganta: "Basta!" Então, deixou crescer os cabelos, pintou-se e vestiu-se como bem quis, e juntou-se a outros amores iguais para dizer "não, é não!" na cara do machismo desatinado.

O amor virou guerreiro "sem perder a ternura, jamais". Se a vida é uma arena, como se diz, o amor deixou de ser o "boneco de pancada", e revida os golpes que recebe também com atributos de uma nova mentalidade policial, legislativa e jurídica. E clama: "Amores de todo o mundo, uni-vos nesta luta!".

Artigo **Martinho Moreira Franco**
martinhomoreira.franco@bol.com.br

Zé Américo na medida

A Fundação Casa de José Américo abre hoje programação especial em homenagem aos 40 anos da morte do seu patrono, ocorrida em 10 de março de 1980, e ao Dia Internacional da Mulher. São datas que merecem a dupla iniciativa, particularmente o tributo ao grande paraibano nascido na cidade de Areia em 10 de janeiro de 1877. O evento terá, entre outras atrações, feira de antiguidades, exposição de carros antigos e exibição do documentário "Aruanda" (1960), de Linduarte Noronha, com comentário de João Lima. Além de performance literária de poema de José Américo pela atriz Zezita Matos, acompanhada do músico Carlyto Campos. Tudo acontecerá entre 10h da manhã e 4h da tarde, com direito a café e lanche. Pensem num domingo em alto estilo!

O que mais gostei quando li o anúncio sobre a programação foi a adequação ao espírito da Casa e à própria índole do seu ilustre ex-morador. A fundação, criada em 1980 pelo então governador Tarcísio Burity, nasceu com o objetivo de perenizar não apenas o nome do autor de "A bagaceira", mas também o seu legado de escritor, político e administrador, além das características da sua personalíssima natureza como ser humano. Não privei da sua intimidade (e quem o conseguiu, posto que impenetrável?). Todavia, pelos poucos contatos e rápidas conversas entre entrevistado e entrevistador que tivemos, pude avaliar que se tratava de temperamento arredo a qualquer tipo de arroubo, exceto a exaltações quando provocado em momentos de fervor cívico. Era de feito discreto.

Nossos raros encontros se deram no casarão da Avenida Cabo Branco, mais das vezes no terraço em "L" onde se sentava em cadeira de vime da qual vislumbra-

Eventos que combinam à perfeição com a maneira de ser, de ver e com a própria história do patrono

va, ao longe, o coqueiral, a areia, o mar e, quase aos seus pés, o jardim de grama impecavelmente aparada, aqui e ali ornada de plantas floridas. Conduziu-me uma vez ao pomar, no fundo da casa,

para percorrer sobre algumas espécies e enaltecer propriedades da clorofila. Possuía dotes de botânico. Com o passar do tempo, após a sua morte, o lugar foi sendo aos poucos tomado por construções que mandaram a fotossíntese para o espaço. Coisas da modernidade, temos que nos curvar.

Gratificante, contudo, é ver que espaços do casarão estão sendo, neste domingo, antevéspera de 10 de março, muito bem aproveitados para eventos que combinam à perfeição com a maneira de ser, de ver e com a própria história do patrono da Fundação. São antiguidades, filme de Linduarte, performance poética de Zezita - manifestações que também se coadunam com a sobriedade da construção e com os ares que ali se respiram. Dá até para imaginar José Américo todo ancho diante do jardim ainda bem cuidado servindo de cenário revestido de algo regrado, distinto, desprezioso. Quase que a cara dele, diria no popular.

Aliás, abrir ao público a Casa de José Américo é uma das metas da gestão atual, o que merece aplausos da comunidade. Embora o casarão do Cabo Branco seja uma espécie de santuário - merecedor, portanto, da maior reverência -, não é para virar redoma. E há uma variedade enorme de eventos que ali devem ser promovidos para atrair especialmente os jovens: concertos didáticos, exposições, palestras, ciclos de estudos interativos etc etc. Jamais a Fundação deve fechar-se em copas. Mantendo, claro, a perspectiva da abertura, é o que penso. Vamos pra lá!

CONTATOS: uniao.govpb@gmail.com REDAÇÃO: (83) 3218-6539/3218-6509

MULHER NÃO PRECISA DE ROSAS...



Domingos Sávio
savio_fel@hotmail.com **Humor**

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

UMA IMAGEM QUE VALE POR MIL PALAVRAS

Uma foto histórica para lembrar um protesto memorável feito por fotógrafos que faziam a cobertura das atividades presidenciais no Palácio do Planalto, em 1984, no período da ditadura militar, no governo de João Batista Figueiredo. A foto em questão, que ilustra esta coluna, mostra os profissionais da imprensa com as câmeras no chão, muitos de braços cruzados, para protestar contra o "duro" tratamento dispensado pelo presidente à categoria - não sabiam eles que a coisa só iria piorar, 36 anos depois. A imagem vai servir de mote, digamos assim, para que o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Distrito Federal mobilize os profissionais que atuam na cobertura do Planalto e do Congresso para um protesto em defesa do jornalismo e da democracia, na Esplanada dos Ministérios, e também em repúdio às ofensas do presidente Jair Bolsonaro (sem partido) a jornalistas, sobretudo às mulheres. A propósito da foto, a diretora do sindicato, Juliana César Nunes, registrou ao Congresso em Foco: "Os ataques do Bolsonaro contra a imprensa infelizmente nos fazem recordar muito desse momento da ditadura militar, em que tinha um enorme desrespeito e censura com os jornalistas e a imprensa. É necessário lembrar esse momento, não só o que aconteceu, mas também a resposta dos jornalistas a isso". O protesto está marcado para o próximo dia 18.

Foto: J. França



CIDADANIA

E o governador João Azevêdo travou o período em que o Cidadania vai anunciar definições quanto à participação do partido nas eleições municipais deste ano. "Faremos uma grande reunião, no final de março ou início de abril, para apresentar à sociedade paraibana como iremos participar da campanha em 2020", disse. Na ocasião, deverá ocorrer a filiação formal do governador e de prefeitos à legenda.

"OLHAR DIFERENCIADO"

Quanto às definições sobre candidaturas do Cidadania em João Pessoa e Campina Grande, o governador afirmou que são cidades em que o partido terá "um olhar diferenciado", citando também Patos e Sousa. De acordo com ele, a legenda ainda vai debater se "terá candidato ou fará alianças [em algumas cidades]". No caso da capital, o Cidadania tem um pré-candidato assumido: Bruno Farias

EMPREGUISMO

Pré-candidato a prefeito de Patos, o deputado Dr. Érico (Cidadania) defende uma fórmula para retirar a cidade da paralisa administrativa: fomentar políticas públicas que tragam investimentos privados para a cidade, de modo a acabar com a dependência das pessoas por empregos temporários na prefeitura: "Não tem prefeitura que resista ao empreguismo", argumentou.

EM SANTA RITA

Amanhã, a sessão ordinária da ALPB ocorrerá em Santa Rita, como parte do projeto de sessões itinerantes que vem sendo realizadas pela casa nos municípios paraibanos. Após a ordem do dia e a votação de projetos, a sessão será transformada em sessão especial, em homenagem aos 130 anos de emancipação política da cidade, explicou o presidente, Adriano Galdino (PSB).

IGUALDADE

No Dia Internacional da Mulher, o deputado Chió (REDE) confirma à coluna a tramitação, na ALPB, de projeto de lei que estabelece igualdade de premiação para homens e mulheres nas competições esportivas realizadas ou patrocinadas por órgãos e entidades do poder público. "O esporte ainda é um ambiente marcado pela desigualdade de gênero, e a disparidade nas premiações é uma evidência desta realidade", disse.

ELEIÇÃO DE VEREADOR: CIDADANIA TERÁ 40 CANDIDATOS EM JP

E por falar no Cidadania, o presidente do diretório municipal de João Pessoa, Bruno Farias, confirmou que o partido vai lançar 40 candidatos, entre homens e mulheres, para a eleição proporcional. Este ano, pela primeira vez, os partidos não poderão fazer coligações para a eleição de vereador, como determina a legislação eleitoral.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albiége Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC
BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéia
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509
E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

OUIDORIA: 99143-6762
ASSINATURAS: Anual R\$200,00 / Semestral R\$100,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATOS: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

Ednaldo Tabajara,
cacique da tribo Tabajara

“Muitos morreram porque não aceitamos ser escravos”

Atacados pela sociedade e até pelos governantes, os “verdadeiros donos” do Brasil cunham história de resistência e beleza

Rammom Monte
rammom511@hotmail.com

Perseguição, preconceito e muita luta. Isto é apenas um pouco da realidade que os indígenas brasileiros enfrentam diariamente. Atacados pela sociedade e até pelos governantes, os “verdadeiros donos” do Brasil cunham uma história de resistência e beleza. A reportagem entrevistou o cacique Ednaldo Tabajara, da tribo Tabajara, localizada do Litoral Sul da Paraíba até Alagoas. Na conversa, ele fala um pouco de história, sentimentos e costumes. Confira o papo na íntegra, abaixo:

A entrevista

Conte um pouco da história da tribo e da sua história dentro dela.

Nós dividimos nossa história em três. Primeiro, a invasão portuguesa; temos um documento que relata que a gente teve o primeiro acesso aos portugueses em 1573, o primeiro encontro dos tabajaras com os portugueses, no Rio São Francisco, onde hoje é a cidade de Penedo (AL). Lá, nós pegamos uma amizade com os portugueses e fomos com uma missão para o

Sertão e, no Sertão, eles aprisionaram os índios. Então, vendo aquilo, matamos todos os portugueses e em troca pegamos todos os tabajaras que lá estavam e fugimos subindo o Sertão, até pegar o Rio Paraíba, e do Rio Paraíba descemos e aqui encontramos os índios potiguaras já quase em 1600. Quando os portugueses tentaram chegar à Paraíba, mesmo a gente brigando com os potiguaras, guerreamos para os portugueses não chegarem. Houve quatro expedições e quando foi na quinta um coronel deles soube que tinha uma briga entre tabajaras e potiguaras e os potiguaras já estavam aliados aos holandeses; a gente se aliou aos portugueses e derrotamos os potiguaras e os expulsamos para a Baía da Traição.

Em troca, o nosso povo, o nosso cacique Piragibe pediu para que a gente dividisse o território. Na época, foram doadas três sesmarias para nós, tabajaras. A primeira, na Ilha do Bispo, a segunda em Aratagui, que é em Alhandra, e a terceira na Jacoca, hoje Conde e Pitimbu. E fomos para lá. Isto no final do século XVIII.

Até o governo brasileiro começar a doar as terras para os colonos que vinham de fora, aí veio a família Lundgren. Esta família veio e começou a tomar todo território da parte litorânea até o Rio Grande do Norte. E com isto, vieram matando muitos tabajaras. Nós éramos 40, 50 mil tabajaras. Nesta época, começamos a reduzir nosso povo. Mas a gente nunca deixou o

território. Aqueles que não saíram para João Pessoa, ou para o Conde, Alhandra, Caaporã, Pitimbu, foram obrigados a trabalhar para os filhos de Frederico Lundgren. Por isso, que quando foi feita uma pesquisa se viu que os tabajaras estavam confundidos com os agricultores e acharam que os tabajaras não estavam mais no território, mas na verdade estávamos silenciados nas mãos dos coronéis.

Quando chega em 2006, vem a minha história, renego ser jogador de futebol profissional e venho para lutar pelo meu povo. E nós reiniciamos a luta dos tabajaras na Paraíba no dia 21 de junho de 2006, quando começa o primeiro ano de luta, toda história.

Aí, nós viemos buscar onde estava o povo tabajara. Eu conhecia um que era primo, o outro conhecia outro e começou a dizer que os tabajaras estavam voltando de novo para a primeira reunião, segunda reunião... Na terceira reunião do nosso povo, em seu terceiro ano, chegou uma família muito grande, de Piaba (porque os tabajaras são tratados com apelido de animal). Ele procurou estas terras, mas não conseguiu. Antes de falecer, ele reuniu um grupo familiar dele e disse que um dia iria aparecer um jovem, novo, capacitado, que esta terra estava cheia de prédio, mas ela voltaria para o verdadeiro dono. Ele morre, 50 anos depois, eu apareço. Aí, aparece esta família e se pergunta se eu era o jovem que o pai deles falava. Eles foram para a reunião. E foram me dando força, e depois de três anos de luta, eles me falaram: meu avô falava que ia chegar um jovem que ia resgatar a história dos tabajaras. Voltamos a chamá-los para lutar com a gente e no quarto ano de luta conseguimos trabalhar a parte da nossa cultura, nossas vestimentas, nossas saias, nosso toré. No quinto ano, fomos mudar o nosso nome para incluir o nome tabajara e depois começamos a buscar terras. Ganhamos uma terra onde foi construída a segunda aldeia do povo, a primeira é na Barra de

“Nós pegamos uma amizade com os portugueses e fomos com uma missão para o Sertão e, no Sertão, eles aprisionaram os índios”

“Na época, foram doadas três sesmarias para os Tabajaras. Na Ilha do Bispo, em Aratagui, em Alhandra, e na Jacoca, hoje Conde e Pitimbu”



“O primeiro encontro dos Tabajaras com os portugueses foi no Rio São Francisco, onde hoje é a cidade de Penedo, Alagoas”

Gramame, a segunda é na Aldeia Vitória, na Mata da Xica, e estamos agora construindo a terceira aldeia, perto de Coqueirinho.

Hoje, são quantos tabajaras?
Somos 1.200 tabajaras.

O senhor citou esta guerra entre os tabajaras e potiguaras. Como ela teve início?

Na verdade o motivo a gente não sabe. Porque foi logo quando a gente chegou aqui na Paraíba e contamos para eles que tinham chegado uns homens brancos em barcos e nos aliamos e fomos atacar junto o Forte de Itamaracá, que já tinha uma base lá nesta época. No caminho, a gente não sabe o porquê, mas teve uma primeira briga. Aí foi determinado um limite territorial. Da margem esquerda do Rio Paraíba até o Ceará é potiguara. Da margem direita do Rio Paraíba até Alagoas é território tabajara.

Hoje em dia os povos se dão bem?

Hoje em dia, a gente está em um Movimento Indígena no Nordeste, no Brasil, e temos uma boa relação.

Você citou que abdicou de sua carreira de jogador de fute-

bol profissional. Como foi isto?

Eu me criei em Pitimbu, com 7 anos de idade saí para Maceió e depois de quatro anos meu pai voltou e eu fiquei lá. E comecei aos 10 anos a jogar bola. Com 19 anos eu fui para o Benfica, de Portugal. Aí voltei para me despedir da minha família e encontrei o meu tio-avô, chamado João Gringo, e ele falou uma história para mim, disse que eu era o menino que poderia resgatar a história do povo dele de volta. Aí eu não consegui voltar mais para jogar bola.

A gente sabe que há uma perseguição histórica dos indígenas no Brasil. Você saberia dizer o motivo, em sua concepção?

É por causa da maneira como eles vieram, com a concepção de escravizar, com a visão capitalista. Nós, indígenas, não somos do capital. Então, este é o primeiro ponto. Por que a gente é dado como preguiçoso? Porque temos uma vida diferente do que é a vida do não indígena. A gente vive dentro da aldeia e cada um tem seu roçado atrás da sua casa. E a gente

antigamente vivia da caça; quando estava faltando carne, a gente ia para a mata, pegava a caça, trazia, alimentava a família e estava bom. O capital, quando chega, nos obriga a trabalharmos para o capital, mas não para a família. Então, isto foi um dos motivos por terem morrido muitos indígenas. Porque a gente não aceitava escravidão. E até hoje não aceitamos, porque temos autonomia de viver da forma que nós queremos, dentro da terra da gente e sem ser oprimido. Porque quem trabalha hoje é oprimido, você vai para uma empresa, tem horário para cumprir, se você não cumprir, você sai. E

“Encontrei meu tio-avô e ele disse que eu era o menino que poderia resgatar a história do povo. Aí eu não consegui voltar mais para jogar bola”

a gente não gosta de cumprir estas regras. Hoje, infelizmente, no Nordeste, por ser o primeiro impactado pelos portugueses, não temos mais a mata, os animais. A gente precisa entrar também neste rumo de trabalho, que fomos impostos a isto. Para sobreviver, senão a gente morre.

Continua na página 4



Continuação

A principal luta do indígena é pela terra?

É a terra. Porque a terra para nós é sagrada. Nossa terra é nossa mãe. Por quê? Onde morrem nossos antepassados, aquela terra vira sagrada, porque ali está a alma dela. Por que o indígena é dado muitas vezes como não entender das coisas? Porque para a gente, a mãe terra dá, mas também tira. Então quando chega um trator e passa por cima, quando chega um cara e mete fogo, a gente não entende. E começa a zelar por isto, aí vem o latifúndio que quer explorar e não compreende como os índios se apegam tanto a uma coisa que poderia dar a riqueza dele. Nós entendemos que nossa riqueza é a natureza, não é o capital.

Cada vez mais os indígenas vêm sofrendo com esta política destrutiva por parte do Governo Federal. Como vocês lidam com tanto ataque?

Na verdade, Bolsonaro não enganou ninguém. Ele já ganhou dizendo que o índio não presta, que o negro não presta, que o homossexual não presta, o ser diferente para ele não existe. Tem que ser todo mundo igual. Tem que cultuar um Deus, andar como exército. E nós temos um país muito grande, onde temos muita história. A gente diz que o Brasil tem esta beleza do branco, negro, índio, mestiço, esta diversidade. Enquanto um governante não entender isto, o Brasil vai sempre passar por esta decadência. Porque é não entender o diferente, que nós estamos em um país misturado, uma cultura rica

e enorme e é esta cultura que as pessoas não entendem.

Um grande problema enfrentado pelos povos indígenas é a questão do alcoolismo e o vício em drogas. Por que isto e como está aqui na Paraíba?

Com relação aos potiguaras e tabajaras, a gente tem combatido muito, mas as coisas saem do nosso controle. Nós, tabajaras, ainda temos um controle, mas em relação aos potiguaras já saiu um pouco do controle, com a falta de um pulso firme. Porque as drogas hoje são um problema da humanidade, destruição das famílias, destruição do que é a cultura indígena, o respeito aos mais velhos, que a gente tanto preserva. Eu fico muito triste porque há muitos indígenas envolvidos, presos, e quando a gente vê, é o índio que não é agregado à luta. É o índio que é o filho do cacique, mas não participa do Toré, não sabe o que é respeito aos anciões. Porque isto aprende no Toré, se não participa, começa a recuar

“É o índio que é o filho do cacique, mas não participa do Toré, não sabe o que é respeito aos anciões. Porque isto aprende no Toré, se não participa, começa a recuar”

os, e quando a gente vê, é o índio que não é agregado à luta. É o índio que é o filho do cacique, mas não participa do Toré, não sabe o que é o respeito aos anciões. Porque isto você aprende no Toré, se você não participa disto, você já começa a recuar. Se eu tenho um filho e sou cacique e ele não participa do Toré, não se pinta, automaticamente ele está se afastando. Então a maioria destes indígenas que estão presos, têm um vínculo cultural, porque perdeu este vínculo.

Você já falou em outra oportunidade que um dos grandes problemas é a questão da terra, porque até para ter acesso à saúde, depende disto. Por quê?

O problema é que o Estado



Foto: Marcos Russo

“O problema é que o Estado separa o que é ser índio aldeado do que é ser índio não-aldeado. Se você sai dali, você está dizendo que não quer aquele direito tanto da saúde quanto da educação diferenciada”

ele separa o que é ser índio aldeado do que é ser índio não-aldeado. Se você sai dali, você está dizendo que não quer aquele direito tanto da saúde quanto da educação diferenciada.

Mas ao mesmo tempo não fazem a demarcação...

Não fazem. É um contraste. A nossa principal luta indígena no Nordeste é a demarcação das terras indígenas. Porque o Estado brasileiro, independente de governo, não tem cumprido o que a Constituição manda, que são cinco anos para demarcar uma

terra indígena. Tem povo indígena que tem 30, 40 anos e não fazem a demarcação. E aí este governo louco, posso até falar isto, viu que já que os outros não fizeram, não seria ele que iria fazer. Ele vai é piorar. Aí você vê indígena sendo morto, terras indígenas para garimpo, terras sendo desmatadas. E temos um grande leque, porque os índios do Amazonas, do Nordeste e do Centro-Oeste estão em um contexto totalmente diferente. E o governo coloca tudo em uma balança só. Enquanto aqui no Nordeste a gente está pedindo para demarcar 30 mil hectares, eles estão brigando lá para 1 milhão, dois milhões. A gente briga por 30 para ficar com cinco, seis, com 10. Porque tem todo um processo. Nós já tivemos 34 mil hectares e hoje estamos brigando por quatro mil, estamos renegando 30 mil hectares e com muitos problemas e ainda não é demarcado. Porque, nós tabaja-

ras não temos uma terra demarcada, não temos uma saúde diferenciada, não temos educação diferenciada. Os potiguaras têm tudo, duas terras demarcadas, colégio, posto de saúde e a gente não tem isto.

Há uma polêmica que surge em todo Carnaval: pode ou não usar fantasia de índio? Como você, enquanto indígena enxerga esta discussão?

Eu acompanho estes assuntos e para mim, se está colocando um cocar, está dizendo que os índios estão ali. Eu acho que deveria, na minha opinião, já que vai colocar um cocar, então faça um grupo de amigos e faça um tipo de uma peça. Não é só colocar por colocar. É colocar, pegar um grupo de amigos e colocar a realidade dos indígenas que estão morrendo. Falta de saúde, suas terras estão sendo invadidas. E a gente não vê muito isto. Vê só as pessoas colocando o cocar na cabeça, pulando, como se os índios estivessem alegre com tudo isto que está acontecendo.

“A nossa principal luta indígena no Nordeste é a demarcação das terras. Porque o Estado brasileiro, não tem cumprido o que a Constituição manda”

Mas é um desrespeito?

Eu não acho não. Porque da mesma forma que tem o cara que bebe, tem o cara que não bebe. Tem o cara que gosta de carnaval e tem o que não gosta. Então a minha opinião é que eu

não vejo nisto um perigo para um contexto pior que estão escondendo a realidade dos índios que estão sendo mortos, que estão tendo suas terras invadidas, sem demarcação de terras, faltando médico. Então eu acho que isto é um problema muito pequeno em relação à nossa vida, que está em jogo.

Como você avalia a questão do preconceito? Por que ainda temos e qual recado deixaria para estas pessoas?

Eles não entendem eles mesmo. O recado que eu tenho para dar para a sociedade é que primeiro nós temos que compreender quem somos nós. Depois que você compreende quem somos nós, aí vem a crítica. A maioria dos críticos não sabe nem de onde veio. É isto que a gente tem que avançar, na educação de base. As pessoas que criticam hoje não sabem nem de onde veio, nem quem eram os avós, bisavós deles. E isto é um grande problema na sociedade. No momento em que eu vejo este preconceito. Ele só tem uma coisa, que ainda temos muita luta, porque o Brasil só foi invadido agora, há 500 anos.

Para finalizar, gostaria de deixar um recado geral para a sociedade?

A frase que nós temos para nós tabajaras é esta: arrancaram nossas folhas, quebraram nossos galhos, cortaram nosso tronco, mas esqueceram de arrancar a nossa raiz. Por causa disto estamos aqui hoje.



Foto: Marcos Russo



As mulheres paraibanas e a união nas lutas em comum

Ribeirinhas, quilombolas, trans, indígenas mostram que neste 8 de Março há muito o que se conquistar e comemorar

Laura Luna
lauraragao@gmail.com

Oito de Março, dia internacional da força, da sensibilidade e da coragem. Independente da origem, formação ou da atividade que desenvolva, são muitos os desafios enfrentados pelas mulheres. Leões que precisam ser vencidos diariamente e que reforçam a máxima que de frágil o ser feminino não tem nada. Na Paraíba, muitos exemplos estão aí para mostrar as fortalezas e inspirações que são essas mulheres e as lutas que as une. Na terra de Margarida Maria Alves e Anayde Beiriz o desejo por mudanças e vitórias é latente e caminha firme sob o patriarcado.

Quilombolas

Foto: Arquivo Pessoal



Para quem já nasceu na luta, o empoderamento veio cedo, esse é o caso de Ana Lúcia Rodrigues, mais conhecida como Ana do Coco. A líder quilombola acompanhava a mãe, que fazia parte da Pastoral da Terra, quando ainda era criança e cresceu com a consciência de que a mulher tem um lugar importante a ser ocupado. “Por isso, aos 16 anos comecei a trabalhar com as questões de terra, ajudando famílias a conquistarem um pedaço de chão para tirarem o seu sustento”, conta Ana, que nasceu e se criou no Quilombo Ipiranga, localizado no Litoral Sul de Conde. A professora do Ensino Fundamental, hoje aposentada, lembra que há 26 anos quando dava aulas como voluntária para crianças em um acampamento na região precisou fazer uma escolha importante. “Meu marido reclamava muito do tempo que eu dedicava a esse trabalho e pediu para que eu escolhesse entre a luta ou ele, escolhi a luta”, disse sem titubear.

O pai das duas filhas partiu e Ana do Coco seguiu com a criação das meninas, a sala de aula e a luta por melhores condições para o povo do Quilombo Ipiranga. “Assim como minha mãe, cheguei a levar minhas filhas para o trabalho e para as reuniões, quando não tinha com quem deixar. Hoje tenho duas filhas fortes e empoderadas”. Avó de quatro netos, a quilombola é coordenadora do grupo de Coco de Roda ‘O Novo Quilombo’, do grupo da Terceira Idade ‘O Novo Horizonte’ e está à

frente também de um grupo de mulheres que produzem biojoias com sementes e outras matérias-primas da região, o ‘Biojoias Duá’ (@biojoias_dua). “Meu maior desafio hoje é abrir os olhos de outras mulheres, ainda têm muitas sofrendo muito em suas casas, se submetendo a relacionamentos abusivos e uma vida sem perspectiva. A gente não sabe a força que tem”.

culação das Mulheres Indígenas da Paraíba (AMI-P-PB), conta que entre os tabajaras, a memória e os ensinamentos das avós é muito forte e o respeito às mulheres da tribo é decorrente de um pro-

sabem, é atacada desde o descobrimento do país. “São desafios diários, nós somamos a luta da mulher cotidiana, contra a violência e o machismo, com a luta pelo reconhecimento étnico”. A entrevistada lamenta o momento pelo qual os povos indígenas têm passado.



O grito tabajara

Foto: Ortilio Antonio



Para quem vem de um povo onde a família é baseada no matriarcado, o 8 de Março é uma data para refletir e renovar forças para seguir lutando, como faz Jacyara Maciel. Desde pequena a indígena de 30 anos, filha de cacique, está inserida na luta do seu povo tabajara.

A antropóloga, que é coordenadora de Políticas Públicas para as Mulheres do município de Conde e membro da Arti-

povo”, explica. A questão é quando ela sai desse contexto para lidar com a sociedade não indígena. Jacyara conta que são dois pesos: ser mulher e ser indígena, precisando lutar pela preservação de uma identidade que, como todos

retrocesso das conquistas”. Segundo o último censo, existem cerca de 600 mulheres indígenas tabajaras na Paraíba.

Mulheres dos rios

Foto: Marcos Russo



Adriana Lima é outra grande representante da força feminina, inclusive no que diz respeito à capacidade de desempenhar múltiplas atividades. Mãe de três filhos, dona de casa, esposa e

“E não tem sido fácil, a mulher que abraça uma causa ainda sofre muito preconceito”, desabafa. E mesmo em meio a tantas incertezas, que ainda angustiam a ribeirinha e mais outras tantas famílias da Vila Nassau, Adriana não perde o senso de humor. “São duas grandes lutas que enfrento hoje: a primeira é a nossa permanência aqui e a segunda é a menopausa”, disse sorrindo.

A coragem trans

Foto: Roberto Guedes



Quem todos os dias trabalha na construção de uma identidade feminina garante que ser mulher independe da fisiologia. Aos 17 anos, quando ainda cursava o Ensino Médio, a pessoense Louise Assis deu início ao processo de transição e para se tornar mulher transexual precisou superar alguns desafios. “Imagine pertencer a uma família cristã e heteronormativa. Naquele contexto eu ainda não tinha consciência quanto a ser mulher, me via como gay”, lembra. Foi o tempo e as informações que fizeram Louise tomar a decisão que transformou não só a aparência mas toda a vida da comunicóloga e assessora técnica. E em uma sociedade ainda marcada pelo machismo, onde as mulheres estão em posição de desvantagem em relação aos homens, onde vez por outra se ouvem colocações do tipo: ‘Se eu fosse homem não estaria passando por isso’, ‘Seria mais fácil’, ‘Não sofreria tanto’, Louise segue firme na busca constante pela sua individualidade, independente do preço a ser cobrado pela sociedade assolada no preconceito.

“As mulheres trans estão abaixo de todos os marcadores sociais, em situação de vulnerabilidade constante e marginalidade social extrema”, coloca. Mesmo com todos os desafios, Louise sabe que ocupa um lugar privilegiado em relação à população transgênero, vítima da exclusão, da baixa escolaridade, do desemprego e da violência.

“Ser mulher não me torna mais especial, ser mulher foi algo necessário ao meu ser. Hoje me sinto quase plena, porque acredito que todo ser humano está sempre em busca de algo que ainda não tem”. E Louise está em busca daquilo que muitas, milhares de mulheres em todo o país buscam. “Qualidade de vida e estabilidade financeira”, afirmou.

Feminismo trava embate histórico contra opressão

Apesar das conquistas, é preciso continuar lutando, especialmente, em um país que ocupa 5º lugar em violência de gênero

Ana Flávia Nóbrega
ana8flavianobreg@gmail.com

Mesmo com a conquista gradual de direitos e a ocupação de espaços que antes foram hostis, as mulheres ainda têm muito pelo que lutar. Em pleno século XXI, direitos são ceifados, mulheres são exploradas, violentadas e assassinadas ao redor do mundo pelo simples fato de serem mulheres. Isso acontece como reflexo da sociedade machista e patriarcal que as restringe com o argumento do sexo frágil.

Para lutar contra isso, as mulheres se organizam como fizeram suas antepassadas que conquistaram cada mínimo direito que possuem hoje. O feminismo, movimento ideológico, político, social e filosófico que defende a igualdade de direitos entre homens e mulheres que ganhou força no século XIX, uniu o gênero em lutas e causas. Juntas, as mulheres empoderaram umas às outras e se fortaleceram.

“Historicamente a luta das mulheres é uma luta que se afirma cotidianamente devido a não superação da desigualdade, opressão e exploração da vida de nós, mulheres. Ainda temos que sair às ruas no 8 de Março em pleno século XXI para denunciar o machismo, o feminicídio, o racismo, a transfobia... Por senso comum, a



Foto: Joana Santos

Desde 2016, mulheres de diferentes movimentos se reúnem na Paraíba e no Brasil para a construção da Jornada 8 de Março, conhecida como 8M

data de hoje remete à ideia de um dia sensível e delicado onde todas as mulheres deveriam ser tratadas com carinho e respeito. Mas não é isso. Esse é um dia de luta e a gente se mobiliza para que a gente possa buscar uma vida digna para todas as mulheres”, avaliou Nívea Cristiane

Pereira, professora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e coordenadora do Fórum de Mulheres em Luta da instituição.

No Brasil, desde 2016, as mulheres de diferentes movimentos de cunho feminista se reúnem na construção da Jornada 8 de Março ou 8M

com o objetivo de fazer reflexões sobre a sociedade e condições de vida. A organização de mulheres é necessária porque, durante toda a história de luta, os direitos só foram conquistados a partir da unidade e força coletiva.

“Estamos denunciando as várias dimensões dessas

desigualdades. As relações sociais brasileiras sempre nos manteve à margem do acesso a direitos mais básicos como habitação, educação, saúde e perceber que o 8 de Março consegue reunir essas dimensões, levar mulheres às ruas e a sociedade a refletir sobre essas opressões já é um

ganho político fundamental”, declarou Nívea Cristiane.

Mulheres negras, indígenas, brancas, cis, trans, novas, velhas, gordas, magras, mães e solteiras. O Brasil apresenta perigo e desigualdade para todas elas. O país ocupa a quinta colocação no ranking mundial de violência contra a mulher, segundo dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH), o Brasil só fica atrás de El Salvador, Colômbia, Guatemala e Rússia.

“A necessidade de continuar lutando por direitos e pela vida de outras mulheres é a necessidade histórica de exigir o reconhecimento de que mulher é gente. De que mulher é um sujeito que tem direitos e que devem ser respeitados. É muito forte para nós reconhecer que toda a opressão, exploração e violência que sofremos é pelo fato de que somos mulheres. Não há lugar seguro para as mulheres no Brasil. É por isso que nós nos reunimos, estamos organizadas e em alerta permanentemente. Enquanto uma mulher estiver sendo vítima dessa opressão, nós estaremos organizadas e juntas exigindo direitos e contribuindo para o mundo melhor para as próximas gerações e para as próximas mulheres”, declarou a coordenadora do Fórum de Mulheres da UFPB.



Nívea Cristiane, do Fórum de Mulheres em Luta da UFPB

Luta contra feminicídio é todo dia

Aos 90 anos e após passar anos sendo vítima de violência verbal, psicológica e física pelo marido, Elza Soares falou ao mundo em 2015 tudo o que passava no relacionamento com o ídolo do futebol brasileiro, Garrincha, através da música - manifesto “Maria da Vila Matilde” em que incentivava as mulheres a denunciar seus agressores antes que estes se tornem algozes com as mãos sujas de sangue. Demorou, mas a cantora trouxe a dor vivida em casa para que histórias assim não se repitam. Mas a realidade ainda é outra.

Ao todo, 1.314 mulheres foram assassinadas no Brasil por questões decorrentes do gênero em 2019. Na Paraíba, o ano passado chegou ao número de 73 assassinatos de mulheres. Destes, segundo a Secretaria de Segurança e da Defesa Social (SEDS), 38 casos foram registrados como feminicídios que é o homicídio praticado contra a mulher em decorrência do gênero e como agravamento da violência doméstica sofrida em milhões de lares no Brasil. E também fora dos lares já que grande parte dos óbitos

de mulheres é ocasionada por ex-companheiros descontentes com o término do relacionamento e que, por conta do sentimento de posse, não entendem que a vida da mulher não tem dono.

O Brasil registra um aumento 13% para 37% entre 2011 e 2019 em que os agressores eram ex-maridos e também ex-namorados no momento do ataque. O que representa um aumento de 284% desses casos. Os dados são da Pesquisa Nacional sobre Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, realizada pelo Instituto de Pesquisa DataSenado em parceria com o Observatório da Mulher contra a Violência.

Voltando para o quadro estadual, só em janeiro de 2020, a Paraíba chegou ao número de 12 assassinatos de mulheres com um deles sendo investigado como feminicídio.

Em 2015, o crime de feminicídio (Lei 13.104/15) entrou no Código Penal e passou a prever o assassinato de mulher pela condição de ser mulher como circunstância qualificadora do crime de homicídio e, no mesmo norte, foi inserido no rol de crimes hediondos.

8M: Ser mulher é um ato político

No dia de hoje, na Paraíba, as mulheres se reúnem a partir das 16h no Busto de Tamararé para o ato alusivo ao Dia Internacional da Mulher. Levando às ruas a força e a garra das mulheres lutadoras por direitos, realizando o I Festival Político e Cultural das Mulheres que tem o lema “Basta de Violações! Juntas por Direitos!”. A ação do dia, no entanto, não define toda a jornada que terá uma agenda de eventos durante todo o mês de março. São mais de 60 organizações na promoção e realização do ato, dentre elas, partidos políticos, sindicatos, associações, ongs, coletivos, movimentos sociais, grupos, Secretarias de Governo e fóruns.

Segundo Joana D’Arc da Silva, da Cunha Coletivo Feminista, as mulheres estão indo para as ruas contestar e denunciar o projeto ultradireitista em vigor, que é de profundo desmonte das políticas públicas voltadas para o segmento. “Este projeto coloca em risco nossas famílias, nossos filhos, atenta quanto à qualidade de trabalho e de direitos. E a gente percebe que desde a destituição da primeira presidenta eleita que as regras estão sendo burladas sequencialmente com o agravamento do golpe, onde o atual presidente viola os espaços e atenta contra as instituições e a democracia a qual ele jurou ser o guardião”. O que leva as mulheres

às ruas é a necessidade. Necessidade, sobretudo, de continuarem vivas. E, para isso, é necessário lutar unidas por políticas públicas eficientes para preservar as vidas das mulheres. E combater a forte onda de retirada de direitos.

“É muito bom saber que podemos contar com uma rede de apoio. E esse momento de inquirição traz essa sororidade e empatia que está bem latente entre nós mulheres”, relatou Érica de Oliveira, fundadora do projeto Nossa Fala, uma rede de mulheres atuantes em diversas áreas que estarão, a partir deste domingo, produzindo material para outras mulheres, através de plataformas de produção e compartilhamento multimídia.

O movimento de união entre as mulheres é uma das

faces do feminismo moderno que prega, principalmente, a sororidade. E sororidade nada mais é do que a relação de irmandade, afeto, união entre mulheres que compartilham os mesmos ideais e propósitos que se caracteriza pelo apoio mútuo que rompe com a ideia de competição construída e alimentada por anos.

Saiba mais

Na Paraíba, existem atualmente 14 Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher, além de um núcleo. No ano passado, as delegacias instauraram um total de 4.624 inquéritos policiais para apurar casos de violência doméstica e de gênero. Foram enviados ao Judiciário 4.941 pedidos de Medidas Protetivas para as mulheres vítimas de violência.

Foto: Arquivo Pessoal



Érica Oliveira ressalta a importância da sororidade entre as mulheres

Startup vai representar a PB em evento com o papa

Voltada para o apoio ao empreendedorismo das mulheres, a Be.labs estará no Economy of Francesco, na Itália

Lara Brito
Especial para A União

A empreendedora Maria Clara Magalhães vai representar a Paraíba no Economy of Francesco, um encontro com o papa Francisco em Assisi, na Itália, que visa reunir estudantes visionários e jovens empreendedores para discutir e repensar a economia. O evento acontece dia 23 e 28 de maio e ao todo foram dois mil selecionados. Maria Clara ainda está em uma lista mais seleta, de 500 convidados para um pré-evento com o papa.

A jovem estudante de 23 anos é sócia de uma aceleradora, a Be.labs – uma startup que apóia mulheres empreendedoras no desenvolvimento e aceleração de negócios.

Nascida em Arapiraca, Alagoas, ela relata que desde criança já era muito ativista.

A Be.Labs nasce, então, unindo o espírito empreendedor de Maria Clara com sua vontade de mudar o mundo, visando diminuir a desigualdade de gênero através da inserção de mulheres no mercado do empreendedorismo. “Não só resistir, não só reclamar, mas tangibilizar ações e negócios que ajudem a mudar essa realidade. Falar é fácil, mas a gente precisa fazer alguma coisa”, declarou. Além de sua startup, a

jovem é também representante do IEEE Women in Engineering International Leadership Conference (WIE ILC) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) nos Estados Unidos. Agora, ela atravessa ainda mais fronteiras pelo mundo com seus ideais.

“O encontro é a realização de um sonho mesmo, porque a gente precisa discutir esses fatores econômicos e eles são muito importantes na construção de um mundo unido. Eu acredito muito no diálogo”, disse Maria Clara. A Economy of Francesco não discute apenas negócios, ele também ressalta a importância da sustentabilidade, inovação e igualdade na configuração dos novos modelos econômicos e a Be.labs se alinha em todos esses quesitos.

“A Be.labs surgiu como um ato revolucionário de mudar essa realidade” declarou a empreendedora. Criada pelos empresários Marcela e Christian Fujij e Maria Clara Magalhães, a empresa tem como foco o atendimento de mulheres que querem abrir um negócio, empresas lideradas por mulheres ou que as tenha dentro da equipe.

Visão feminista

Estar em curso majoritariamente masculino reforçou sua visão feminista. Durante a graduação em engenharia

elétrica na UFCG, sua participação no IEEE WIE ILC abriu muitas portas, mas a principal foi conhecer Marcela, que a levou ao empreendedorismo. “Nesse caminho de querer representar as meninas e ser voz, eu sempre gostei muito de matemática, fui medalhista das olimpíadas. Escolhi fazer engenharia elétrica justamente por essa afinidade grande com as áreas de exatas, mas também tinha aquilo de “ah, se não tem menina eu vou lá representar e mostrar que elas podem!”, relata Maria Clara.

“Ela (Marcela) e Christian tiveram a ideia da Be.labs e na mesma hora me chamaram para ser sócia. Então eu costumo dizer que cai de quedas no empreendedorismo, apesar de me considerar empreendedora desde de criança por ter esse espírito de não aceitar a realidade de maneira resignada.”

“O encontro é a realização de um sonho mesmo, porque a gente precisa discutir esses fatores econômicos e eles são muito importantes na construção de um mundo unido”



Maria Clara Magalhães, da Be.labs, tem uma visão feminista do que é estar num meio ocupado por muitos homens



Foto: Divulgação



Fortalecer iniciativas de mulheres é um dos objetivos da startup

Acelerando o empreendedorismo

O trabalho da aceleradora é assessorar essas mulheres empreendedoras. Para isso, são feitas turmas de pré-aceleração, onde as orientações duram de seis a oito semanas e são focadas em construir um modelo de negócios do cliente, mentorias e estratégias de marketing e vendas, por exemplo. “A gente promove essa construção de um negócio, um que já existe ou um que está só no papel. A ideia é que essa colaboração faça o negócio deslançar. A gente desenvolve todos os sentidos da empresa desde a concepção de qual é o desafio até o worldmapping em relação a futuros”, explicou Maria Clara.

O objetivo de formar turmas de aceleração é crescer e formar uma comunidade empreendedora, desconstruindo o mito de que essa jornada precisa ser solitária. Esse acompanhamento acontece primeiramente em grupo e, na sua fase final, individualmente com cada empresa proposta. “O que a gente vê

é que quando fazemos uma aceleração individual a ideia morre. A ideia é fortalecer essa comunidade, esse vínculo e essas sororidade para que o negócio não morra”, disse a empreendedora.

Segundo Maria Clara, o mundo da economia e do empreendimento está crescendo para as mulheres, mas continua ainda sendo muito segregado.

Ela sente também que a responsabilidade é tornar o protagonismo feminino presente em negócios altamente escaláveis, com alta rentabilidade, como a alta tecnologia. A empreendedora observa que existem muitas empreendendo em negócios informais, como a culinária, focando em bolos e doces. “A gente não vê mulheres na tecnologia, desenvolvendo aplicativos, em start unicórnios que é mulher na capa de revista que publicam sucessos de empreendedores. São todos homens e homens brancos. Ainda é bastante segregador.

Convite do encontro foi feito pelo papa

Durante 26 de março até 28 de março o Papa Francisco receberá jovens empreendedores ou líderes com ideias criativas para a economia de hoje e de amanhã. O convite para “The Economy of Francesco. Jovens, um pacto, o futuro” foi feito diretamente pelo papa e foi dirigido

para jovens de até 35 anos.

O evento é um encontro para debater a economia sob a perspectiva do desenvolvimento sustentável, justo e ético. Este encontro terá laboratórios, eventos e exposições artísticas, debates com economistas e especialistas em desenvolvimento sustentável, além

de empreendedores e empreendedoras que se encaixam na perspectiva de construir um novo modelo econômico, mais igualitário e preocupado com o futuro.

O objetivo é favorecer o surgimento de novas ideias através da reflexão conjunta dos jovens nestes três dias.

Foto: Divulgação



O evento é um encontro para debater a economia sob a perspectiva do desenvolvimento sustentável, justo e ético

Mulheres empreendedoras promovem desenvolvimento

Do Sertão paraibano, brotam iniciativas que, além de gerarem lucros, mantêm a tradição e unem famílias

Márcia Demensthuik
Especial para A União

Era um dia atípico no Sertão da Paraíba. Na varanda da casa, no Sítio São João, zona rural de Pombal, ouviam-se os tambores do céu. Cerca de 20 pessoas eram testemunhas oculares da narrativa de Maria da Paz do Nascimento dos Santos e Silva, Dapaz, a mulher que conduziu a trajetória de 16 famílias de agricultores de meeiros a empreendedores.

Nuvens mais carregadas se aproximavam sem expulsar o calor que fazia. Nem mesmo o sol se rendia. Num cantinho da varanda estava Izabel [Rufino] da Silva Santos, mais atenta à movimentação na varanda do que aos prenúncios de chuva torrencial.

Foi observando Dapaz e outras experiências que

Izabel promoveu uma reviravolta ancestral na comunidade oriunda, os quilombolas Rufino. As duas histórias sob o mesmo teto nascem em margens distintas do Rio Piranhas, uma à esquerda e outra à direita. Ambas elevam a dignidade de pessoas destinadas a permanecerem à margem - do desenvolvimento, da transformação digital, das oportunidades, do amor-próprio.

A força das mulheres gera melhorias e incentiva a economia em seus municípios através de puro empreendedorismo



Fotos: Diego Nobrega

Dois mulheres que conquistaram vitórias, levando em consideração os valores locais de suas regiões: as lutadoras Dapaz (E) e Izabel (D)

Resistência

Produção de cerâmica é centenária na Paraíba

Sem demora, choveu. Pingos grossos encharcaram o terreno de onde os Rufinos extraem o barro e as pedras para a mistura da matéria-prima da cerâmica produzida pela comunidade desde os tempos de Mãe Quina, Joaquina Maria da Conceição. No início do século XX Mãe Quina casou-se com Antônio Rufino de Jesus e chegaram em Pombal. Compraram lotes do sítio São João, às margens do Rio Piranhas, e tiveram 13 filhos. Antônio Rufino era filho de Rufina Maria da Conceição, a ex-escrava doméstica, alforriada pela Lei Áurea de 1888. Os ramos da família passaram dos 80 núcleos hoje. No Sítio São João permanecem pouco mais de 50 famílias, mas a tradição do artesanato estava morrendo. Artesanato de cerâmica não dava dinheiro. Impossível sustentar a famí-



Família reunida mantendo a tradição e a vida do artesanato local

lia. Poucos artesãos insistiam em moldar o barro - duas ou três das mulheres mais idosas. Vender onde, a quem?

"Mande Izabel ir praquela feirinha pra vender!", ordenou alguém. Izabel trabalhava como doméstica e encarou o novo desafio. A primeira vez, por volta de 2015, foi vender a cerâmica dos Rufinos na Festa do Rosário, tradicional

em Pombal e com um significado especial na tradição religiosa e folclórica dos Rufinos. Uns dois anos depois, em uma feira, Izabel montou sua "mesinha de exposição" próximo ao estande do "Bolo das Oliveiras" - produção de uma padaria comunitária liderada por mulheres, de Várzea Comprida dos Oliveiras, próximo a Pombal.

Mulheres abrem indústria de polpa natural de frutas

A história de Dapaz passa pelo acesso à terra. A grande propriedade onde as 16 famílias viviam pertencia a uma família e as gerações de moradores eram meeiros: a colheita era dividida com o dono das terras. Com a morte dos proprietários, os filhos colocaram as terras à venda. As famílias se associaram, assessoradas pela antiga Emater [Empaer] e usaram o Crédito Fundiário (antigo Banco da Terra). Mas ninguém conseguiu pagar. Anos depois, com o programa de regularização de dívidas rurais do Banco do Nordeste, negociaram de forma que cada família conseguiu quitar o va-

lor da dívida e se tornar proprietária da terra. Era 2006.

Na varanda de sua casa, entre trovoadas, Dapaz falava com propriedade sobre cooperativismo, economia solidária, planejamento estratégico, ampliação de mercado e inclusão:

"Os homens trabalhavam na terra mas nós, as mulheres, os jovens, precisávamos ter uma renda. Decidimos fabricar polpa de fruta porque ninguém oferecia o produto na região. Nossa ideia era plantar o pomar, colher e produzir. Mais uma vez a Emater ajudou: mandamos um projeto de agroindústria para o Cooperar (projeto para o desen-

volvimento rural) e montamos nossa indústria, a Fonte do Sabor. Fizemos uma plantação de frutíferas, mas veio uma chuva forte e o rio levou as mudas. Começamos a comprar frutas de agricultores familiares de cidades vizinhas. Fechamos com o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) para vender para escolas municipais e estaduais; instalamos energia solar... E eu não parava. Estudei agronomia e fiz pós-graduação"

Estava fechado o ciclo conceitual do arranjo produtivo local? Ainda não, faltava a universidade entrar nos negócios.

Capacitação amplia negócios

A professora Mônica Tejo chegou ao Sertão, em Pombal, para dar aula na Faculdade de Engenharia de Alimentos da Universidade Federal de Campina Grande, em 2010. Inquietou-se, pois não sabia se encontraria na cidade uma alavanca pela qual pudesse alçar seus sonhos de construir uma sociedade onde a vida tivesse mais qualidade, mais empregos e desenvolvimento.

Em meio à atividade acadêmica, montou uma padaria comunitária, embrião da indústria de Bolos das Oliveiras, liderada por mulheres. Acreditando na inovação e no empreendedorismo como solução de desenvolvimento regional, Mônica já atuava na IACOC, "incubadora de agonegócios, que tem por objetivo oferecer suporte para alavancar o potencial e promover empreendimentos de sucesso no meio rural do Semiárido da Paraíba".

A incubadora ganhou fôlego ao integrar o Parque Tecnológico da Paraíba em 2014, Mônica estava como coordenadora Executiva Geral e incentivou as mulheres do Bolo da Oliveiras a passar pelo processo de incubação.

É nesse ponto em que

todas as histórias dessa reportagem convergem. A experiência das empreendedoras dos bolos atraiu Izabel, dos Rufinos. A quilombola encontrou apoio com a professora Mônica Tejo e, pela cerâmica, participou do edital para incubação na Iacoc, no Parque Tecnológico:

"Foi uma reviravolta. Antes da incubação, por volta de 2017, por uma parceria entre a Prefeitura de Pombal e o Cemar [Centro de Educação Margarida Pereira] recebemos a visita de uma artesã de Maturéia, Maria José, que nos ensinou essa nova técnica que usamos hoje para a mistura do barro e novas técnicas para o acabamento das peças. Mas vendíamos pouco.

Depois, Dapaz me avisou do edital para a Iacoc e passamos por todas as etapas; estamos incubados desde o ano passado [2019]. Montamos nosso planejamento estratégico e todos os eixos de mercado e trabalhamos para colocar em prática. Integramos a Ecosol, cooperativa da economia solidária, e por meio dela, emitimos nota fiscal. Não tínhamos base para estabelecer os preços, não tínhamos visão de

mercado para crescer; à medida em que aprendíamos, víamos tudo isso e o mais importante: a missão de resgatar a cultura da nossa família. Criamos a logomarca, redes sociais e posso dizer que nossa produção aumentou muito. Hoje são 15 artesãos, incluindo jovens. Todos se sustentam e até eu deixei de trabalhar em casa de família para dar conta da cerâmica".

A indústria de polpas passou por um processo semelhante. De acordo com Dapaz, a Fonte de Sabor teve um crescimento de 70% na produção e vendas depois da incubação. Ela conheceu a professora Mônica Tejo na UFCG:

"Hoje temos licença para produção de 16 polpas, vendemos, em média, 3 mil kg de polpa por mês; atendemos 35 escolas das regiões de Pombal e Catolé do Rocha. As 16 famílias têm um rendimento de, no mínimo, mil reais por mês. A nossa atividade inspirou a formação de outras duas indústrias de polpa e, dentro do espírito cooperativista e da economia solidária, as três se unem para atender pedidos maiores. Nossa meta é entrar no varejo, em supermercados".



Mulheres mostram o resultado que as capacitações e formações proporcionaram na confecção de polpas



Foto: Divulgação

João Pessoa, Paraíba - DOMINGO, 8 de março de 2020

A UNIÃO 9



Foto: Ortilio Antonio

Preste a completar 70 anos, a artista paraibana realizou mais de 700 composições junto com o seu parceiro, Antonio Barros

O que permanece no coração

No Dia da Mulher, Cecéu fala sobre sua trajetória de quase 50 anos como cantora e compositora

Audaci Junior

audaciauniao@gmail.com

Quando tinha uma brincadeira "de drama" com as crianças da rua, a pequena Mary Maciel Ribeiro queria ser - sem ardeios - uma cantora: Angela Maria (1929-2018).

Está equivocado quem acha que o apreço da paraibana Cecéu pela música começaria somente após o ano de 1971, quando finalmente conheceu seu parceiro para toda a vida, Antonio Barros.

A música chegou bem cedo para a garotinha filha do pai comerciante no bairro de José Pinheiro, em Campina Grande, que cantarolava músicas para encurtar o caminho para a escola e surfava nas ondas radiofônicas pelas letras e melodias dos pequenos dramas musicados como uma peça de teatro de artistas que nunca imaginara que um dia conheceria, como Anísio Silva (1920-1989).

Assim como o feijão com arroz, a chamada "Yoko Ono de Antonio Barros" fortalece no dicionário a definição de parceria, sendo praticamente indissociável quando é citado o companheiro de quase meio século nos palcos. Para este Dia Internacional da Mulher, um exemplo legítimo de nordestina, forte, de personalidade e que administra a carreira desde o começo quando apenas era um dueto romântico no Rio de Janeiro dos anos 1970, na esteira do sucesso de Jane e Herondy, batizados de Tony e Mary nas suas primeiras apresentações.

"Comecei no balcão muito cedo", relembra a cantora e compositora. "Estudava e tomava conta de um balcão de secos e molhados, mas sempre ouvindo todos os programas de rádio".

Quando ouviu pela primeira vez os Demônios da Garoa cantar 'Iracema': "Iracema, eu nunca mais te vi / Iracema meu grande amor foi embora / Chorei, eu chorei de dor porque / Iracema meu grande amor foi você", a pequena Mary percebeu que aquilo era uma história musicada.

Cecéu prontamente puxa pelo fio da memória o slogan

de uma de suas rádios favoritas, a Cariri, ma qual dizia "Música, exclusivamente música, e um só anúncio por intervalo. Ela explica que tocava meia dúzia de canções uma atrás da outra, como se fosse uma FM, e depois obrigatoriamente tinha que dizer o título das seis músicas, o autor e o intérprete.

"Aquilo foi me despertando e me encantando de uma forma tal que sempre queria saber quem era o autor", analisa. "O que passava pela minha cabeça? Comprar a *Revista do Rádio*, que era a vitrine da época por ainda não termos televisão".

Como boa menina que queria ser a Angela Maria, ela declinava em comprar os gibis da *Luluzinha* para acompa-

nhar toda a vida e trajetória dos artistas, principalmente aqueles que se apresentavam na Rádio Nacional do Rio de Janeiro e estampavam o periódico. "A música entrava pelo ouvido, mas permanecia no coração. Aquilo não saía de mim. Até hoje não perdi".

Tanto que se apaixonou primeiro foi pelo trabalho do seu futuro companheiro, antes mesmo de conhecê-lo. "Não sabia da existência do Antonio Barros, mas quando eu ia ao Colégio São Vicente cantava uma música dele sem saber: Marie-tá-tá / Marieta-tá / entalada com cajá".

Foi quando ele voltou do Rio de Janeiro para visitar os pais, em Campina Grande, que a parceria na vida e na música

viria a acontecer. Depois de meses trocando cartas, Cecéu foi à capital fluminense, onde nasceu Tony e Mary. Nesse momento da formação do dueto, nascia também Cecéu, a compositora. A primeira composição solo foi 'Canção do roedor', gravada por Os 3 do Nordeste - "Rói, roí, roí comigo / Vamos ser parceiro / Rói, roí, roí amigo / Quero ver quem roí primeiro".

Depois disso foi uma enxurrada de composições junto com seu parceiro, somando mais de 700 até hoje, a exemplo da clássica 'Bate coração', gravada pela Rainha do xaxado Marinês (1935-2007) e posteriormente por Elba Ramalho.

"Música você não vai sentar nunca pra fazer. Ela vem, a

inspiração", esclarece Cecéu. "Acredito da seguinte forma: como creio em Deus, acredito na espiritualidade e nós somos os receptores. Toda essa questão da música está no universo. E nós temos o dom de captar e de levar para o público".

Seguindo a velha máxima de que o artista vai aonde o povo está, Cecéu e Antonio Barros chegaram a ter programa na extinta TV Tupi e também na Rádio Borborema, mas também usaram as lonas itinerantes circenses como concha acústica. "Conhecemos todo esse Estado da Paraíba porque começamos raloando com sangue suor e poeira. Cidade pequena não tinha teatro, não tinha clubes. Onde a gente iria se apresentar? Nos circos".

O resto é uma história indissociável que não caberia num jornal, cujo compasso é cantado pelos maiores nomes da música nordestina, como Elba, Jackson do Pandeiro (1919-1981), Jorge de Altinho e tantos outros de uma lista tão grande quanto os sucessos.

Perto do aniversário de 90 anos de Antonio Barros, que será na próxima quarta-feira (A União trará uma entrevista exclusiva com o músico), Cecéu não esconde a idade: fará 70 anos no dia 2 de abril. "E me sinto como uma garota".

Aquela mesma garota que sonhava ao pé do rádio em se tornar uma artista que escreveria o seu nome na história da música. E conseguiu.

+ "Pra mim, essa parte de preconceito é um mimimi"

"Quantos lugares nós frequentamos no Brasil para fazer divulgação, e o pessoal chegava pra mim dizendo: 'Nossa! Eu pensava que Cecéu era um homem!'", conta Cecéu, que prontamente rebatia: "Mas não é. Estou aqui, ao vivo e a cores, e sou mulher!"

Sobre sofrer preconceito por ser mulher, a cantora e compositora tem uma posição bem diferente através da experiência que viveu. "Pra mim, essa parte de preconceito é um mimimi", afirma, colocando que nunca passou por isso.

"A mulher, no campo da música, como era algo que não era muito salutar na época, era obrigada a cantar na noite e era vista de forma diferente. Há a dificuldade de ingressar na carreira, mas não o preconceito. Eu vejo por esse prisma", explica a paraibana.

Para ela, a música nordestina teve preconceito social na época em que estava fora do Estado. Como exemplo, Cecéu cita a bossa nova, que foi feita pela elite da Zona Sul do Rio de Janeiro. "A música tem preconceito sim, mas social. 'Aqui nós somos bossa nova, somos isso e aquilo, então você não entra na

minha rodinha'", conta. "O povo da Zona Sul não curtiá Nelson Gonçalves. Tinham vergonha. Como se ninguém tivesse dor de cotovelo".

Biografia de Cecéu

Com um repertório que sempre prima pela positividade, a compositora diz que, no momento de inspiração, a letra e a melodia vem de uma vez só. "Você quer mais inspiração do que o amor? O amor é a

presença universal. O amor é Deus. Na música da gente tudo tem amor", analisa.

Em um exercício de reflexão, Cecéu confessa ainda que, além de querer ser a Angela Maria quando criança, sempre pensou em seguir a carreira na área de administração, caso os caminhos da vida não a levassem para o mundo artístico. O que, de certa forma, se concretizou em paralelo, já que é ela que cuida desse lado administrativo.

Futuramente, a cantora e compositora paraibana confessa que precisa muito fazer uma pequena biografia da sua vida à parte, pois foi muito perseguida pela família do seu parceiro. "A biografia de Antonio Barros será sobre a vida dele, desde criança, onde nasceu, do trajeto musical até chegar a Antonio Barros e Cecéu", explica. "Agora, eu quero fazer a minha: a história que o Brasil não conhece, através de Cecéu".

Foto: Ortilio Antonio



Ao lado de Antonio Barros, seu companheiro de palcos, composições e da vida, Cecéu conta que a música nordestina sofreu preconceito social

Tecnologia e relações sociais

Minha paixão por filmes e livros de ficção científica vem desde criança. Não sei ao certo como, quando ou por que comecei. O que posso afirmar com alguma segurança e uma dose de romantismo siciliano, é que na ocasião fui atingido por um raio com energia suficiente para abastecer esta cidade. Creio que praticamente todo mundo gostaria de viajar ao passado, conhecer outras galáxias e planetas e ainda, se possível, dar uma espiadela no futuro. Como estará a Terra daqui a 2 mil anos? Até lá acabaremos com as injustiças e as guerras ou com a própria humanidade? Máquinas inteligentes assumirão o controle ou serão instrumentos indispensáveis à paz e à felicidade?

A tentativa de antever o futuro é uma das coisas que acho mais fascinante na ficção científica; sempre marcada por utopias e distopias. É com essa maneira ambígua de ver o futuro que a ficção científica rompe com aquilo que observou Walter Benjamin: "A inveja que cada presente teria do seu futuro". Para ficção científica não há garantias de que o futuro será melhor que o presente, nem o contrário. Assim teríamos que lidar com as incertezas da história e a responsabilidade sobre nossas escolhas políticas, éticas e tecnológicas. Viveríamos assim sob a expectativa de criar um novo Frankenstein, resultado de falhas incalculáveis e obsessões megalomaniacas pelo poder; ou produzir robôs programados como os de Isaac Asimov, que colocariam o bem-estar humano em primeiro lugar.

Hoje em dia nos deparamos com as questões: como os computadores e as tecnologias da comunicação estão mudando as pessoas e a cultura? O que esperar daqui por diante? Os efeitos dessas transformações podem ser sentidos, sobretudo, nas interações sociais e no processo de construção do eu e da afetividade. Com a popularização dos computadores não estamos mais restritos a pequenos grupos sociais de copresença, mas livres – até onde a censura e os chyperpunks digam o contrário – para estabelecer contatos e amizades com indivíduos conectados a uma vasta rede social.

De acordo com a pesquisadora Sherry Turkle, do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, o surgimento dessas novas redes de contato vem alterando as relações entre pais e filhos; o compartilhamento de informações; os relacionamentos amorosos e própria subjetividade humana. Haveria, então, uma menor diferenciação entre as fronteiras do "real" e do "virtual". Tal argumento é reforçado com os casos em que indivíduos ao deixarem o mundo virtual se sentiriam travados em suas "vidas reais". Muitos chegam a achar a "vida virtual" mais interessante e menos insípida. Isto se daria, em parte,

porque as visões doue na contemporaneidade se tornaram menos unitárias e mais voláteis. Lembro que no Japão, por exemplo, o número de casais que praticam sexo menos quatro vezes ao ano é elevadíssimo. Muitos homens preferem transar com bonecas infláveis e passar horas em sites pornográficos a ter relações sexuais com as suas esposas.

Nos Estados Unidos, a tendência atual é que robôs passem cada vez mais a executar tarefas de cuidados com crianças e idosos. A receptividade a essa ideia vem sendo construída lentamente. Entre as décadas de 1960 e 1960, os robôs e brinquedos computadorizados eram vistos pela perspectiva da inteligência artificial e da racionalidade – o que passaria a mudar a partir de 1990. Segundo Turkle, atualmente eles ganharam vida e ocupam o imaginário sentimental das pessoas. Isso pode ser ilustrado com os Furbies e Tamagotchis da década de 1990. Transferiríamos, assim, para as tecnologias, a responsabilidade de transmitir amor e atenção para essas pessoas.

Outra questão importante nesse debate é a sensação de controle sobre as fragilidades oferecidas pelas mídias digitais, como Facebook, Twitter e WhatsApp. Essas tecnologias permitiriam um domínio sobre determinados aspectos das interações sociais; algo que não gozaríamos quando estamos frente a frente com outra pessoa. Os tipos de engajamento e comprometimento seriam, nesses casos, mais frágeis e instáveis. Basta lembrar que as comunicações pelas redes sociais podem ser editadas, racionalizadas e ornamentadas de maneira mais convenientes com o interesse do emissor. É possível construir melhor os personagens e as representações e imagens do eu; além de retardar respostas a perguntas complicadas e desconcertantes, conquistando maior controle sobre as expressões emotivas. Um argumento em favor dessas ideias é o fato que muitos jovens preferem enviar mensagens de textos ao invés de usar o telefone.

As gerações que nasceram num mundo conectado foram lançadas num processo de experiências emocionais, mediado pelo uso dessas novas tecnologias. A prática de compartilhar emoções e acontecimentos pelas redes sociais seria, então, decisiva para elaboração do eu. Paradoxalmente, essa mesma situação colocaria milhões de pessoas sozinhas diante dos computadores, ao mesmo tempo em que interagem entre si por meio deles – conheço casais que preferem conversar através das redes sociais, mesmo quando estão dividindo a mesma casa. Nesse cenário, portanto, sentimos cada vez mais dificuldade em lidar com a solidão e dedicamos cada vez menos tempo para autorreflexão e proximidade com o outro.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com

Existo onde não penso

O sofrimento está em nós e através dele é possível conhecer a si mesmo e a existência humana, e isso é constituído pelo 'pathos'. De forma visível ou invisível todo objeto do sofrer ocupa um lugar em nós e esse objeto permite estabelecer uma autenticidade para dá um sentido à vida. É necessário suportar-se quando o sofrimento nos leva a estar só, essa condição surge porque a dor psíquica armazena uma memória corporal. A pulsão que leva o humano ao encontro de um sofrimento, independente às resistências de defesas, apresenta uma falha na própria vontade por se apresentar como uma falha existencial, e à necessidade de reconstruir algo do nosso pertencimento. A dor psíquica faz parte da existência humana e nessa dor existo onde não penso, a sua causa geralmente é inacessível, e isso direciona o humano para o libidinoso, seja na forma de prazer ou desprazer numa estrutura fragmentada ou desprovida de afetos.

O filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900), no seu livro *Gaia Ciência*, diz: "Quero cada vez mais aprender a ver como belo aquilo que é necessário nas coisas. Amor-fati [amor ao destino]: seja este, doravante, o meu amor! Não quero fazer guerra ao que é feito. Não quero acusar, não quero nem mesmo acusar os acusadores. Que minha única negação seja desviar o olhar! E, tudo somado e em suma: quero ser, algum dia, apenas alguém que diz Sim!". Diante desse sim à vida, Nietzsche apresenta o movimento do Eterno Retorno como um caminho para suportar as tempestividades e os conflitos. Aqui se pode questionar como o humano sobrevive diante desse Eterno Retorno e à falta de sentido e de pertencimento diante da vida. Nesse contexto, é possível a sensibilidade existir onde não se pensa. Nietzsche afirma que um Sim – de forma intensa – assegura toda a existência, e isso permite criar novos sentidos para com o próprio destino. O Amor-fati – diante desse Retorno – se torna uma moral através de uma seleção das



Foto: Divulgação

forças ativas para se afirmar diante da vida como uma expressão de amor para com o próprio destino, e isso é uma forma de encontrar uma beleza moral na existência. Afirmar essa moral estética é contribuir para que tudo se torne mais belo, seja diante do desespero assim como da felicidade. O único caminho é o homem está diante de suas próprias forças ativas e não ser influenciado por nenhuma transcendência – encontramos essa tese no livro *Zarathustra*, no capítulo *Da Redenção*.

Para Nietzsche, tornamo-nos o que somos a partir do que nos constitui, que representa a Vontade de Potência, que são forças internas e sempre vão ao seu extremo. E não adianta se lamentar de um erro ou do que poderia ser de diferente a favor da própria vontade. Até porque todo erro é uma nova possibilidade de reconstruir o Amor-fati sem a interferência duma transcendência. Faz-se necessário amar a própria existência para construir a própria identidade e o que se é. O humano precisa dar conta de si e criar sentido a realidade a partir de si, deve transvalorar valores. Esta força ativa é a necessidade de amar o destino, à vida.

Nietzsche, no seu livro *Assim falou Zarathustra*, no prólogo, afirma que o

homem está preso a uma metafísica e isto força-o a errar sempre. E que para superar uma angústia metafísica é necessário amar esse ressentimento e afastar a má-consciência de falsos dogmas, a fim de construir uma nova moral através do Amor-fati – e de forma ativa. A voracidade – dessa força ativa – deve direcionar o humano para não aceitar tudo, essa luta faz parte do Amor-fati. É preciso amar os paradoxos e as contradições, com o objetivo de superá-los para construir uma nova moral. Nessa luta deve-se evitar a brutalidade, o que se prioriza é amar a luta e a não submissão. O Amor-fati deve conduzir o Sim à vida e afirmar a realidade humana como ela é... constituída de sofrimentos e de loucura. Esse movimento incorpora o pensamento do Eterno Retorno. Nietzsche, no seu livro *Ecce Homo*, diz: "quero ser, algum dia, apenas alguém que diz Sim!..."; e segue: "o necessário não me fere; Amor-fati é minha natureza mais íntima". Essa realidade representa a Vontade de estar neste mundo e de amar o destino.

Sinta-se convidado para a audição do 257 domingo sinfônico. Nessa edição vamos conhecer as peças e o pensamento do compositor e pianista russo Piotr Ilitch Tchaikovsky (1840-1893). Ele soube conviver com o sofrimento, e priorizou a sensibilidade para construir a sua existência a partir das forças inatas da natureza humana. No seu pensamento musical encontramos influências do escritor russo Dostoiévsky (1821-1881). Uma das teses de Dostoiévsky é de que o belo da arte é o único caminho para salvar o homem e a humanidade da miséria humana, e o seu livro *Memórias do Subsolo* se aproxima das teses do Nilismo forte e fraco de Nietzsche e da metapsicologia de Sigmund Freud (1856-1939). Essa audição será transmitida pela Rádio Tabajara, deste 8 de março, das 22h até às 00h. Para o ouvinte de João Pessoa/PB sintonize AM 1.110 ou FM 105,5. Para quem reside em outra cidade baixe o aplicativo ou busque no Google por radiotabajara.pb.gov.br.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Guida e Eurídice

Tantas vezes eu quis ser invisível. A semana passada fui pedalar e senti isso, a sensação de que só eu estava ali, além dos segredos de cada um. A bicicleta tem essa viagem de nos fazer invisível e livre.

Vida Invisível, roteirizado por Murilo Hauser, Inés Bortagaray e direção de Karim Aïnouz, a partir da adaptação de romance *A vida de Eurídice Gusmão*, de Martha Batalha é um filme para não esquecer. É belo, pungente e atravessa nossos ossos. Se parece com nossas vidas, com cenas da beleza e da morte. A música foi composta por Benedikt Schiefer.

Vi duas vezes, não porque Antônio Fonseca (no papel de Manuel) pai de Guida (Carol Duarte) e Eurídice (Julia Stockler), é um português que fala meio enrolado e é um machista, mas por entender que se trata de um filme difícil de se ver, ainda que seja singelo. É sobre um pai cruel, o mesmo patriarcado que vem atravessando séculos, e violenta a vida das mulheres, desde tempos remotos. É também um filme sobre ser homem em pleno exercício de perversidade. É um absurdo. O filme dá vontade de gente ser anônimo.

Um filmão que homenageia os folhetins do século passado e conduz o público a uma vulnerabilidade visceral. O diretor (Karim Aïnouz) se afirma nas lembranças de um Brasil que ficou para trás, mas ninguém esquece.

O que devo dizer mais do filme: que as duas irmãs Guida e Eurídice são separadas para nunca mais? Que Guida escreve cartas para Eurídice, que a vida nos esfolta todos os dias? Confesso que fiquei com vontade de encontrar Filomena, personagem de Barbara Santos, para agradecer o que ela fez por Guida.

A vida invisível está em toda parte, em toda cidade, dentro da nossa casa. A vida daqueles que tomam remédios para dormir e acordar; a vida de quem se casa sem amor, a vida de pais e filhos, a vida de quem esconde as coisas, de quem esconde doenças, de quem morre e de quem não morre nunca.

O filme foi premiado no festival de Cannes, na Mostra Um Certo Olhar, principal categoria do festival, ao lado da disputa pela Palma de Ouro. Está lá o retrato da condição de mulheres que são esmagadas, imoladas na iminência de salvação. Não tem transparência no filme. Eurídice se perde da irmã Guida e fica só o vácuo. O filme lembra uma natureza morta.

Rio de Janeiro, 1950. Rio de Janeiro, 1956, Rio de Janeiro 1952 e vão amarelado as cartas de Guida para Eurídice, as irmãs completamente diferentes. Eurídice é tímida, realista que almeja virar uma pianista, enquanto Guida é expansiva, extrovertida, delirante, que sonha em viver uma paixão avassaladora. São tantos quererem distintos.

É bela a passagem do tempo quando Fernanda Montenegro entra em cena fazendo o papel de Eurídice já idosa. É forte quando Guida se multiplica antes de morrer. Ai é outro filme; é realidade. Fernanda surge com o esmero que vem da natureza. E tudo se transforma. O mais belo final de um filme que vive de buscas, de reencontros. Instantes que são diluídos, que vazam da tela.

Kapetadas

1 - Ou faz direito ou não faz. De mais ou menos, o mundo tá cheio.

2 - Com coronavírus, não vai ter quaresma e sim quarentena.

3 - Ainda pode rir de tombo? Só me atualizando aqui. Que tombo?

4 - Som na caixa: 'Nada além, nada além de uma ilusão', Mário Lago



Foto: Divulgação

Cinema

Alex Santos
Cineasta e professor da UFPB

A criatividade sempre foi parceira do cinema

Desde os tempos de George Méliès, a criatividade sempre fez parte do cinema. Mesmo quando a *art mobile* ainda não tinha aprendido a falar, e sua cinesia não passava de 24 quadros por segundo, sofisticando-se depois com as novas tecnologias visuais de definição e croma. O que só mudaria em outubro de 1927, com o advento do som (falado/cantado), em *O Cantor de Jazz*, de Alan Crosland, através do sistema Vitaphone lançado um ano antes pela Warner Bros, nos Estados Unidos. Um recurso que seria usado quatro anos depois, em *Luzes da Cidade*, por Charlie Chaplin, que defendia um cinema apenas de imagens (fase “muda”), mas que se tornaria depois um dos maiores autores de trilhas sonoras da arte-do-filme, como a belíssima canção ‘Smile’, composta originalmente em 1936 para um de seus filmes.

Semanas atrás, em artigo que mostra o cinema sempre buscando as alternativas possíveis de sobrevivência, tomei como referência um projeto audacioso, diferente, que utiliza de meios criativos à sua execução. E citei o caso do CineSolar, que percorre algumas regiões brasileiras, levando alegria e conhecimento para os seus diversos espectadores em suas comunidades.

Rebobinando assunto congêner, vejo-me diante das atuações do nem sempre lembrado Córdula à frente do Cinema Educativo da Paraíba. Estoico iniciador que, lá pelos idos dos anos cinquenta, era um simples portador de recursos audiovisuais, distribuindo, através de suas sessões em escolas e clubes sociais, as muitas orientações que só o bom cinema consegue fazer.

Hoje, vejo que algumas iniciativas nesse sentido estão se tornando, de cer-



Foto: Divulgação

Al Jolson em ‘O Cantor de Jazz’ (1927), o primeiro filme sonoro do cinema

ta forma, comuns. Um dos projetos que vem utilizando o cinema como meio para a informação, pelo que li recentemente no jornal, é o Cineclub Transformar. Contudo, seu objetivo seria muito mais sociológico, buscando abordar “questões sociais e emocionais”, que, propriamente, focado no desiderato de uma ação educativa, pedagógica, como fora basicamente a proposta do nosso antigo CEP, exibindo documentários fornecidos pelo Instituto de Cinema Educativo – INCE. Fase essa que documentei no filme *Cinema Inacabado*, no início dos anos 1980, dando ênfase às atividades de Córdula como diretor do CEP, nessa época funcionando no mini auditório do Centro Administrativo.

Com suas ações desenvolvidas em algumas entidades socioeducativas de João Pessoa, já atuando há cerca de três anos, segundo seus dirigentes, o projeto Transformar opta por “questões sociais e emocionais através de mensagens de superação, recuperação e esforço.”

Apesar de que, mesmo distantes de antigos objetivos cinematográficos, os de hoje teriam o seu valor, a sua importância, enquanto forma de agregar valores ao próprio cinema. Vez que, as remotas premissas continuam firmes e ainda bem empolgantes. Justamente, naqueles defensores da necessidade do bom cinema, que buscam mesclar conhecimento com entretenimento. – Mais “coisas de cinema”, em nosso blog: www.alexasantos.com.br.



Chatô: Vida e obra de um Patrono

Academia Paraibana de Cinema (APC) – Cadeira Nº 12, Patrono: ASSIS CHATEAUBRIAND (Ocupante: Mirabeau Dias). Chatô, como era também conhecido nos meios de imprensa, foi um dos paraibanos de maior expressão do século passado. Criou os Diários Associados, a maior rede de comunicação já existente na América Latina, e fundou a primeira emissora de televisão do país, a TV Tupi, de São Paulo. Criou também o Masp e o Museu de Campina Grande, este último com doações de muitas obras de sua coleção particular. Foi um dos mais expressivos mecenas da História do Brasil, em todos os tempos. Eleger-se senador para Paraíba e pelo Maranhão, foi membro da Academia Paraibana de Letras e embaixador do Brasil na Inglaterra. Muito criativo, concedeu personagens nacionais com a Ordem do Vaqueiro, por ele constituída, e ofertou o primeiro projetor do Cineclub de João Pessoa. Nasceu em Umbuzeiro, PB, em 1892 e morreu em São Paulo, em 04/04/1968.

Em cartaz

ESTREIAS DA SEMANA

Dois Irmãos - Uma Jornada Fantástica (Orward. EUA. Dir.: Dan Scanlon. Animação. Livre). Dois irmãos adolescentes embarcam em uma extraordinária jornada para tentar redescobrir a magia do mundo ao seu redor. **MAG 1** (dub.): 14h45. **MAG 3** **Athos** (dub.): 15h30, 18h, 20h30. **Manaira 1** (dub.): 15h, 17h20. **Manaira 4** (dub.): 14h30, 16h50, 19h15. **Manaira 5** (dub.): 16h, 18h30, 20h45. **Manaira 6** (dub., 3D): 15h30, 17h50, 20h15 (exceto dom.). **Mangabeira 1** (dub., 3D): 14h, 16h20, 18h45. **Mangabeira 4** (dub.): 15h, 17h30, 20h (exceto seg. para todas as sessões desta sala). **Mangabeira 3** (dub.): 14h30, 17h (exceto seg. e ter. para todas as sessões desta sala). **Tambá 6** (dub.): 14h15, 18h25; (dub., 3D): 16h20, 20h30. **Partage 2** (dub.): 14h15, 18h25; (dub., 3D): 16h20, 20h30.

Fim de Festa (Brasil. Dir.: Hilton Lacerda. Drama. 16 anos). Em uma confraternização, quatro jovens se reúnem, mas a quarta-feira de cinzas traz uma má notícia: uma jovem francesa é brutalmente assassinada por estupro. O crime faz com que o pai de um dos envolvidos, um policial civil, retorne mais cedo de suas férias para investigar o caso. **MAG 1**: 19h20. **MAG 2**: 16h45.

Solteira Quase Surtando (Brasil. Dir.: Cao Souza. Comédia. 14 anos). Beatriz é uma mulher de 35 anos viúva em trabalho e que não tem vontade de se casar. Quando ela descobre que está entrando em uma menopausa precoce e só tem seis meses para encontrar um pai para seu futuro filho, suas convicções são abaladas. **Manaira 6**: 20h15 (somente dom.).

Seberg contra Todos (Seberg. EUA. Dir.: Benedict Andrews. Biografia. 16 anos). Paris, 1968. A atriz Jean Seberg (Kristen Stewart) está no auge de sua popularidade, graças ao sucesso de vários filmes rodados na França. Ao chegar aos EUA ela logo se envolve com um ativista de direitos civis (Anthony Mackie), que conheceu ainda durante o voo e é investigado pelo FBI. **MAG 2** (leg.): 21h45.

CONTINUAÇÃO

1917 (1917. EUA/Reino Unido. Dir.: Sam Mendes. Guerra. 14 anos). Na Primeira Guerra Mundial, dois soldados britânicos recebem uma missão aparentemente impossível. Em uma corrida contra o tempo, eles devem cruzar o território inimigo e entregar uma mensagem que cessará o brutal ataque a milhares de combatentes. **MAG 10** (leg.): 15h15, 21h.

A Hora da Sua Morte (Countdown. EUA. Dir.: Justin Dec. Terror. 14 anos). Uma jovem baixa um aplicativo que promete prever o momento e a data da morte das pessoas. Quando o aplicativo indica que ela tem três dias de vida restantes, ela luta por sua sobrevivência ao mesmo tempo que enfrenta uma misteriosa criatura que a assombra. **Manaira 8** (dub.): 17h10; (leg.): 22h30.

Apúcar (Brasil. Dir.: Renato Pinheiro, Sérgio Oliveira. Ficção. 14 anos). Bethânia retorna às suas terras onde uma vez funcionou um antigo engenho de açúcar da sua família, o Engenho Wanderley. Ela enfrenta a si mesma em um presente onde passado e futuro são ambos ameaçadores. **Cine Bangüê**: dom. (8/3) 16h; sáb. (14/3) 16h; seg. (16/3) 20h40.

Adam (Marrocos, França. Dir.: Maryam Touzani. Drama. 12 anos). A viúva Abba dirige uma modesta padaria em sua casa em Casablanca, onde vive com sua filha de oito anos, Warda. **Cine Bangüê**: dom. (8/3) 18h; qui. (12/3) 20h30.

Aqueles que Ficam (Wák maradtak. Hungria. Dir.: Barnabás Tóth. Drama. 13 anos). Na Hungria, após o fim da Segunda Guerra Mundial, uma nação de sobreviventes do Holocausto tenta se curar através do amor. **Manaira 8** (leg.): 14h45 (sáb. e dom.), 19h10 (exceto sáb. e dom.).

Aves de Rapina - Arlequina e sua Emancipação Fantabulosa (Birds of Prey (And the Fantabulous Emancipation of One Harley Quinn). EUA. Dir.: Cathy Yan. Ação. 16 anos). Depois de se aventurar com o Coringa, Arlequina se junta a Canary Negro, Coradora e Renee Montoya para salvar a vida de uma garotinha do criminoso Mázara Negra em Gotham City. **Manaira 1** (dub.): 19h50. **Mangabeira 4** (dub.): 22h20 (exceto seg.).

Dolittle (EUA. Dir.: Stephen Gaghan. Comédia. 10 anos). O Dr. Dolittle vive com uma variedade de animais exóticos e conversa com eles diariamente. Quando a jovem rainha Victoria fica doente, o ex-cirurgião médico e seus amigos peludos embarcam em uma aventura épica. **MAG 1** (dub.): 17h. **Manaira 7** (dub., 3D): 14h, 16h30, 18h50, 21h15. **Mangabeira 2** (dub.): 14h15, 16h45. **Tambá 3** (dub.): 14h45, 16h45, 18h45. **Partage 4** (dub.): 14h45, 16h45, 18h45.

Jojo Rabbit (EUA. Dir.: Taika Waititi. Comédia. 14 anos). Jojo é um garoto alemão solitário que descobre que sua mãe está escondendo um garoto judeu no sótão. Ajudado apenas por seu amigo imaginário, Adolf Hitler, Jojo deve enfrentar seu nacionalismo ego enquanto a Segunda Guerra Mundial prossegue. **Manaira 4** (leg.): 21h45.

Luta por Justiça (Just Mercy. EUA. Dir.: Destin Daniel Cretton. Drama biográfico. 16 anos). O advogado Bryan Stevenson assume o caso de Walter McMillian, que foi condenado a morte por assassinato, apesar das evidências que comprovam sua inocência. Stevenson encontra racismo e manobras legais enquanto luta pela vida de McMillian. **Manaira 10** (leg.): 18h. **Manaira 11 VIP** (leg.): 14h. **Tambá 3** (dub.): 20h45. **Partage 4** (dub.): 20h45.

Maria e João: O Conto das Bruxas (Gretel And Harse. EUA. Dir.: Oz Perkins. Fantasia. Livre). Desta vez, as migalhas nos guiam por um caminho muito mais sombrio e perturbador. Durante um período de escassez, Maria e seu irmão mais novo, João, saem de casa e partem para a floresta em busca de comida e sobrevivência. **Manaira 3** (dub.): 15h40, 17h40, 20h; (leg.): 22h. **Mangabeira 2** (dub.): 19h, 21h. **Tambá 1** (dub.): 17h, 19h, 21h. **Partage 5** (dub.): 17h, 19h (exceto qua.), 21h.

Minha Mãe é uma Peça 3 (Brasil. Dir.: Susana Garcia. Comédia. 12 anos). Dona Herminia (Paula Gustavo) vai ter que se redescobrir e se reinventar porque seus filhos estão formando novas famílias. **Manaira 1**: 22h10.

O Chamado da Floresta (The Call of the Wild. EUA. Dir.: Chris Sanders. Aventura. 10 anos). A história de Buck, um cão de grande caça cuja bela vida doméstica é virada de cabeça para baixo

quando, subitamente, é tirado de sua casa na Califórnia e levado para o exótico e selvagem rio Yukon, no Alasca, durante o corrida do ouro em 1890. **Tambá 1** (dub.): 15h. **Partage 5** (dub.): 15h.

O Farol (The Lighthouse. EUA. Dir.: Robert Eggers. Thriller. 16 anos). Final do Século 19. Quando um novo zelador chega a uma remota ilha para ajudar o faroleiro, a convivência entre os dois é tensionada pelo isolamento. Entre tempestades, o navio tenta descobrir os mistérios que existem nas histórias de seu chefe. **Cine Bangüê**: seg. (9/3) 18h30; qua. (11/3) 20h30; dom. (15/3) 16h; qua. (18/3) 20h30.

O Homem Invisível (The Invisible Man. EUA. Dir.: Leigh Whannell. Suspense. 14 anos). Um cientista brilhante descobre como se tornar invisível. Mas sua invenção acaba custando sua sanidade. Baseado no romance de H. G. Wells. **MAG 1** (leg.): 21h30. **Manaira 9** **Muro XI** (dub.): 14h15. (leg.): 17h, 19h40, 22h20. **Mangabeira 3** (dub.): 19h30, 22h10 (exceto seg. e ter. para ambas as sessões). **Tambá 4** (dub.): 16h05, 18h25, 20h45. **Partage 3** (dub.): 16h05, 18h25, 20h45.

Parasita (Parasita. Coreia do Sul. Dir.: Bong Joon-ho. Drama. 16 anos). Toda a família de Ki-taek está desempregado, vivendo em um porão sujo e apertado, mas uma obra do acaso faz com que ele comece a dar aulas de inglês a uma garota de família rica. Fascinado com a vida luxuosa destas pessoas, eles bolam um plano para se infiltrarem também na família burguesa, um a um. **MAG 2** (leg.): 19h. **Manaira 11 VIP** (leg.): 16h45, 19h30, 22h15.

Retablo (Peru, Alemanha, Noruega. Dir.: Álvaro Delgado-Aparicio. Drama. 16 anos). No alto de uma montanha peruana, Segundo, de 14 anos, se prepara para seguir os passos de seu pai na tradicional e folclórica arte de construir retablos (caixas artesanais que narram histórias). O garoto reverencia o pai, apesar de, aos poucos, começar a ficar inquieto ao perceber que o peso de carregar o legado da família nos ombros irá montê-lo na montanha para sempre. **Cine Bangüê**: seg. (9/3) 20h30; qua. (11/3) 18h30; ter. (17/3) 18h30.

Sonic - O Filme (Sonic. EUA. Dir.: Jeff Fowler. Fantasia. Livre). Sonic, o porco-espinho azul mais famoso do mundo, se junta com os seus amigos para derrotar o terrível Doutor Eggman, um cientista louco que planeja dominar o mundo, e o Doutor Robotnik, responsável por aprisionar animais inocentes em robôs. **MAG 2** (dub.): 14h30. **Manaira 2** (dub.): 14h50, 18h10, 20h30. **Manaira 8** (dub.): 14h45 (exceto sáb. e dom.), 19h10 (sáb. e dom.). **Mangabeira 5** (dub.): 15h30, 18h, 20h30. **Tambá 5** (dub.): 14h40, 16h40, 18h40, 20h40. **Partage 1** (dub.): 14h40, 16h40, 18h40.

Tarde para Morrer Jovem (Tarde para Morir. Jovens. Chile, Brasil, Catar, Holanda. Dir.: Domingo Santomayor. Castilla. Drama. 14 anos). No verão de 1990, a democracia volta ao Chile. Em uma cidade isolada, Salvo, Lucas e Clara se preparam para o Ano Novo, enquanto lidam com seus primeiros medos e amores. **Cine Bangüê** (leg.): ter. (10/3) 18h30; sáb. (14/3) 18h; ter. (17/3) 20h30.

Voê Não Estava Aqui (Sorry We Missed You. Reino Unido, França, Bélgica. Dir.: Ken Loach. Drama. 16 anos). Após a crise financeira de 2008, Ricky e sua família se encontram em situação financeira precária. **Cine Bangüê** (leg.): ter. (10/3) 20h30; qui. (12/3) 18h30; dom. (15/3) 18h; qua. (18/3) 18h30.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertobarbosa@bol.com.br

Literatura é como!

Logo de saída, Terry Eagleton, em *Como ler literatura*, assinala: “O que entendemos por obra literária consiste, em parte, em tomar o que é dito nos termos como é dito”.

Perfeito. Na literatura, o como conta mais que o quê. Não que o quê não importe. Importa, sim, pois a literatura também preserva uma vasta e densa informação sobre o mundo e a vida.

Barthes, no delicioso *Aula*, fala do poder da *mathesis* como uma instância de saber que os textos literários sempre carregam dentro de sua arquitetura formal e estilística. É lá, no poema, no conto, na crônica, no romance, que a experiência humana, em todos os seus desdobramentos, aparece na plenitude de seus paradoxos, miséria, desamparo, júbilo e beleza.

Claro que o conteúdo, responsável pela variedade dos assuntos, temas, motivos e ideias, é fundamental na tessitura da obra literária. Sem conteúdo, a obra pode se consumir apenas no ludismo do jogo, no experimentalismo laboratorial, na performance linguística, sem as consequências necessárias da persuasão semântica que pode mudar a nossa concepção acerca das coisas e dos seres.

Aqui, fico a pensar no choque que me causaram certas páginas de Dostoiévski, de Kafka, de Graciliano, de Zé Lins, de Borges, de Pessoa, entre outros que constam de minha biblioteca amorosa.

Os episódios ali narrados ou as emoções ali vividas tomaram conta de meu ser pelo resto da vida, talvez decerto pelo caráter singular da coisa em si. Esta coisa em si que se desmembra, quase imperceptível, pelo andamento ordinário da vida de cada um. Esta coisa em si que, não raro, exaspera o tecido existencial das criaturas e as fazem habitar, de repente, o outro lado da cortina, a banda de lá, invisível e presente como o sopro da morte.

Pois bem: em que pese tudo isto, não é o quê o miolo da literatura. Seu tutano, sua medula, o it que a torna inevitavelmente literatura. É o como, isto é, a maneira como se conta uma história, o modo como se aborda um tema, o feito específico que as palavras ganham na emolduração de um poema.

Sempre que me detenho sobre esta matéria, controversa ou não, valho-me de um conceito elementar que aprendi em caducos manuais de Teoria Literária. Literatura é a arte da palavra. E nem precisamos dizer mais nada. Tudo está dito aí.

É esta arte da palavra que faz a diferença no uso dos vocábulos e no processo de comunicação. Portanto, só se pode falar em literatura, se os textos de sua alçada são compostos com arte, ou seja, são elaborados, é óbvio, dizendo muitas coisas, mas, sobretudo, para solicitar, do leitor, que se dê o direito de experimentar o raro vinho da beleza. E esta beleza, gerada por uma forma refinadamente organizada e inteiramente adequada aos sortilégios do conteúdo, vai se converter naquilo que se chama o prazer estético, a estesia.

Não fosse assim, provavelmente muitas obras do passado não teriam mais interesse, assim como muitas obras do presente. A energia estética que subscreve naturalmente a ordem das obras literárias, como um imperativo nuclear e dominante, que se materializa no manuseio especial das palavras, em seus arranjos imprevisíveis, em seu acabamento verbal e significativo, garante, ao fim, aquilo a que podemos nomear de “literariedade”.

Dito de outro modo: o como e não o quê.



Foto: Divulgação

Filósofo e crítico literário inglês Terry Eagleton, autor de ‘Como ler literatura’

Serviço

• Funesec [3211-6280] • Fmag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambá [3214-4000] • Partage Shopping [3337-6000] • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaira (Box) [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Ednaldo do Egypcio [3247-1449] • Teatro Severino Lobato [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]

Celebrando o Dia da Mulher, mostra teatral começa hoje

Em Cajazeiras, espetáculo 'Le Défunct' inaugura a programação do projeto 'Matriz', que percorrerá seis municípios

Guilherme Cabral
guipb_jornalista@hotmail.com

O espetáculo *Le Défunct*, da Cia. de Teatro Arte & Ação, é a peça que abre, a partir das 19h deste domingo, na cidade de Cajazeiras, Alto Setão paraibano, mais uma edição do projeto Matriz - Mostra Feminina de Artes Cênicas. A peça será apresentada no Teatro Íracles Pires (ICA).

O evento, que é realizado pelo Governo do Estado - por meio da Fundação Espaço Cultural da Paraíba (Funesc), em parceria com a Secretaria de Estado da Mulher e da Diversidade Humana - é alusivo ao Dia Internacional da Mulher, com programação gratuita ao público que também inclui atrações nas áreas de circo e dança, se estendendo até o próximo dia 27, período durante o qual ainda circulará pelos municípios de Campina Grande, Cabedelo, Alagoinha, Mamanaguape e Remígio (confira a programação ao lado).

"É uma felicidade muito grande estar participando dessa mostra realizada pelo Governo do Estado, principalmente com o objetivo de homenagear as mulheres. É um evento muito importante, inclusive porque interioriza as ações culturais e divulga as produções regionais para o público", confessou para o Jornal A União a atriz Girlene Ferreira, que é a fundadora da Cia. de Teatro Arte & Ação, sediada em Cajazeiras. Ela disse que a montagem *Le Défunct* é a primeira produção do



Foto: Emanuel Jhons/Divulgação

Peça que será apresentada gratuitamente no Teatro Íracles Pires retrata a vida de duas mulheres que revelam suas mazelas num contexto social hipócrita

Trama gira em torno de perdas, comportamentos que transparecem falsidades nas ações, buscas, decepções, além de rejeições e traições

grupo, que foi criado no ano passado.

Escrito por Renê de Obaldia, a montagem retrata a vida de duas mulheres que se encontram e revelam suas mazelas em um contexto social hipócrita. "É uma peça muito dramática sobre duas mulheres apaixonadas por um homem chamado Vítor (vivido por Agnaldo Cardo-

so), o falecido", disse Girlene Ferreira, que interpreta Madame Cavan, a viúva da história. Completando o elenco, a outra personagem é interpretada por Aparecida Gonçalves, que encarna Julie.

A iluminação e sonoplastia da montagem são de Frank Wollacy Burity. A Classificação Indicativa é 14 anos de idade.

Segundo Girlene Ferreira, o texto se caracteriza pela modo irônico e mostra as neuroses das personagens Julie e Madame Cavan, que têm suas histórias de vida entrelaçadas através do amante de ambas. O defunto é idealizado como o par perfeito, um herói que está sempre na lembrança e nas falas das duas mulheres, que, apesar da morte

do homem, ainda continuam demonstrando não apenas carência, mas também dependências do companheiro, o que contribui para a criação de uma teia de relações conflituosas entre as mulheres, que giram em torno de perdas, comportamentos que transparecem falsidades nas ações, buscas, decepções, além de rejeições e traições.

MATRIZ - MOSTRA FEMININA DE ARTES CÊNICAS 2020

■ **13/03:** Campina Grande
19h - Espetáculo 'Palha-fatosas' (circo) - Cia. de Palhaçaria Feminina, no Cine Teatro São José

■ **15/03:** Cabedelo
17h - Espetáculo 'Girandeir' (teatro) - Grupo Oxente, no Teatro Santa Catarina

■ **20/03:** Alagoinha
8h30 - Solo 'Desaguar' (dança), com Izabella Aranha - Cenário Cia. de Dança, no Auditório do Cras

■ **20/03:** Mamanaguape
19h - Espetáculo 'Toda Coisa Tem Três Lados' (teatro) - Cia. Encena, no Centro Cultural Fênix

■ **27/03:** Remígio
19h 'Tennessee Me' - Cia. Argonautas, no Auditório municipal Geraldo Pereira de Lima (R. Manoel Alexandre Filho, s/n, Bairro Bela Vista)

'Elas por Elas'

Renata Arruda se junta a Sandra Belê em show

Cairé Andrade
caireandrade@gmail.com

O projeto *Elas por Elas* traz para a Villa Sanhauá, neste domingo, uma programação de serviços diversos, feira criativa e conferência com show inédito de Sandra Belê com Renata Arruda. Com entrada gratuita, o evento vai das 15h às 20h. O protagonismo feminino é o foco da programação realizada pelo No Balaio, que desenvolve ações voltadas para a economia criativa.

Para Renata Arruda, a realização do projeto está sendo de muita satisfação. "Sou muito fã de Sandra e compartilhamos do mesmo pensamento de estar em serviço da música. Está sendo tudo muito bacana. A ideia do show é fazer com que nenhuma das duas saia de cena. É uma comunhão de mulheres que representa



Foto: Andrea Gisele/Divulgação

Repertório de Arruda (E) e Belê (D) conta com canções gravadas pelas duas cantoras, além de releituras presentes nas apresentações de ambas

a sororidade que estamos precisando".

Segundo Sandra Belê, os encontros com Renata Arruda já haviam acontecido anteriormente, incluindo participações em shows, e o repertório conta com canções gravadas pelas duas, além de releituras presentes nas apresentações de ambas. "Vai ser algo dedicado, alusivo

às mulheres. Foi um repertório pensado voltado para enaltecê-las, ou compostas por mulheres ou dedicadas para mulheres. Vai ser bem especial", completa Belê.

O *setlist* conta com composições das duas, que resultou em uma apresentação vibrante. "A gente se complementa de uma forma muito bonita. Vale muito a pena confe-



Foto: Divulgação

rir", conta Arruda. Pensado exclusivamente para este evento, o projeto poderá render um projeto futuro, adianta a cantora. "A princípio, está sendo muito prazeroso fazer esse show. Estamos musicalmente muito afinadas. Quem sabe não surge um novo projeto?".

Renata Arruda afirma que o pontapé para a

apresentação foi de um show alegre. "Trazemos uma roupagem feliz para o dia. As mulheres já são muito marginalizadas. A gente tem mais é que se unir e se proteger. A ideia do movimento é de não sermos concorrentes, mas sim parceiras. Vamos unir as vozes e passar a mensagem de que juntas somos mais fortes".

Além da programação musical, o evento conta com marcas expositoras e uma programação voltada para mulheres, como práticas integrativas de autocuidado, yoga, dança, mães que meditam, roda de conversa sobre autoimagem e um espaço para cuidados com a beleza. O público infantil também será contemplado, com pipoca, algodão doce, pula-pula e cama-elástica, bem como atividades lúdicas com apresentações de palhaços, pintura de rosto, dentre outras.

SERVIÇO

■ **Evento:** Renata Arruda e Sandra Belê
■ **Data:** hoje
■ **Hora:** 15h
■ **Local:** Villa Sanhauá, em João Pessoa
■ **Endereço:** R. João Suassuna, Varadouro
■ **Entrada:** gratuita



Só 29 deputadas foram eleitas em quase 200 anos da ALPB

Maioria delas chegou ao Poder Legislativo seguindo os mesmos caminhos dos homens: através de ligações familiares com políticos

Ademilson José
ademilson2019jose@gmail.com

Em termos de presença feminina na Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB), as mulheres não têm muito o que comemorar na data de hoje, 'Dia Internacional da Mulher'. Em 185 anos de existência, a Casa Epitácio Pessoa, sede do Poder Legislativo paraibano, só abrigou até hoje 29 deputadas.

Depois que passaram a ter direito de votar e serem votadas, em 1932, elas levaram, nada mais e nada menos, do que 50 anos para conseguir uma cadeira no parlamento paraibano. E tem mais: depois de elegerem a primeira deputada em 1982 (Vani Braga), em nenhuma das nove eleições seguintes conseguiram em uma única



Dona Dida, de Itabaiana

legislatura mais do que sete das 36 cadeiras da Casa.

O detalhe maior vem depois: elas, que naturalmente têm seus méritos como mulheres e como profissionais, em todas as vezes que uma, quatro ou sete conseguiram se eleger deputada, nunca foi por "luz própria". Foram sempre conduzidas ou levadas por ligações familiares (maridos,



Francisca Motta, de Patos

pais ou irmãos) ou ainda pela liderança masculina de algum chefe de oligarquia ou líder de segmento político ou de uma agremiação partidária.

O exemplo maior começou com uma irmã de político. No pleito de 1982, Vani Braga, a pioneira, se elegeu primeira deputada estadual da Paraíba, "sentada na esteira" da liderança do irmão



Lúcia Braga, mulher de Wilson

Wilson Braga que, naquele mesmo ano, se consagraria nas urnas como governador da Paraíba.

No pleito seguinte, em 1986, Vani repetiu a dose e daquela vez já foi acompanhada por Geralda Medeiros, que era mulher do então prefeito de Patos, Nivaldo Medeiros. Vani se reelegeu novamente em 1990, só que,



Socorro Marques: diferenciada

desta vez, com a companhia de uma segunda esposa de político: Terezinha Pessoa, mulher do então prefeito de Umbuzeiro, o fazendeiro Carlos Pessoa.

Nas eleições de 1994, Vani Braga voltou e com outras duas esposas: Francisca Motta (mulher do deputado federal Edvaldo Motta) e Estefânia Maroja (mulher do



Vani Braga, a pioneira

prefeito de Santa Rita, Severino Maroja) e, completando o quarteto feminino daquela legislatura, também estava a deputada Dona Dida, que não era casada e nem era irmã de nenhum político, mas que, antes, já havia sido prefeita de Itabaiana, patrocinada pelos Pereira de Pombal, especialmente pelo deputado federal, Adauto Pereira.

Fotos: Divulgação

+ Maior bancada feminina

Em 1998 foi o ano que o leque eleitoral mais se abriu às mulheres paraibanas, quando a ALPB mais teve deputadas eleitas numa só legislatura: sete ao todo. Eram quatro esposas (Chica Motta, esposa de Edvaldo) Lúcia Braga (mulher de Wilson Braga), Estefânia (casada de Severino Maroja) e Zarinha Leite (mulher de Epitácio Rolim, prefeito de Cajazeiras). As outras foram Olenka (sobrinha de José Maranhão), Iraê Lucena (filha de Humberto Lucena) e Socorro Marques, um caso diferenciado, cujo mandato veio mais de um trabalho pessoal que, inclusive, ajudou a eleger dois filhos.

Em 2002, a bancada caiu pra seis e Olenka, Chica Motta e Iraê se mantiveram, recebendo mais três esposas: Gianina Farias, mulher do prefeito Júnior do PT de Cabedelo; Edna que era mulher do prefeito de Patos, Dinaldo Wanderley; e Lucinha que era mulher do ex-deputado Armando Monteiro, no caso mãe do atual deputado Anderson Monteiro.

Em 2006, a bancada sofreu novo revés: as mulheres só conseguiram quatro cadeiras, com Chica Motta, Olenka, Iraê e Socorro Marques conseguindo a reeleição. Quatro anos depois, em 2010, Chica Motta e Olenka se reelegeram novamente, mas, desta vez, com três novas esposas e uma filha-irmã de político tradicional.

A filha (de Enivaldo, ex-deputado federal) e irmã (de Aguinaldo, deputado federal) foi Daniela Ribeiro, que, em 2018, virou a primeira senadora paraibana. E as três novas esposas foram: Léa, mulher do prefeito de Guarabira, Zenóbio Toscano; Gilma que é mulher do atual deputado e ex-prefeito de Picuí, Buba Germano; e Eva, viúva do ex-deputado e ex-vice-governador Rômulo Gouveia.

Em 2014, a filha-irmã dos Ribeiro (Daniela) se reelegeu e, com ela, chegaram a filha de Zenóbio de Guarabira (Camila Toscano) e, finalmente, outra novidade: Estela Bezerra, que não era mulher, nem irmã e nem filha de sangue de ninguém, mas que se fez "irmã na política" da nova liderança-mor do estado, o ex-governador Ricardo Coutinho.

Assim como trouxe Estela em 2014, Ricardo trouxe em 2018 Cida Ramos. Detalhe: Cida se elegeu como a mais votada, com mais de 56 mil votos.

Com Cida e Estela, chegam uma filha (Camila Toscano, reeleita); uma esposa (Doutora Paula, que é casada do prefeito de Cajazeiras, José Aldemir) e Pollyana Dutra que, a exemplo de Socorro Marques, também pode ser colocada como um caso à parte. Ela se elegeu como esposa do prefeito de Brejo do Cruz, Francisco Dutra Sobrinho (o Barão), só que, antes de ele ser prefeito de Brejo do Cruz, ela já havia sido prefeita de Pombal e faz questão de lembrar que chegou primeiro. Mas os próprios correligionários dela reconhecem: para ser prefeita das terras de Celso Furtado, sua estrada foi "muito iluminada" pelo espólio político do primeiro marido, Jairo Feitosa, que, antes dela, foi político e prefeito de Pombal pelo PT.

De 29, só duas "com luz própria"

Das 29 deputadas que a Assembleia já teve nesses 185 anos de história, somente duas delas podem ser colocadas como eleitas com "luz própria". A primeira foi Socorro Marques, que está na legislatura de 1998-2002 e que, depois de passar por vários cargos da administração estadual, se elegeu duas vezes prefeita de Vista Serrana e, depois, chegou a deputada estadual.

Depois de parlamentar, elegeu um filho (Monaci) prefeito de Vista Serrana, e um outro (Vavá), prefeito de São José do Bonfim. Quando saiu da Assembleia, ela ainda elegeu Monaci suplente de deputado, o que acabou dando a ele um bom período também como titular no Legislativo estadual.

Socorro Marques era das áreas de Contabilidade e Administração e, parecida com ela, foi a advogada Nadja Palitot que, depois de vereadora da capital e graças a uma eleição como suplente, também teve um período de



Ilustração: A. Fovall

deputada estadual.

Eliza Virgínia, atual vereadora de João Pessoa, foi outra que, como suplente, também chegou a assumir na Assembleia, mas ela se incluiu no caso das anteriores, porque conquistou espaço na política colocada pelo pai, o ex-deputado, Nivaldo Manoel.

O mesmo pode-se dizer da ex-deputada Marta Ramalho que, pelas mãos do marido, o ex-deputado Ramalho Leite, também foi prefeita de Bananeiras duas vezes. A ex-deputada Flora Diniz, que

também entrou pela porta da suplência, não era somente prima do ex-deputado Nominando Diniz. Era também mulher do ex-prefeito Sidney Oliveira, de Princesa Isabel.

Uma deputada que teve eleição anulada alguns meses depois da posse, mas que agitou muito o plenário e a política do Curimataú, foi Nárrima Xavier. Ela era casada com o advogado e empresário Marcos Inácio, irmão do prefeito de Cuité, Charles Camaraense, a dupla que estimulou e que bancou a en-

trada dela na política.

E para fechar a lista das suplentes que tiveram seus momentos de deputadas estaduais, tem ainda a médica Jane Panta, mulher do prefeito de Santa Rita, o também médico, Emerson Panta. Ela assumiu no lugar da Doutora Paula (que já voltou na semana passada), mas continua no lugar do titular Tovar Cunha Lima que, pelo menos até o dia 6 de abril, deve continuar na Secretaria do Planejamento do Município de Campina Grande.

Manutenção das oligarquias tradicionais

Para Luciano Nascimento Silva, que é pós-doutor e professor adjunto do Centro de Ciências Jurídicas da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), além de reduzida, a representatividade feminina na Assembleia Legislativa da Paraíba "não traduz uma plataforma democrática social, pois, em regra, é oriunda de uma reprodução histórica e cultural, já que transparece a origem de famílias, maridos e líderes de partidos políticos controlados por oligarquias".

Docente no Programa de Pós-Graduação no Centro Jurídico e de Direitos Humanos da UFPB, o professor Luciano diz que fala baseado em dados levantados a partir do ano de 1986, período, a partir do qual, os números relativos à presença feminina no plenário da Assembleia da Paraíba ficam entre quatro e sete por legislatura, num universo relativamente amplo de 36 vagas.

Segundo ele, "os movimentos sociais e populares, por via da filiação partidária,

não têm conseguido levar à Assembleia Legislativa da Paraíba um número de mulheres que traduza uma diversidade sociológica, política, cultural e de ideias que a democracia representativa contemporânea exige para um mundo político legítimo e não apenas legal".

Essa dificuldade, continua o professor Luciano, "coloca a democracia em déficit e tem, pelo menos, dois lados: sejam os partidos políticos ligados às oligarquias, sejam aqueles com

estrutura ou conexão social e popular, não conseguem realizar a perspectiva do preenchimento, ficam apenas no campo da reserva, o que compromete a legitimidade democrática; ou os partidos políticos, em regra, sejam conservadores ou progressistas populares, são controlados (espaço das decisões) por homens brancos e de larga experiência política, que a primeira exigência para esse controle é a perda da ingenuidade e do iluminismo político".

Escolas do Império limitavam intelectualidade de mulheres

Lei educacional de 1827 determinava que, nas escolas, meninos e meninas estudassem separados e tivessem currículos diferentes

Agência Senado

A primeira grande lei educacional do Brasil, datada de 1827, cinco anos após a Independência, determinava que, nas “escolas de primeiras letras” do Império, meninos e meninas estudassem separados e tivessem currículos diferentes. Nas aulas de matemática, enquanto eles aprendiam adição, subtração, multiplicação, divisão, números decimais, frações, proporções e geometria, elas viam as quatro operações básicas e nada mais. Nas aulas de português e religião, por outro lado, o conteúdo era o mesmo para meninos e meninas.

Antes de ser assinada pelo imperador Dom Pedro I e virar lei, a proposta educacional foi discutida e votada no Senado e na Câmara dos Deputados. Documentos históricos guardados no Arquivo do Senado, em Brasília, mostram que os senadores travaram acalorados debates sobre qual seria, nesse Brasil oitocentista, o currículo mais apropriado para as crianças do sexo feminino.

O senador Visconde de Cayru (BA) foi um dos defensores de que, para as meninas, o currículo de matemática fosse o mais enxuto possível. Nas palavras dele, o “belo sexo” não tinha capacidade intelectual para ir muito longe:

“A questão é se as meninas precisam de igual grau de ensino que os meninos. Tal não creio. Não sejamos excêntricos e singulares. Deus deu barbas ao homem, não à mulher. Acho suficiente a nossa antiga regra: ler, escrever e contar. Sobre as contas, são bastantes as quatro espécies, que não estão fora do seu alcance e lhes podem ser de constante uso na vida. O seu uso de razão é mui pouco desenvolvido para poderem entender e praticar operações ulteriores e mais difíceis de aritmética e geometria. Estou convencido de que vão lutar contra a natureza.”

Nas aulas de matemática, os meninos aprendiam vários assuntos, enquanto as meninas viam apenas as quatro operações

O senador Marquês de Caravelas (BA) fez uma argumentação semelhante: “Em geral, as meninas não têm um desenvolvimento de raciocínio tão grande quanto os meninos, não prestam tanta atenção ao ensino como estes. Parece que a sua mesma natureza repugna o trabalho árduo e difícil e só abraça o deleitoso. Se querem dar-lhes algumas prendas mais, ensinam-lhes a cantar e tocar, prendas que vão aumentar a sua beleza. O objetivo principal é que se eduquem de maneira que venham a ser boas mães de família. Para que elas sejam bem instruídas na economia da casa e o marido não seja obrigado a entrar nos arranjos domésticos, distraíndo-se dos seus negócios, basta-lhes o saber ler, escrever e as quatro primeiras operações da aritmética”.

Concordando com os colegas, o senador Marquês de Maricá (RJ) chegou a ser irônico: “Sou também da opinião que se devem reduzir os estudos das meninas a ler, escrever, contar e gramática portuguesa, porque não sei de que lhes possa servir o aprender a prática de frações, decimais e outras operações que não são usuais. Se querem que isso passe, então acrescentem [no projeto de lei] que as mestras lhes ensinem a escrituração de partidas dobradas e singelas [métodos de contabilidade]. A mulher é um ente mui diverso do homem. O que ela deve saber é o governo doméstico da casa e os serviços a ele inerentes, para que se façam boas mães de família.”



Fotos: Agência Senado



No Império, meninas e meninos formavam filas separadas e estudavam em salas de aula distintas na Escola Caetano de Campos, em São Paulo

+ Aulas de corte, costura e bordado

A lei de 1827 também previa que as escolas femininas oferecessem aulas de corte, costura e bordado na escola. Esse, porém, foi um ponto pacífico durante a análise do projeto de lei no Parlamento. No Senado, o único a defender publicamente que as meninas tivessem, em matemática, um currículo idêntico ao dos meninos foi o Marquês de Santo Amaro. Ele argumentou: “Não me parece conforme as luzes do tempo em que vivemos deixarmos de facilitar às brasileiras a aquisição desses conhecimentos [mais aprofundados de matemática]. A oposição que se manifesta não pode nascer senão do arraigado e péssimo costume em que estavam os antigos, os quais nem queriam que suas filhas aprendessem a ler. Em todas as nações cultas se dá às meninas essa instrução e parece-me que devemos adotar essa mesma prática”.

O argumento não convenceu. O Marquês de Caravelas reagiu dizendo que as “nações cultas” não podiam servir de exemplo para o Brasil: “Diz o ilustre senador que as mulheres são dotadas

dos mesmos talentos que os homens. Deve-se dar a isso algum desconto. Essa frívola mania de mulheres se aplicarem a estudos para os quais parece que a natureza não as formou, desviando-se dos verdadeiros fins para que foram criadas, é que deu motivo à comédia *Les Femmes Savantes* [de 1672], em que o célebre Molière ridiculariza, com sua graça costumada, essa fútil vaidade que naqueles países tem grassado entre elas.”

Procurando provocar medo nos colegas, o Visconde de Cayru insinuou que os estudos poderiam até mesmo corromper as mulheres: “Não nego que tem havido mulheres de capacidade varonil. A história tem aplaudido as Aspásias, Cleópatras, Isabéis e Catarina, mas são raridades da espécie. Todavia, não foram famosas em moral. Modernamente têm aparecido mulheres distintas na matemática. Torno a dizer, são raridades que até se lançaram ao mar da política, especialmente depois da revolução da França, em 1789. Não se têm visto bons resultados”.

Igualdade entre sexos era proibida

O senador José Ignácio Borges (PE) mudou os rumos do debate. Sem fazer avaliações estereotipadas e machistas a respeito das mulheres, ele apresentou um argumento de ordem prática que enterrou de vez as pretensões de quem pretendia a igualdade entre os sexos nas escolas de primeiras letras do Império. “Onde é que se não de buscar mestras que ensinem a prática de quebrações [frações], decimais, proporções e geometria às meninas? Tenho visto o Brasil quase todo e ainda não encontrei mulher nenhuma nessas circunstâncias. Se acaso há alguma, é decerto pessoa de classe mais elevada e que não está nas circunstâncias de sujeitar-se a esse serviço. Querer imitar as nações cultas equivale a não querer que a lei se execute. Legislar assim é legislar em vão. Borges tinha razão. Pela lei, as meninas só poderiam ter professoras; e os meninos, professores. Por questões morais e

religiosas, não se admitia que homens tivessem proximidade com garotas, nem mesmo na sala de aula. Como as meninas historicamente recebiam menos educação escolar do que os meninos, praticamente não havia no Brasil mulheres qualificadas para ensinar aritmética e geometria nas escolas femininas.

“Não temos mestras mulheres que possam dar essa instrução”, concordou o Marquês de Caravelas. “Apareceria talvez alguma inglesa ou irlandesa, mas já passou nesta Casa o artigo que determina que só brasileiras possam ocupar esses lugares”.

Os debates, então, se encerraram e a lei foi aprovada estabelecendo um currículo menor para as meninas. O historiador André Paulo Castanha, professor da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) e autor de estudos sobre a educação no Império, explica:

“Hoje podemos considerar essa lei um absurdo, mas não podemos condenar os legisladores que a aprovaram. Eles foram coerentes com a realidade da época. De fato, não existiam professoras preparadas para ensinar matemática. A solução que o Parlamento deu foi a adequada para o momento. Não podemos cobrar de pessoas que viveram há quase 200 anos que pensassem como nós. Estaríamos negando a evolução histórica”. Segundo Castanha, a lei de 1827 foi inovadora em vários pontos. Além de ter fixado um currículo mínimo para todo o país - algo que existe até hoje -, ela marcou a entrada da mulher no mercado de trabalho e estabeleceu que professores e professoras, uma vez aprovados em concurso público, receberiam o mesmo salário. A lei foi sancionada por Dom Pedro I em 15 de outubro - data que em 1963 se tornaria o Dia do Professor.

Unicef: o mundo é violento e injusto para as mulheres

Relatório sobre situação dos últimos 25 anos aponta progressos, mas destaca forte discriminação de gênero

Inês Santos
RTP

São inegáveis os progressos quanto à igualdade de gênero, mas o mundo "ainda é um lugar violento e altamente discriminatório para as mulheres". A conclusão é da Unicef que, com base num relatório divulgado esta semana, confirma que a violência contra mulheres continua a ser aceita nos dias de hoje.

Na semana em que se comemora o Dia Internacional da Mulher, a Unicef, a Plan Internacional e a UN Women divulgam um relatório sobre o progresso dos últimos 25 anos no que diz respeito à igualdade de gênero.

O relatório "Uma Nova Era para as Mulheres: os últimos 25 anos" conclui que embora sejam notáveis os progressos na educação, e existam cada vez mais mulheres em todo o mundo a irem à escola, não é perceptível o "impacto na criação de um ambiente mais justo e menos violento".

Divulgado antes da 64ª



Foto: Pixabay

A violência contra a mulher ainda é uma realidade, segundo aponta relatório divulgado esta semana pela Unicef

edição da "Comissão sobre a Situação das Mulheres", o relatório refere que o número de mulheres que não frequentam a escola diminuiu cerca de 79 milhões entre os anos 1998 e 2018.

"A nível mundial, em 1998, havia mais mulheres em idade escolar secundária fora da escola do que rapa-

zes (143 milhões de mulheres em comparação com 127 milhões de rapazes). Hoje verifica-se o oposto: existem cerca de 97 milhões de mulheres em idade escolar secundária fora da escola, em comparação com os quase 102 milhões de rapazes".

Na última década, as mulheres passaram a ter

maior probabilidade de frequentar a escola secundária do que os rapazes, em algumas regiões.

Uma coisa é certa: o trabalho forçado juvenil feminino diminuiu nos últimos 25 anos, em parte devido aos progressos na educação e ao acesso a "melhores oportunidades".

+ Agressão de marido é ainda "ato justificado"

A violência de gênero é uma das violações mais comuns dos Direitos Humanos e é, principalmente, vivenciada por moças e mulheres em todo o mundo.

Embora a vida das jovens "seja melhor hoje do que há 25 anos, esses ganhos são desiguais entre regiões e países", conclui o relatório.

A verdade é que, como frisa a Unicef, "a violência contra mulheres ainda continua a ser amplamente aceita".

Os dados relativos a 2016 indicam que 70 por cento das vítimas de tráfico em todo o mundo, a principal para exploração sexual, eram mulheres. Segundo este documento, uma em cada 20 mulheres, com idades entre os 15 e os 19 anos, foi vítima de violação. Ou seja, cerca de 13 milhões de mulheres em todo o mundo.

Outro dado para o qual o relatório chama a atenção é o fato de quatro em cada dez adolescentes do sexo feminino considerarem que uma mulher ser agredida pelo marido é um ato justificado. Esta "aceitação" sugere que "pode ser difícil para as mulheres casadas que sofrem violência procurar ajuda, formal ou informalmente", assim como para as jovens solteiras a identificar e procurar "relacionamentos saudáveis e equitativos".

O relatório relembra ainda que cerca de 12 milhões de mulheres se casam na adolescência e que quase quatro milhões de meninas sofrem ou estão em risco de sofrer mutilação genital feminina (MGF).

"Atualmente, milhões de mulheres continuam em risco de casar-se, principalmente, as mais pobres", esclarece o documento.

Saúde

A violência de gênero tem um impacto a "longo prazo" na vida das mulheres e, segundo o relatório, pode potencializar outros problemas como o HIV, gravidez indesejada, abuso de álcool e drogas, depressão e até suicídio.

Segundo este estudo, "as normas e a discriminação de gênero podem aumentar os riscos na saúde e as violações de direitos" e ainda dificultar o acesso a "serviços de saúde para atender suas necessidades específicas".

O relatório revela tendências negativas para as mulheres no que diz respeito à nutrição e saúde, incluindo saúde mental.

Entre 1995 e 2016, a prevalência de excesso de peso em mulheres entre os cinco e os 19 anos quase duplicou, passando de nove por cento (75 milhões) para 17 por cento (155 milhões).

Outra tendência relatada pelo

relatório é o suicídio ser, atualmente, a segunda principal causa de morte entre adolescentes com idades entre os 15 e os 19 anos.

O relatório alerta para os casos de emergências humanitárias, em que "as mulheres correm um risco maior de gravidez indesejada, infecção pelo HIV, morte e incapacidade materna, além de violência de gênero". Além disso, "com acesso limitado a serviços de saúde, informações ou espaços seguros, as vulnerabilidades das raparigas em crises aumentam".

Segundo revela ainda o documento cerca de 970 mil mulheres entre os 10 e os 19 anos têm VIH atualmente, contrastando as 740 mil em 1995.

Progressos maiores

O relatório, que surge no âmbito da campanha "Geração Igualdade" e assinala o 25.º aniversário da "Declaração e Plataforma para Ação" de Pequim, apela à intervenção no progresso e nas melhorias de vida da meninas e jovens mulheres de todo o mundo.

Dessa forma, é imperativo "celebrar e expandir oportunidades para todas as mulheres (...) para que estas defendam a mudança e proponham soluções de forma corajosa e ambiciosa".

O relatório divulgado na última quarta-feira apela ainda ao investimento "em políticas e programas para expandir modelos promissores que acelerem o progresso para e com mulheres adolescentes", alinhados com a realidade atual, incluindo "um movimento geracional para acabar com a violência de gênero, o casamento infantil e a MGF".

A Unicef garante que tem como compromisso "acelerar o progresso de mulheres e jovens - especialmente para pôr fim a todas as formas de violência e abrir caminhos de aprendizagem para que estas sejam bem sucedidas no futuro".

Luciano Nascimento Silva

Professor da UFPB

A representatividade da mulher na política

No ano de 2017 os meios de comunicação social no Brasil divulgaram números da representatividade da mulher na política que foram interpretados como a tradução do atraso da democracia brasileira. O órgão ONU Mulher, numa associação com a UNIP - União Interparlamentar, divulgou que em um universo de 174 países, o Brasil ocupava a posição de 154ª.

A ideia de expandir a presença da mulher nos cargos eletivos não tem apenas uma finalidade numérica, mas traduz a iniciativa de uma construção da igualdade de gênero irrenunciável à sobrevivência da democracia representativa no mundo ocidental. No ano de 1995, ocorre em Beijing, a 4ª Conferência Mundial sobre a Mulher, que construiu a ideia da representatividade feminina como categoria de medidas afirmativas. No mesmo ano no Brasil estava em vigência a Lei nº 9.100/95 que surgira para regulamentar as eleições de 1996 para o cargo de Vereador(a), a lei fala em preencher 20% das vagas de partidos ou coligações.

No ano de 1996 surge a Lei nº 9.504/97 (Código Eleitoral), que passou a falar em reserva de 30% de candidaturas de partidos ou coligações para mulheres no âmbito do legislativo municipal, estadual e federal. Mais ainda, com um dispositivo transitório que preceituava 25% nas eleições gerais para o ano de 1998. Portanto, a implementação, nos anos 90, do sistema de Cotas. Sem as cotas o percentual de mulheres na política era de 6,2%, em 1994. Com as Cotas, o percentual baixo para 5,7%, no ano de 1998. Em 2002, mesmo com a reserva de 30% de candidaturas, identifica-se um percentual de 8,8% para a Câmara Federal concretizada em 2006. No ano de 2009 ocorre a denominada "mini-reforma" para as eleições gerais, passa-se da ideia de reserva para a de preenchimento, no percentual de 30% de candidaturas de partidos ou coligações, com a reforma do artigo 10º da Lei nº 9.504/97.

Em 2015 a bancada feminina no Legislativo Federal propôs a ideia de assentos numa escala gradual de 10%, 12% e 16%, os homens brancos, ricos e controladores de partidos no Parlamento reprovaram a proposta. No ano de 2018 o STF decide que 30% dos recursos do fundo partidário são destinados às mulheres, como forma de medida afirmativa para fomentar a representatividade feminina. No mesmo ano, o TSE determina que 30% dos recursos do fundo eleitoral sejam destinados às mulheres, assim como o tempo de propaganda eleitoral gratuita. Em 2018 o número de mulheres na Câmara Federal chega a 78, que significa 15%. E no Senado da República atinge 12, chega a 14,8%.

No caso específico da Paraíba, a realidade política traduz uma inequívoca complexidade sociológica a presença da mulher na Assembleia Legislativa. Conforme os dados levantados a partir do ano de 1986, os números são entre 4 e 7 por legislatura, em um universo de 36 vagas. Entretanto, essa representatividade feminina não traduz uma plataforma democrática social, pois, em regra, é oriunda de uma reprodução histórica e cultural, já que transparecem a origem de famílias, maridos e líderes de partidos políticos controlados por oligarquias. Os movimentos sociais e populares, por via da filiação partidária, não têm conseguido levar à Assembleia Legislativa do Estado da Paraíba o número de mulheres que traduza uma diversidade sociológica, política, cultural e de ideias que a democracia representativa contemporânea exige para um mundo político legítimo e não apenas legal. Essa complexidade que coloca a democracia em déficit tem, pelo menos, dois lados: a) sejam os partidos políticos ligados às oligarquias; sejam aqueles com estrutura ou conexão social e popular, não conseguem realizar a perspectiva do preenchimento, ficam apenas no campo da reserva, o que compromete a legitimidade democrática; b) os partidos políticos, em regra, sejam conservadores ou progressistas populares, são controlados (espaço das decisões) por homens brancos e de larga experiência política, que a primeira exigência para esse controle é a perda da ingenuidade e do iluminismo políticos.



Foto: Tomaz Silva/Agência Brasil

Mulheres de todo o mundo têm se unido na luta contra a discriminação e a violência

F

L

1



1ª FEIRA
LITERÁRIA
DAS IMPRENSAS
OFICIAIS

A LITERATURA É MINHA FESTA,
É ALI QUE EU TOCO E DANÇO.
ARIANO SUASSUNA

DATA: 19 E 20 DE MARÇO
LOCAL: ESPAÇO CULTURAL
JOSÉ LINS DO RÊGO



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE IMPRENSAS OFICIAIS



EMPRESA
PARAIBANA DE
COMUNICAÇÃO



Somos todos
PARAÍBA
Governos do Estado

Os efeitos devastadores do aquecimento global

Eventos extremos, como períodos longos de seca e enchentes, devem ser cada vez mais frequentes

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Tempestades tropicais, furacões, desertificação, inundações. Eventos extremos como estes devem ser cada vez mais comuns no mundo, segundo projeções da Organização das Nações Unidas (ONU) e de especialistas de diversos países. A explicação está no aquecimento global, evento que pode ocorrer naturalmente, mas, para muitos estudiosos, sofre influência do modo de vida do homem, que vem degradando o meio ambiente e intensificando a emissão de gases de efeito estufa (GEE) na atmosfera da Terra, principalmente o dióxido de carbono (CO₂).

Na Paraíba, esses eventos atmosféricos severos já são observados. De acordo com o doutor em Geografia Marcelo Moura, professor do Departamento de Geociências da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com especialidade em climatologia, dependendo da região, a expectativa é de que ocorra no Estado excesso de chuva ou períodos prolongados de estiagem.

Mais frequentes

“Presenciamos, principalmente, entre 2012 e 2016, um longo período de seca no Semiárido paraibano. Por outro lado, há também chuvas extremas, como aconteceu em abril de 2009, em Patos. Na época, foram registrados mais de 250 milímetros de chuva em 24h, quando a média mensal da cidade é de 450 milímetros, e a anual é de 800 milímetros”, exemplificou Marcelo Moura. “E esses eventos de seca e chuvas extremas vão se tornar mais frequentes”, completou.

Segundo ele, a temperatura da Terra pode elevar 1,5 grau Celsius de 2030 a



Foto: Ortilo Antonio

Foto: Marcos Russo

O desequilíbrio climático, provocado principalmente pela emissão de gases de efeito estufa, provocam eventos naturais extremos, como a seca e as enchentes. Esses eventos, segundo pesquisadores, devem ser cada vez mais frequentes

2050, o que representa cerca de 0,2 grau por década. A influência dessa elevação térmica tem repercussão em todo o planeta e não ocorre de maneira uniforme. Existem áreas do planeta, segundo o professor, em que a mudança está mais evidente. “Nos polos da Terra, por exemplo, o aumento é duas ou três vezes maior”, frisou.

Estudiosos apontam que as mudanças climáticas na Terra estão diretamente relacionadas ao modo de vida do homem, que vem degradando o meio ambiente

Países precisam cumprir acordos internacionais

O aquecimento global está na pauta de debates e estudos de cientistas internacionais. A ONU, juntamente com a Organização Meteorológica Mundial (OMM), criou o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas. O objetivo é sintetizar e divulgar informações científicas sobre as mudanças climáticas.

Um dos relatórios divulgados pelo Painel concluiu que as alterações no clima do planeta são reais e que as atividades humanas são a sua principal causa. Em 2018, em um relatório especial, foi divulgado que o aumento de 1,5 graus Celsius exige revisões urgentes e profundas nos padrões de comportamento da sociedade humana. Desde então, a ONU

busca mobilizar os líderes de diversos países a adotarem práticas mais sustentáveis de produção e estilo de vida da população.

O professor Marcelo Moura lembra que o principal alerta do Painel sobre as mudanças climáticas é que os 195 países membros da ONU, entre eles o Brasil, cumpram os acordos internacionais.

“O principal deles é o Acordo de Paris, que prevê a redução da emissão de CO₂ na atmosfera. Além disso, esses governos devem apresentar propostas concretas de políticas públicas no combate ao aquecimento global”, frisou.

Saiba mais

Quando se fala em aquecimento global, pensa-se logo

em efeito estufa. Mas ele não é o vilão dessa história, e sim um fenômeno natural e necessário para a preservação da vida no planeta. O efeito estufa permite que parte da radiação solar refletida de volta para o espaço, seja absorvida pelo planeta, tornando a Terra habitável.

A Organização das Nações Unidas (ONU) alerta, porém, que o desequilíbrio no consumo, a produção desordenada, a poluição e a má exploração dos recursos naturais trouxeram desequilíbrio a esse fenômeno, por causa do lançamento de Gases de Efeito Estufa (GEE).

Continua na página 18

Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com

Filhos fracos do meio e da mensagem

Há muito o que discutir em termos de informação cultural, de base, quando um dos negócios fundamentais de 2020 é renovar o teatro da Paraíba. Vale a pena repisar que estamos próximos de terminar a segunda metade do século 21.

Curar, salvar, libertar, propor. O teatro, uma linguagem teatral, uma estética, um modo político. Nisso uma questão a atacar com urgência é a de repertório. Leituras em círculos, montagens, debates, para que a autoria teatral seja conhecida em seu todo, passado e futuro. O presente sempre é apenas um ponto de referência.

O repertório deixa que o teatro seja vivo. A questão de dinheiro para produção é importante sim, mas deve ser mirada como o teto do edifício. O primeiro passo é arrancar o mato do terreno, limpar toda a área, cavar os buracos. É garantir a solidez dos alicerces.

Preparar voz, respiração, impostação, corpo, mente aberta, expressão, informação cultural. Dar técnica para que haja estética. Provocar estética para que a razão fundamental do texto - política ou não, religiosa ou não, mística ou não, primordialmente filosófica ou não - seja colocada



no palco com sabor de perfeição.

Não há forma sem conteúdo. Mas também não há conteúdo sem forma. Algo como acima e embaixo. Sobre e sob. Assim na terra como no céu.

Claro que isso é um velho papo. No entanto, tornado novo porque o índice de informação cultural deste país caiu tanto nos últimos trinta anos que a questão deve voltar, a todo vapor, para que o clima de alienação, de afastamento da real reali-

dade, seja superado.

Não venha alguém dizer que nosso índice de informação cultural cresceu, bastando para isso entrar no Facebook, Twitter, etc. e tal. Neca de tibirititi. A minoria da população tem acesso à Internet e a maioria dos que acessam as redes sociais procuram sexo, dinheiro e jogos - bem poucos querem saber de teatro. Infosemianalfabetos.

A discussão cultural incessante deve voltar a circular entre os artistas que não discutem, ou desconhecem absolutamente coisas como as razões poético-políticas de Maiakóvsky; as discussões culturais realizadas e editadas na ilha de Cuba na primeira metade dos anos 1960 (incluindo visita de Jean-Luc Godard a Havana e intervenções culturais de Ernesto Guevara); o pensamento e textos riquíssimos de Brecht; a percepção política na produção geral de Paulo Pontes; o Modernismo; o Tropicalismo; latinos

e gregos; a dramaturgia shakespeariana e suas atuais extensões; as propostas de Grotowsky; toda a cultura *pop* anglo-americana dos anos 1960/70; as atuais vanguardas mundiais. E etc.

A informação histórica, como a ideologia de trabalho, é um dado básico para que o teatro viva. Num processo de conhecimento paralelo ao aprendizado da linguagem. *Spot* é *spot*. Foco de luz é foco de luz. Respiração abdominal é respiração abdominal. “Tartufo” é “Tartufo”. Coringa é coringa. Distanciamento é distanciamento.

Sem a aproximação dentro da linguagem teatral específica, a única noção que fica de teatro é a de palco-e-plateia. Com essa limitação, o que acontece? O assassinato de um texto como “Aquele que diz sim, aquele que diz não”, de Brecht. Porque montar Brecht sem mergulhar na profundidade da linguagem brechtiana, sem revisar Brecht politicamente, é a mesma coisa que tentar montar “Rogério”, do paraibano Orris Soares, sem conhecer o clima geral em torno do Modernismo.

Quem começa a fazer teatro, que tipo de linguagem carrega? Uma linguagem distante da experiência teatral. Aquele que começa agora o teatro, trazendo sua identidade no começo dos 20 anos, usa o olho da TV. Vê o vídeo em tudo. É a pessoa intoxicada, com todas extensões. Filho (o) fraco (a) do meio e da mensagem segundo MacLuhan. É quando você vê uma peça com a nova atriz copiando o dialeto usado nas telenovelas, numa perda de identidade que faz tremer o coração na lembrança de uma possível caminhada, em ritmo de ficção/realidade, para o “1984” de Orwell.

Governo e sociedade devem assumir responsabilidades

Pesquisadores alertam para a necessidade de políticas públicas que possam reduzir os efeitos do aquecimento

Alexandra Tavares
lekaip@hotmail.com

A Terra, naturalmente, passa por períodos de aquecimento e resfriamento. Atualmente o homem vivencia a Era Interglacial, ou seja, de temperaturas mais elevadas. “O problema é que, além de estarmos vivenciando este período mais quente, há um incremento desse aquecimento”, ressaltou o doutor em Geografia, Marcelo Moura, professor do Departamento de Geociências da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com especialidade em climatologia. E esse incremento, segundo vários cientistas, tem relação com os padrões de vida do homem.

Mas existem vários questionamentos sobre a interferência ou não da sociedade nessas alterações do clima e no aquecimento global. A professora do Departamento de Geociência da UFPB, Daisy Beserra Lucena, doutora em Meteorologia e membro do Laboratório de Climatologia Geográfica da UFPB, afirma que esses são temas muito complexos, uma vez que as variações do clima acontecem lentamente, em grandes escalas de tempo, e envolvem uma série de fatores, sendo um deles a própria natureza, algo incontrolável e muitas vezes imprevisível.

Daisy Lucena lembra que os próprios eventos extremos do clima são episódios raros, que podem ou não estar vinculados ao aquecimento global. Mas diante do comportamento do homem nas últimas décadas, da industrialização, da produção e consumo desordenados, da exploração desarmônica dos recursos naturais, dos diversos tipos de poluição lançados na atmosfera, a professora ressalta que não há como dissociar o impacto da sociedade no meio ambiente. “Diante disso, há como afirmar que as mudanças do clima são apenas naturais? E vamos tirar então o



Foto: Arquivo pessoal

Professora Daisy Lucena: não podemos excluir nosso papel de culpados

nosso papel de culpados? Melhor é refletirmos”, destacou.

Independentemente das causas, o planeta está se aquecendo de maneira que chama a atenção de cientistas de todo o mundo. Essas alterações provocam impactos sociais, econômicos, culturais, além de ambientais.

Isso porque o aquecimento da Terra provoca o derretimento de geleiras, o aumento do nível do mar e pode dizimar espécies que vão perder seu habitat natural. As cidades podem ser seriamente afetadas por conchas de enchentes e ainda há o risco de desertificação em alguns locais do planeta.

Segundo Daisy Lucena, é praticamente impossível prever como estará o planeta no futuro, mas é preciso pensar desde agora em ações que possam minimizar o impacto do aquecimento global e tentar frear esse processo. “Não se pode dizer que é possível reverter algo que já está acontecendo. Entretanto, é possível minimizar os efeitos e, mais

ainda, repensar e pensar em estratégias, no que está sendo feito, e melhorar as ações futuras”.

O professor Marcelo Moura destacou que a responsabilidade para reduzir os efeitos do aquecimento global deve ser assumida pelo governo, através de políticas públicas. “E que esse compromisso também seja assumido pela sociedade”.

Simpósio

As mudanças climáticas no mundo são debatidas por estudiosos de diversas nacionalidades na comunidade acadêmica e em eventos como congressos, fóruns e simpósios. Um desses encontros será realizado em João Pessoa, no Campus I da Universidade Federal da Paraíba, que sediará o XIV Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica, de 10 a 14 de novembro. O evento, promovido pela Associação Brasileira de Climatologia, reunirá estudantes, professores, pesquisadores de climatologia, técnicos e a sociedade civil.

O QUE PODEMOS FAZER

- Diminuir o uso de combustíveis fósseis (gasolina, diesel, querosene, e outros) e incentivar o uso de biocombustíveis;
- Ampliar e incentivar o uso de energias limpas e renováveis, tais como: eólica, solar, dentre outras;
- Incentivar o uso de iluminação natural dentro de ambientes reduzindo assim o consumo de energia;
- Sempre que possível diminuir o uso de carro e utilizar o sistemas de transporte coletivo (sendo este também de baixa emissão de gases poluentes) ou uso de bicicletas;
- Colaborar com o sistema de coleta de lixo, fazendo-o com que o mesmo seja feito de forma organizada, separando principalmente o material que serve para reciclagem;
- Pôr em prática o consumo consciente, evitando a aquisição de bens supérfluos e analisando de onde vem cada produto, como é fabricado e se há sempre uma melhor opção de compra,
- Impedir ou diminuir o desflorestamento; desmatamento e incêndios em floresta, ou áreas naturais, incentivando a conservação e o plantio de árvores, deixando o ambiente mais arborizado e, conseqüentemente, com o ar mais puro.

SAIBA MAIS

■ Nos centros urbanos, o aumento da sensação térmica e da temperatura fica mais acentuado por conta das ilhas de calor. Isso porque onde há grande concentração de prédios altos, é mais difícil a circulação do vento. Por isso, se compararmos um bairro onde há grandes construções verticais, com outro menos urbanizado, há diferença de temperatura. O professor Moura conta que ao comparar a temperatura de um bairro pessoense como o de Manaira, com um menos urbanizado, como o Castelo Branco, essa diferença pode chegar a 5 graus. “Então, de fato, o aquecimento global intensifica as ilhas de calor nos centros urbanos”, reforçou.

Fala povo

As pessoas confirmam que percebem facilmente o aumento de temperatura no dia a dia. Confira alguns depoimentos.



“O clima está mudando. O calor está demais. Vi, inclusive na televisão, uma reportagem em que os trabalhadores de um fórum, no Rio de Janeiro, foram liberados para trabalhar de bermuda e camisa por conta da temperatura alta. Eles não aguentaram ficar de calça comprida e paletó.”

Cleiton Moreira
Pintor



“O calor aumentou tanto que há todo momento o ventilador é ligado em casa. Os banhos aumentaram e só dá vontade de tomar algo refrescante, pois ninguém aguenta essa temperatura. E após um cafezinho, imediatamente vem o calor e não consigo ficar dentro de casa.”

Suzy da Silva
Auxiliar de farmácia



“Não é difícil perceber esse aumento de temperatura em todo canto. Quando saímos para trabalhar às 7h da manhã, já sentimos muito calor. Parece que já são 8h30 ou 9h. Quando eu era criança, isso não acontecia, era bem diferente.”

Airon Cassiano
Microempreendedor

Toca do Leão

Fábio Mozart

Forró raiz e cidadania na periferia

Como é que a escola dos pobres mantida pelo governo da burguesia poderia ensinar crianças a se tornarem cidadãos livres e conscientes? A inquirição me foi feita há muitos anos por um professor “extremista”. Essa questão crucial ainda incomoda professores comprometidos em quebrar os anéis da imbecilidade e pensamentos retrógrados no ambiente da escola pública. Quase todos os que ponderam sobre isso avaliam que a única saída seria uma revolução, que jamais será feita. Os que baseiam seu trabalho de mestres em princípios pessoais de honestidade intelectual e fraternidade, fazem sua parte. Não interessa se a escola reconhece, ou o prefeito aprova, ou mesmo que seus colegas legitimem e reproduzam seu trabalho. Vão lá e tiram do próprio salário magro a grana para bancar projetos culturais para crianças maltrapilhas, famélicas, abandonadas pelo Estado e esculhambadas. É impossível a democracia em um país assim, mas é

possível que um humilde professor pegue seu lugar e caminhe dentro daquele processo histórico que move a humanidade, chamado luta de classes.

No dia 29 de fevereiro eu entrevistei o professor Francisco Diniz na Rádio Tabajara, no programa “Alô comunidade”. Ele é da área de educação física, mas trabalha também com formação cidadã através da escrita, leitura e da música. É autor e coordenador do projeto “Pé de serra”, onde ensina crianças de 10 a 14 anos a tocar sanfona, violão, pandeiro, zabumba e outros instrumentos. No balanço do forró raiz, ele acaba também produzindo folhetos de cordel, modulando a cabeça dos garotos na sintonia da consciência social. “O povo desinformado dá no que deu: elegeu Jair Bolsonaro”, certifica o mestre.

Meu Brasil brasileiro está cheio de pessoas assim, generosas, desinteressadas em bens ou reconhecimento, dedicadas a arranjar seja onde for al-

gum nutriente cultural para mentes em formação. A proteína e sais minerais que Francisco Diniz oferece é a cultura regional nordestina e paraibana, tão menosprezada nesses tempos onde a mundialização do capitalismo lesiona mortalmente as sociedades do terceiro mundo e suas tradições.

Indiquei o nome do poeta e professor Francisco Diniz para receber diploma de honra ao mérito cultural da Academia de Cordel do Vale do Paraíba. Faço questão de homenagear pessoas assim, até por conexão com minhas experiências pessoais nessa área. Fui voluntário em muitos projetos culturais e sociais em Itabaiana e Mari, cidades onde morei. Francisco levará para receber o agraciamento seus alunos da Escola Paulo Jorge Rodrigues de Lima e Emília Moraes Neta em Lerolândia, comunidade desvalida no município de Santa Rita. Gabriel, Eugênio, Cauã, Alessandro e os demais meninos do projeto “Pé de serra” prestarão tributo ao

professor poeta da cidadania e elevarão a auto estima com os aplausos na batida da zabumba e no chiado da sanfona mirim.

Sobre cultura em Santa Rita, lembro sempre de um episódio engraçado e grotesco ao mesmo tempo. O prefeito do lugar, (por sinal, morto recentemente), foi apresentado ao vigilante:

--- Doutor, este é o vigilante fulano, um artista. Ele faz cinema, merece ser melhor aproveitado na Prefeitura.

E o prefeito:

--- Ele é ator principal? Se não é, não vale nada!

Os meninos de Francisco serão atores principais em um sarau artístico da burguesia. Pelo menos nessa noite serão respeitados e aplaudidos, a despeito da discriminação social. O jornal conservador Estado de São Paulo publicou editorial em 1956 dizendo que “ser pobre é um problema endocrinológico; as glândulas não funcionam bem no sujeito, ele vira comunista”.

Imposto de Renda: como evitar as garras do leão

Omissões de rendimento e divergências nas informações podem levar o contribuinte a cair na malha fina

Kelly Oliveira
Agência Brasil

Com o início do prazo para a entrega da Declaração do Imposto de Renda da Pessoa Física (IRPF), os contribuintes devem ficar atentos para o preenchimento dos dados do documento e, assim, evitar cair na malha fina.

A Receita Federal consegue detectar erros ou omissão de informações por meio de cruzamento de dados dos contribuintes, por exemplo, dos prestadores de serviço, como médicos e dentistas.

Quando caem na malha fina, as restituições ficam retidas até a correção de eventuais erros ou omissões.

Principais motivos

Em dezembro, quando foi concluído o processamento das Declarações do IRPF 2019 e saiu o último lote de restituição do ano passado, a Receita Federal informou que 700.221 declarações estavam retidas na malha, devido a inconsistências nas informações prestadas. Essa quantidade corresponde a 2,13% do total de 32.931.145 declarações entregues.

Desse total de declarações retidas em malha, 74,9% apresentaram imposto a restituir; 22,4% tinham imposto a pagar e 2,7%, saldo zero.

Segundo a Receita Federal, as principais razões pelas quais as declarações foram retidas no ano passado foram: omissão de rendimentos do titular ou seus dependentes (35,6%); despesas médicas (25,1%); divergências entre o IRRF informado na declaração e os dados da DIRF (23,5%); dedução de previdência oficial ou privada, dependentes, pensão alimentícia e outras (12,5%).

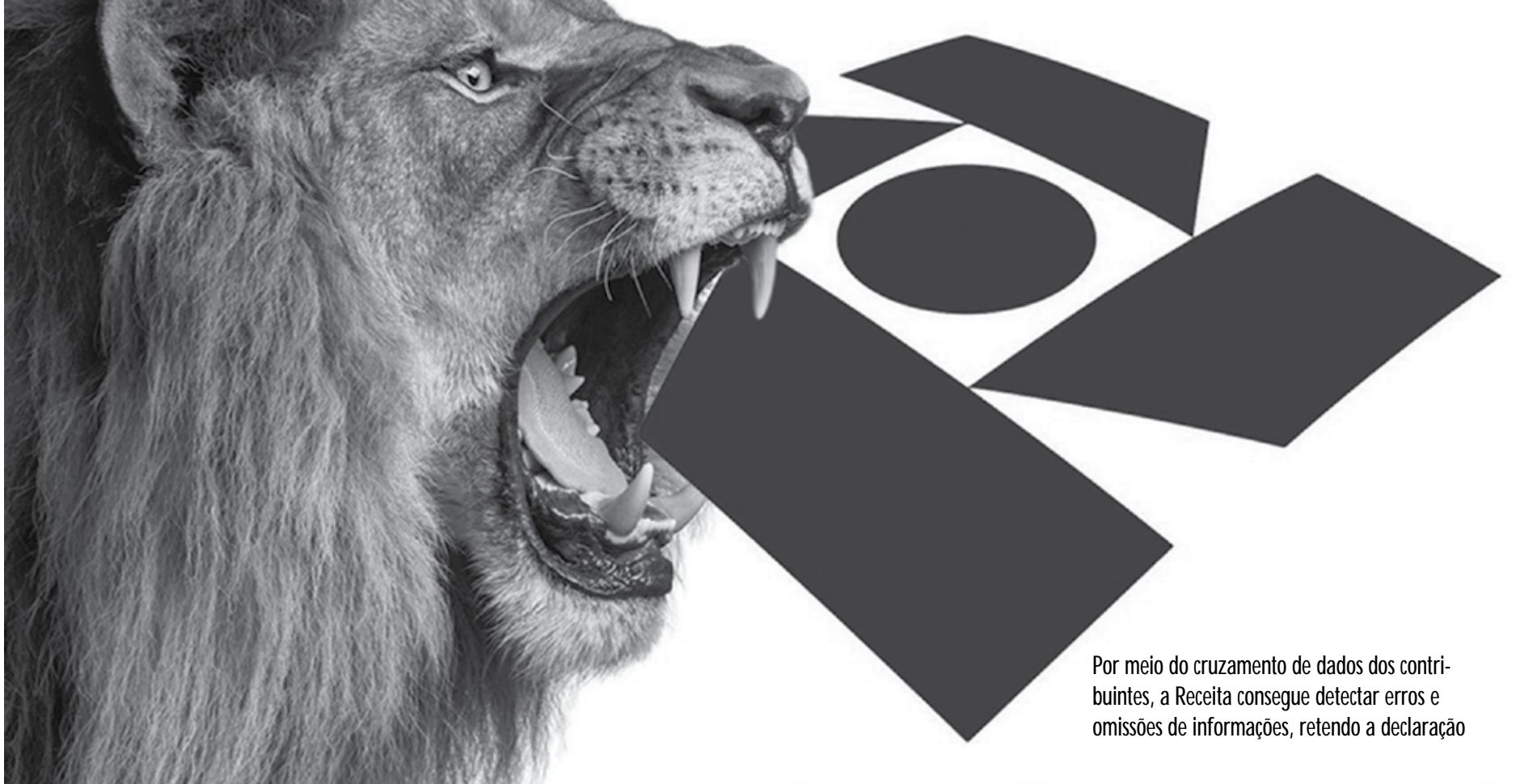
Processamento

Neste ano, o processamento das declarações terminará mais cedo. Isso porque a Receita Federal antecipou o pagamento dos lotes de restituição do Imposto de Renda Pessoa Física (IRPF). Tradicionalmente paga em sete lotes, de junho a dezembro, a restituição deste ano será paga em cinco lotes, do fim de maio ao fim de setembro.

Para ter acesso ao extrato do processamento da declaração, o contribuinte deve acessar a página do e-CAC - Centro Virtual de Atendimento ao Contribuinte. Para utilizar o e-CAC, o contribuinte precisa ter um código de acesso gerado na própria página da Receita ou o certificado digital emitido por autoridade habilitada. Para gerar o código, terá que informar o número do recibo de entrega das declarações de imposto de renda dos dois últimos exercícios.

Mais de 700 mil declarações ficaram retidas na malha fina em 2019 devido a inconsistências nas informações prestadas pelos contribuintes

Foto: Agência Brasil



Por meio do cruzamento de dados dos contribuintes, a Receita consegue detectar erros e omissões de informações, retendo a declaração

+ Site ensina a fazer a retificação

Uma vez no e-CAC, o contribuinte, além de verificar as pendências, poderá autorizar que um dispositivo móvel (celular ou tablet) acesse informações e acompanhe o processamento de sua declaração. Assim, sempre que a declaração for recepcionada, retificada, entrar ou sair da malha fina ou tiver crédito de restituição enviado para o banco o dispositivo móvel cadastrado será avisado. Para isso, além do cadastramento no e-CAC é necessário instalar e ativar o serviço no aplicativo IRPF.

Quem enviou a declaração e identificou no extrato do processamento algum erro deve fazer a retificação, com envio de nova

declaração com as informações corretas, o que libera da malha.

Segundo a Receita, ao acessar o extrato, é importante prestar atenção na seção Pendências de Malha. É nessa seção que o contribuinte pode identificar se a declaração está retida em malha fiscal, ou se há alguma outra pendência que possa ser regularizada por ele mesmo.

Se a declaração estiver retida em malha fiscal, nessa seção, o contribuinte encontrará links para verificar com detalhes o motivo da retenção e consultar orientações de procedimentos. Constatando erro na declaração apresentada, o contribuinte pode regularizar

sua situação apresentando declaração retificadora.

Se não houver erro na declaração apresentada e estando na posse de todos os documentos comprobatórios, o contribuinte pode optar por aguardar intimação ou agendar pela internet uma data e local para apresentar os documentos e antecipar a análise de sua declaração pela Receita Federal.

A Receita tem um vídeo disponível no Youtube que ensina o contribuinte a acessar o e-CAC para acompanhar o extrato do processamento da DIRPF e saber se a sua declaração foi retida na malha fiscal. Endereço: <https://youtu.be/XszUE4PdXZI>

Investimentos precisam ser declarados

Talita Nascimento
Agência Estado

Para quem começou a investir em 2019, a atenção na declaração do Imposto de Renda 2020 deve ser maior do que antes. Ainda que o investidor não tenha sacado lucros, todos os títulos, ações e cotas de fundos adquiridas no último ano devem ser declarados. Nem mesmo os investimentos isentos de IR, como LCI/LCA e poupança, ficam de fora dessa lista.

Para qualquer investimento que não foi resgatado, seja de renda fixa ou variável, o contribuinte deve registrar o ativo com o valor pago no momento da compra.

“Se for um título do Tesouro ou uma cota de fundo de investimento, por exemplo, na declaração se coloca o valor pago, sem importar quanto esse ativo vale agora”, diz Bruno Mori, planejador financeiro da Planejar. Os ativos não vendidos devem constar no campo “Bens e direitos”.

“Conta corrente, poupança e demais aplicações financeiras a partir de R\$ 140

devem ser declaradas. Conjuntos de ações, cotas de empresas fechadas ou abertas e ouro (ativo financeiro) precisam ser declarados quando representarem mais de R\$ 1 mil”, diz Mori. A seguir, os principais pontos de atenção ao declarar investimentos.

Previdência privada

Se a opção foi pelo PGDL, o IR vai incidir sobre todo o patrimônio investido quando ele for sacado. O contribuinte deve elencá-lo na parte referente a “Pagamentos efetuados”, no campo reservado às deduções.

Dessa maneira, os pagamentos serão deduzidos do imposto a pagar com o limite de 12% sobre os rendimentos tributáveis que esse contribuinte tiver declarado.

Se a opção foi pelo sistema VGBL, ao final do plano, o imposto deverá incidir sobre os rendimentos. Na declaração anual, o contribuinte deve acrescentar suas cotas com o valor pelo qual se adquiriu no campo de “Bens e direitos”, assim como os demais investimentos que não foram vendidos.

Renda fixa

Para quem vendeu títulos do governo, o imposto já foi retido na fonte no momento do saque, o que se chama de “Rendimento sujeito à tributação exclusiva”.

Da mesma maneira, quem investiu via fundos de investimento, de qualquer natureza, e fez resgates, o imposto já foi descontado na retirada. Basta, portanto, seguir as instruções do informe de rendimentos da gestora.

Ações

Para quem comprou e vendeu ações durante o ano, o maior trabalho já deve ter sido feito em 2019. Mensalmente, o investidor deve computar suas vendas acima de R\$ 20 mil no programa da Receita chamado “GCAP”.

Ali, ele pode registrar também suas perdas e carregar o prejuízo para os próximos 30 dias de apuração. Dessa maneira, será possível descontar o valor dos ganhos do próximo mês.

Quando há ganho de capital (venda acima de R\$ 20 mil no mês), o lucro so-

fre tributação de 15%. Se a operação tiver sido realizada no modelo day trade (compra e venda no mesmo dia), a alíquota será de 20%. Para o contribuinte que tiver feito os registros corretamente, na hora da declaração, basta importar os dados no campo “Ganho de capital”.

Se a apuração mensal não estiver regular, o contribuinte deve atualizá-la e quitar os impostos devidos para fazer a importação. Se não houve ganho de capital, o investidor deve registrar suas vendas de ações no campo de “Rendimentos isentos e não tributáveis”.

Criptomoedas

Os criptoativos devem ser declarados no campo “Outros bens e direitos”, pelo valor de aquisição. Se foram realizadas transações durante o ano e com elas houve ganho de capital (valores acima de R\$ 35 mil), as compras e vendas devem ter sido informadas mensalmente à Receita e o imposto, devidamente recolhido.

As informações são do jornal O Estado de S. Paulo.

SERVIÇO

A Receita também disponibiliza uma lista completa de erros e omissões no preenchimento do IRPF. Veja abaixo os mais comuns:

■ ERROS

- Despesas médicas com valores diferentes dos recibos; não informar valor reembolsado.
- Valores e dados na ficha de rendimentos tributáveis diferentes da Declaração do Imposto de Renda Retido na Fonte (DIRF), feita pelas empresas (fontes pagadoras).
- Informar dependentes sem relação de dependência ou dependente repetido na declaração dos cônjuges ou companheiros.
- Dedução de previdência oficial ou privada (os planos tipo Vida Gerador de Benefício Livre - VGBL - não permitem dedução de IR) e pensão alimentícia
- Quando a empresa deixar de fazer a DIRF ou declara dados errados, como o CPF, ou quando altera o informe de rendimentos, sem comunicar ao funcionário

■ OMISSÕES

- Rendimentos recebidos (o contribuinte não deve esquecer mesmo quando houver rescisão de contrato de trabalho)
- Rendimentos recebidos por dependentes
- Rendimentos de aluguel
- Não preencher a ficha de ganhos de renda variável quando houve investimentos em bolsa de valores
- Não preencher a ficha de ganhos de capital quando há venda de bens e direitos por valores acima do informado na compra

Campanha de vacinação contra a gripe será iniciada este mês

Imunização vai começar atendendo gestantes, crianças até seis anos, puérperas e idosos, que são mais vulneráveis à doença

O Ministério da Saúde vai antecipar a Campanha Nacional de Vacinação contra a Influenza como estratégia de diminuir a quantidade de pessoas com gripe neste inverno. Primeiro, devem ser vacinadas gestantes, crianças até seis anos, mulheres até 45 dias após o parto (puérperas) e idosos, historicamente mais vulnerável à doença, que pode levar até a morte. O início da campanha está previsto para começar no dia 23 de março e não mais na segunda quinzena de abril.

O anúncio aconteceu durante coletiva de imprensa realizada no penúltimo dia de fevereiro, em São Paulo (SP), após reunião do ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, com o governador do Estado de São Paulo, João Doria, e representantes da Saúde do Estado. A antecipação da campanha de vacinação foi possível por um esforço conjunto do Ministério da Saúde, do Instituto Butantan, produtor da vacina, e da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) devido à atual situação de Emergência Internacional de Saúde Pública pelo coronavírus.

Para a campanha, o Instituto Butantan produziu 75 milhões de doses que previnem contra os três tipos de vírus de influenza que mais circularam no ano anterior. O ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, lembrou a importância de ampliar a cobertura vacinal e destacou que a vacina é uma das medidas mais importantes para a prevenção de doenças. "As influências A e B são mais comuns que o coronavírus e a Campanha Nacional de Vacinação contra a gripe diminui a situação endêmica dos vírus respiratórios no país, por isso é tão importante que as pessoas que fazem parte do público-alvo da campanha procurem uma unidade de saúde", concluiu.

Para a campanha, o Instituto Butantan produziu 75 milhões de doses que previnem contra os três tipos de vírus de influenza que mais circularam no ano anterior. O ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, lembrou a importância de ampliar a cobertura vacinal e destacou que a vacina é uma das medidas mais importantes para a prevenção de doenças. "As influências A e B são mais comuns que o coronavírus e a Campanha Nacional de Vacinação contra a gripe diminui a situação endêmica dos vírus respiratórios no país, por isso é tão importante que as pessoas que fazem parte do público-alvo da campanha procurem uma unidade de saúde", concluiu.



Foto: Agência Brasil

Para a campanha, o Instituto Butantan produziu 75 milhões de doses que previnem contra os três tipos de vírus de influenza que mais circularam no ano anterior

Doenças raras

Brasil avança na assistência e tratamento

Em 2019, o Ministério da Saúde passou a ofertar tratamentos para dez tipos de doenças raras, publicou oito Protocolos Clínicos de Diretrizes Terapêuticas, e habilitou nove Serviços de Referência

No Brasil, 13 milhões de pessoas são consideradas raras. Ou seja, possuem alguma das cerca de oito mil doenças raras já catalogadas. Para cuidar bem destes brasileiros, o Ministério da Saúde tem investido cada vez mais na assistência a doenças raras, como fibrose cística, esclerose múltipla e doença falciforme. Em 2019, o Sistema Único de Saúde (SUS) passou a ofertar novos tratamentos para dez diferentes tipos de doenças raras; publicou oito Protocolos Clínicos de Diretrizes Terapêuticas (PCDT), que são documentos que uniformizam o atendimento, assistência, monitoramento e tratamento para as doenças raras; e habilitou nove Serviços de Referência voltados para essa população no país.

Nos últimos anos, foram incorporados ainda 15 exames de biologia molecular, citogenética e imunoenzaios para diagnóstico de doenças raras, além do aconselhamento genético e procedimentos de avaliação diagnóstica.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), é considerada rara a doença que afeta até 65 pessoas em cada 100 mil indivíduos. Estima-se que 80% das doenças raras no mundo são de causa genética e 20% de causas ambientais. Devido a essa complexidade, o atendimento de pacientes com doenças raras é um desafio em todo o mundo. Muitas dessas doenças não possuem tratamento ou informações científicas e há necessidade de profissionais capacitados. Por isso, o esforço permanente do Ministério da Saúde em incorporar novas tecnologias e editar protocolos que orientem o diagnóstico e tratamento destas doenças.

O ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, destaca que o SUS conta com a Política Nacional de Atenção Integral

às Pessoas com Doenças Raras, que prevê rede de atendimento para prevenção, diagnóstico, reabilitação e tratamento pelo SUS. "Isso envolve pesquisa, cadastramento de centros de referência em cada Estado, para que possamos ter especialistas em genética e nas terapias que antigamente eram muito raras e que agora, gradativamente, a ciência começa a desvendar", explica o ministro.

Para Mandetta, "a cura para doenças raras é um desafio da ciência. A esperança da medicina, no entanto, é a terapia genética". De acordo com ele, o avanço nessa área da saúde pode chegar por meio da Plataforma Nacional do Genoma Brasil, que pretende mapear o gen dos brasileiros. Essa iniciativa é um importante passo que o SUS se prepara para dar. "Poderemos identificar quais são aqueles grupos que têm no aconselhamento genético, na terapia gênica, na terapia de precisão, as melhores oportunidades para as soluções que a ciência traz às doenças raras", explica Mandetta.

Protocolos

Para orientar médicos e outros profissionais da saúde, a pasta publica e atualiza frequentemente os Protocolos Clínicos de Diretrizes Terapêuticas. Esses documentos incluem recomendações de condutas clínicas, medicamentos, produtos e procedimentos nas diferentes fases evolutivas da doença ou do agravo à saúde.

Dos 154 PCDTs que o Ministério da Saúde já publicou, 46 foram destinados exclusivamente a tratar as pessoas com doenças raras. Isso representa 30% de todos os protocolos existentes no Brasil. Em 2019, oito PCDTs foram publicados para doenças, como Esclerose múltipla, Acromegalia e Atrofia Muscular Espinhal (AME). Outros seis estão em elaboração para Doença de Fabry, Doença de Niemann-Pick Tipo C, Doença de Pompe, Epidermólise Bolhosa, Homocistinúria e Deficiência Intelectual.

Novos tratamentos

Ainda em 2019, foram incorporadas 10 novas tecnologias ao sistema público para o tratamento desses pacientes, entre eles o medicamento Emicizumabe para tratar pessoas com Hemofilia A e inibidores ao fator VIII refratários ao tratamento de imunotolerância e a Citometria

Locais dos Serviços de Referência em Doenças Raras



de Fluxo para diagnóstico de Hemoglobinúria Paroxística Noturna.

"Alguns medicamentos que estavam muito distantes passaram a fazer parte também do arsenal do SUS. Para aqueles casos que têm comprovação científica, eles andam na frente. Os demais vêm de compartilhamento

de risco. São casos em que o produtor do medicamento, junto com o médico assistente dizem ao Ministério da Saúde se o caso é indicado ao tratamento ou não. A partir do laudo ou não. A partir do laudo com a indicação, o Ministério da Saúde autoriza. Caso não funcione, o próprio laboratório repõe o medicamento para os casos aonde

já há comprovação científica", explica Mandetta.

Além dos medicamentos e outras tecnologias, há os exames genéticos. Desde 2014, o Ministério da Saúde incorporou 15 exames de biologia molecular, citogenética e imunoenzaios para diagnóstico de doenças raras e 22 medicamentos.



WIDELENE CARDOSO

A força feminina na arbitragem

Paraibana é uma das melhores árbitras de basquete do mundo e é constantemente convocada para mundiais

Ana Flávia Nóbrega
ana8flavianobreg@gmail.com

Desde a sua origem, os esportes não foram um ambiente receptivo para as mulheres. Nos primórdios das atividades esportivas, na Grécia Antiga, as mulheres eram excluídas de participar e até estar presente nos centros esportivos com o argumento masculino e patriarcal de que a brutalidade do contato e esforços físicos no esporte pode -

meçou a jogar oficialmente em 1992. Depois do início, não passou muito tempo até o plantel liderado por Hortência, Magic Paula e Janeth chegar ao estrelato com a medalha de ouro nas Olimpíadas de 1994. Nessa época, a paraibana Widelene Cardoso já começava a sua trajetória na modalidade. Atletas e mesmo com baixa estatura, a paraibana decidiu em 1997 que sua vida dentro das quadras seria com o apito na mão após ver a árbitra Fátima Aparecida atuando.

“Quando a vi apitando, eu pensei que queria aquilo para mim e pedi ao meu tio, que já era árbitro, para começar na profissão. Em 1999 eu fiz a clínica (capacitação) e passei a integrar o quadro da Federação Paraibana”, contou.

Além da baixa estatura, Widelene é mulher e nordestina. Logo nos primeiros treinamentos para exercer a profissão, a árbitra foi avisada que teria as três características como barreiras

tram que não tem confiança no seu trabalho. Geralmente quando o homem chega, as pessoas já sabem o que ele ocupa. Com as mulheres não. Até você dar o primeiro apito e mostrar que sabe o que está fazendo, vai existir a desconfiança”, relatou Widelene.

Com a capacidade questionada a cada partida por torcedores, atletas e técnicos, a mulher, segundo a árbitra, ainda tem mais problemas para enfrentar dentro da quadra e fora dela. O assédio por parte dos homens e o medo pela violência se fazem presentes não só no exercício da profis-

são, mas no cotidiano feminino.

“Mesmo tendo a postura firme, eles tentam lhe assediar com xingamentos ou com cantadas independentemente da roupa que a gente use. O machismo impera. É muito difícil, mas eu nunca pensei em desistir. A gente sofre isso (violência e medo) dentro da quadra de basquete porque nem sempre existe policiamento e a gente fica a mercê de vir uma pes-

soa descontente com algo e simplesmente bater na gente ou até matar em momentos de fúria. A gente não pode tapar os olhos para isso e achar que não vai acontecer. Eu me preocupo com isso em todos os jogos. A gente tem que estar atenta a tudo isso dentro e fora das quadras”, comentou.

Aos 43 anos, Widelene Cardoso chegou ao patamar de árbitra internacional depois de muita persistência durante os 21 anos exercendo a profissão. A paraibana participou, em 2019, do Mundial Master de Basquete em Estopoo, na Finlândia, e já está de malas prontas para apitar uma edição dos Jogos Pan Americanos que acontecerá na Argentina este ano.

Mesmo com a experiência, Widelene não vive de

basquete. Mesmo com a crescente do Basquete Unifacisa no cenário nacional, a Paraíba ainda vive do esporte amador na modalidade. Por isso, a árbitra trabalha como psicóloga e como membro do sindicato do IFPB.

Apesar dos percalços e como boa nordestina, Widelene não desiste e segue incentivando mais mulheres no mundo do basquete. Ela ministra palestras para novos árbitros e vê sua representatividade como primordial para que mais mulheres adentrem ao mundo do apito nas quadras e busque emancipação. Além de Widelene, mais duas mulheres fazem parte do quadro paraibano de arbitragem.

“A mulher pode e está ocupando espaços onde não era bem-vinda. Buscamos o empoderamento. Mas a partir desse momento de ocupação, as mulheres se tornam um alvo. A gente vê mulheres sendo mortas, mulheres que tinham voz sendo silenciadas. Por isso que unidas somos mais fortes em tudo. Na Federação, eu sempre busco essa união entre as mulheres porque fortalece nosso trabalho e prepara o caminho para outras mulheres que estão chegando. Mesmo que as pessoas digam que não, a gente pode. Eu consegui, a gente consegue”, finalizou Widelene Cardoso.

ria m ocasionar graves problemas para a saúde física e mental e até modificar o corpo feminino. Esses argumentos permaneceram presentes na era moderna e só entre os séculos XIX e XX, as mulheres passaram a ocupar espaços e posições de destaque na sociedade em geral e, conseqüentemente, no esporte após uma trajetória de luta pela emancipação feminina.

No basquete, a categoria feminina só passou a integrar o quadro Olímpico em 1976, 84 anos após o primeiro contato do gênero com o desporto da bola laranja em 1892. No Brasil, o basquetebol feminino co-

n o esporte. “É muito difícil porque você chega lá fora e o seu apito tem que ser mais forte do que o apito dos homens. Não é que precise provar o tempo todo, mas precisa mostrar que você é boa e que pode chegar onde eles chegaram. Não é uma competição, claro. Mas as mulheres precisam de um esforço dobrado. Sempre. Porque quando você chega, muitas pessoas já mos-

Foto: Divulgação



Widelene em ação como árbitra em jogo do basquete nacional

Na estreia de Moacir Junior, o Treze encara o São Paulo no PV

Alvinegro vem de uma derrota para o CSP no Campeonato Paraibano e corre o risco de não disputar as semifinais

Ivo Marques
ivo_esportes@yahoo.com.br

Após uma semana muito agitada com a demissão do técnico Celso Teixeira, o Treze tenta a partir de hoje dar a volta por cima no Campeonato Paraibano, sob o comando do novo técnico Moacir Júnior. O Galo enfrenta neste domingo o São Paulo Crystal pela sétima rodada do Campeonato Paraibano. A partida está programada para as 16 horas, no Estádio Presidente Vargas, em Campina Grande. O trio de arbitragem será comandado pelo árbitro Wagner Reway, que será auxiliado por Kilden Tadeu e Herioberto da Silva. O quarto árbitro será Afro Rocha.

Na terceira posição do grupo A, com 10 pontos, o Treze precisa vencer para se aproximar do líder Atlético, que já tem 14 pontos e ultrapassar o Botafogo, que mesmo com um jogo a menos, tem 11 pontos e não jogará neste fim de semana. A derrota para o CSP por 2 a 0 na última rodada explodiu como uma bomba dentro do clube e culminou com a demissão do técnico Celso Teixeira, responsável por evitar o rebaixamento do clube na Série C do Brasileiro do ano passado. O treinador foi demitido com apenas duas derrotas este ano.

O novo técnico do Treze, Moacir Junior, tem 52 anos, foi contratado na última quinta-feira e no mesmo dia já começou a trabalhar. Esse está sendo o primeiro trabalho dele em uma equi-



Na última quinta-feira, o novo técnico do Treze, Moacir Júnior, foi apresentado pela diretoria e já comanda a equipe no jogo deste domingo contra o São Paulo Crystal no Presidente Vargas

pe do futebol paraibano. Antes de chegar ao Treze, o último trabalho de Moacir foi à frente da tradicional Portuguesa de São Paulo.

O técnico ainda não falou em reforços, mas acredita na recuperação do Galo já a partir deste domingo, com uma vitória. Como conhece pouco ainda os jogadores, o treinador não adiantou a es-

calação da equipe para esta partida. Não se sabe ainda se ele pretende fazer mudanças em relação ao time que começou jogando contra o CSP, na última segunda-feira.

Caso Moacir não mexa no momento na equipe, o Galo deverá entrar em campo com a seguinte formação: Jeferson, Gustavo, Breno Ca-

lixto, Nilson Júnior e Tales; Robson Luiz, Dedé, Patrick e Almir; Mirandinha e Rafael Oliveira.

No São Paulo, o empate contra o Botafogo no Almeidão deu uma motivação especial à equipe, que agora é comandada por Wilton Bezerra. Desde o início do retorno, o clube vem reforçando a equipe. Vários joga-

dores já estrearam contra o Botafogo e esta semana chegaram mais três atletas. São eles o goleiro João Vitor, que veio da base do Náutico, o zagueiro Edemilson de Jesus, conhecido como Junior, que veio do Santa Cruz, e o volante João Victor, com passagem pelo Sport de Recife. Os atletas já estão regulizados.

Por causa da chegada destes atletas, o técnico Wilton Bezerra não definiu a equipe que deve começar jogando contra o Treze. Na lanterna do grupo B e ameaçado de ser rebaixado, o treinador espera que o time renda um futebol ainda melhor do que apresentou contra o Botafogo, e possa sair de Campina Grande com uma vitória.

Brasileiro A2

Auto realiza evento para arrecadar recursos para a equipe feminina

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

O Auto Esporte realiza hoje, a partir das 9h, no centro de treinamentos do clube, no bairro de Mangabeira, uma feijoada solidária para arrecadar recursos para a equipe de futebol feminino do clube que estará disputando o Campeonato Brasileiro Série A-2 como representante da Paraíba a partir do próximo dia 15 quando a equipe enfrentará o Náutico-PE, no Estádio dos Aflitos, em Recife. O evento contará com a apresentação do elenco para a competição, atrações artísticas, sorteios de brindes e um amistoso beneficente. A entrada para participar de todas as ações custará R\$ 20.

Atual campeã paraibana, a equipe de futebol feminino do Auto Esporte se prepara para na próxima semana fazer sua estreia no Campeonato Brasileiro da Série A-2 e para apresentar as novas atletas do clube e angariar recursos para a competição, o Alvirrubro de Mangabeira fará um evento



A equipe campeã paraibana de 2019 encontra dificuldades financeiras para disputar o Brasileiro A2

beneficente ao longo deste domingo no seu centro de treinamentos

O evento contará com as apresentações do grupo de samba Pura Raiz e do trio de forró Xote Bom, além de artistas convidados como o músico Escurinho, torcedor do Auto Esporte e que estará presente no evento. A proposta da ação promovida pela diretoria automobilista é arrecadar recursos para auxiliar nos custos operacionais para a participação no Brasileirão da Série A-2, além de aproximar e sensi-

bilizar torcedores e apoiadores para o futebol feminino que tem sido um dos destaques do Clube do Povo.

Segundo Guilherme Paiva, treinador da equipe, os custos da competição são elevados e por isso todo esforço para arrecadação de recursos é válido. Com relação ao elenco que será apresentado, ele reforçou que a equipe tem bastante potencial. Ao todo, o time conta com 30 atletas entre remanescentes do time campeão estadual, contratações que vieram de equipes como

o Botafogo, Guará, Mistão e Treze que disputaram o Estadual do ano passado, além de contratações do futebol cearense e baiano. "Temos tido dificuldades financeiras para colocar a equipe nessa competição, então estamos buscando maneiras para arrecadar recursos para suprir custos como a regularização das atletas junto à CBF, por exemplo. Dentro de campo, o trabalho está sendo positivo, temos muita qualidade no elenco, mantivemos a base do título estadual", afirmou.

Sousa enfrenta o Sport Lagoa Seca

Ivo Marques
ivo_esportes@yahoo.com.br

Após vencer a Perilima, na última rodada, o Sousa que tem 9 pontos, quer embalar e tomar a liderança do Campinense no grupo B, com uma vitória neste domingo contra o Sport Lagoa Seca, último colocado do grupo A, com apenas 3 pontos. A partida está programada para as 17 horas, no Estádio Marizão, em Sousa.

A arbitragem será de Tiago Ramos, auxiliado por Paulo Ricardo e Bruno da Silva. O quarto árbitro será José Ferreira.

No Sousa, o técnico Givanildo Sales pode ter o retorno do lateral Nininho, que estava entregue ao departamento médico. Ele espera vencer para alcançar 12 pontos e decidir a classificação nos próximos jogos em casa.

Pelo lado do Sport Lagoa Seca, resta dificultar as coisas para o lado do Dinossauro, porque a equipe caminha a passos largos para voltar à segunda divisão.

Atlético x CSP

Em Cajazeiras, o domingo reserva um dos jogos mais esperados da rodada entre o Atlético, líder do grupo A e de todo o campeonato, com 14 pontos, e o CSP, terceiro do grupo B, com 7 pontos. O jogo está marcado para as 17 horas, no Perpetão, com arbitragem de Diego Roberto, auxiliado por Luis Filipe e Gleydson Francisco. O quarto árbitro será Marcondes Francisco.

No Trovão Azul, o técnico Ederson Araújo não vai poder contar com o zagueiro Egon. Nas demais posições, o time será o mesmo que vem jogando os últimos jogos. Sendo assim, o Atlético deverá começar o jogo com Ariel, Felipinho, Wesley, Jean e Jackinha; Ferreira, Gabriel Mendes e Marcinho; Custódio, Paulinho e Eder Paulista.

Já o CSP vem embalado após a vitória sobre o Treze, e o técnico Josivaldo Alves pretende repetir a escalção. O Tigre deve entrar em campo com Wallace, Vitor, Dênis, Darlan e Arthur; Gustavo, Manduca, Matheus e Bahia; Natalício e Fábio.



Os atacantes Marcos Paulo e Evanilson vêm se destacando pelo Fluminense na Taça Rio e na Copa do Brasil

Fluminense enfrenta o Resende

Tricolor joga no Maracanã como favorito para se manter na liderança da Taça Rio e também na classificação geral

Da Redação

Fluminense e Resende se enfrentam neste domingo, às 18h, no Maracanã. A partida é válida pela segunda rodada da Taça Rio. O Tricolor vem de dois excelentes resultados e supermotivado para continuar na frente da classificação geral do Campeonato Carioca. Hoje a equipe tem 18 pontos contra 16 do Flamengo, este já campeão da Taça Guanabara.

Explica-se: se o Flamengo ganhar de novo a Taça Rio, já que é o favorito, ele só conquista o título por antecipação se nenhum clube tiver pontuado mais nos dois turnos, conforme regulamento do Campeonato Carioca. Na estreia da Taça Rio, domingo passado, o Fluminense venceu o Madureira por 5 a 1, e no meio de semana, pela Copa do Brasil, garantiu presença na terceira fase após derrotar o Botafogo da Paraíba por 2 a 0.

A dobradinha Pacheco-Gilberto vem sendo um dos motivos do sucesso da equipe, sem falar no bom futebol de Nenê, artilheiro da equipe, e no oportunismo de Marcos Paulo.

A próxima oportunidade para mostrar serviço é contra o Resende, novamente no Maracanã. O time do interior do Estado também deve jogar fechado na defesa, em busca do contra-ataque, característica ideal apontada pelo treinador para pôr

em ação a mesma formação mais ofensiva do segundo tempo contra o Botafogo-PB. Aos poucos, Odair Hellmann vai criando recursos e superando a pressão vivida após a queda precoce na Copa Sul-Americana.

Volta Redonda x Vasco

Depois de um início ruim quando empatou com o Resende na estreia da Taça Rio, o vasco busca a sua primeira vitória neste domingo diante do Volta

Redonda. A equipe da cidade do aço que atua em casa fez uma excelente campanha na Taça Guanabara e até chegou às semifinais, sendo eliminada pelo Boa Vista.

Na estreia da Taça Rio venceu o Macaé por 1 a 0. Já o Vasco vem de uma vitória pela Copa do Brasil diante do ABC, se garantindo na terceira fase e vai enfrentar o Goiás. A equipe comandada por Abel segue apresentando um futebol

de baixo nível técnico devido ao pequeno investimento e problemas de atraso de salários.

Paulistão

Depois de perder na estreia da Libertadores, para o Binacional por 2 a 1, o São Paulo volta as suas atenções para o Campeonato Paulista e neste domingo vai jogar em Ribeirão Preto, contra o Botafogo. O Tricolor lidera o Grupo C com 15 pontos.

Futebol feminino em novo horizonte no Líbano

Fifa.com

Quando o Líbano entrou em sua atual crise política no final do ano passado, poucos pensariam no futebol feminino como uma saída que poderia unir e trazer alegria ao povo libanês.

Apenas alguns dias após o início do ano novo, a seleção sub-18 feminina do Líbano venceu o WAFF U-18 Girls Championship 2019, seguindo os passos da seleção sub-15 que venceu o WAFF U-15 Girls Championship.

As vitórias consecutivas nos campeonatos regionais impulsionaram o futebol feminino durante um período em que o jogo enfrentou várias dificuldades devido à revolução civil iniciada em

outubro do ano passado.

A seleção nacional feminina de Sub-18 do Líbano terminou o torneio que foi realizado no Bahrain em alta nota após vencer todas as suas três partidas na fase de grupos, antes de derrotar a Palestina e o Bahrain nas meias-finais e na final, respectivamente.

Houve uma alegria libanesa adicional após a final, pois o artilheiro do torneio foi a atacante Layla Iskandar, que conseguiu uma chave na final para levar o Líbano ao primeiro título.

"As coisas não estavam boas em casa durante o torneio e realmente precisávamos dessa vitória, porque havia muita pressão sobre nós, e lutamos muito para

conquistar o título e dedicá-lo ao nosso amado país", disse Iskandar ao FIFA.com sobre o sucesso recente da equipe sub-18.

Ganhar o título e marcar sete gols no campeonato regional foi apenas o começo para Iskandar, que tem ambições de continuar subindo a escada e se tornar um jogador de futebol profissional fora do Líbano.

Além de treinar com o clube SAS Women e a equipe nacional, a atacante de 17 anos acredita que treinamento dedicado e trabalho duro foram cruciais para suas realizações pessoais.

"Terminar o torneio como artilheiro foi algo especial para mim", disse Iskandar. "Trabalhei muito com o

meu clube, junto com a equipe nacional, e também tive um treinador particular que me ajudou muito.

"Tenho grandes ambições, mas, como muitos outros [descobriram], é muito difícil alcançar nossas metas no Líbano. Toda garota que joga futebol profissional no exterior é um ídolo para mim porque se esforçou muito para tornar seu sonho realidade", concluiu Iskandar, que é um grande admirador de Alex Morgan, descrevendo-a como uma "mulher dentro e fora do campo".

Avançando

A Associação Libanesa de Futebol (LFA) tem dado muita atenção ao futebol feminino nos últimos anos,

organizando diferentes torneios, cursos e workshops que ajudaram a aumentar a popularidade do jogo entre as mulheres no país mediterrâneo.

Ao dar atenção extra às ligas juvenis, os frutos de seu trabalho foram vistos no sucesso da conquista dos campeonatos WAFF U-15 e U-18, como disse ao FIFA.com o diretor técnico do LFA Bassem Mohamad.

"Existem muitas razões para o sucesso das duas equipes nacionais, pois temos bons talentos que jogam regularmente na liga feminina, o que lhes deu a chance de obter mais experiência", disse Mohamad.

"O LFA, com o apoio da FIFA, implementou o projeto

de apoiar o futebol feminino, financiando o jogo e prolongando o período das ligas e motivando treinadores e jogadores".

Mohamad acredita que haverá mais do futebol feminino no Líbano, uma vez que o sucesso recente estabelecerá as bases para mais conquistas a nível internacional no futuro.

"O LFA tem um plano para preparar as diferentes equipes nacionais para ajudá-las a se classificar para os diferentes campeonatos asiáticos", disse ele. "Não há dúvida de que vencer o campeonato WAFF dará um impulso ao futebol feminino no país, especialmente porque foi uma conquista única para nós".



A seleção nacional feminina sub-18 do Líbano foi campeã de um torneio no Bahrein



2ª RODADA PARA OS BRASILEIROS

- 10/03:
19h15
Santos x Delfin
21h30
Palmeiras x Guarani-PAR
- 11/03:
19h15
Colo-Colo x Athletico-PR
21h30
Flamengo x Barcelona de Guayaquil
São Paulo x LDU
- 12/03:
21h
Grêmio x Internacional

Flamengo venceu o Junior Barranquilla na estreia e surge como grande favorito para vencer outra vez a Libertadores

Clubes brasileiros são favoritos à conquista da Libertadores

Na 1ª rodada da fase de grupos, o Brasil mostrou força com vitórias de Fla, Inter, Grêmio, Santos, Palmeiras e Athletico

Agência Estado

Apesar de algumas zebras e decepções já terem ocorrido, a fase principal da CONMEBOL Libertadores da América já está em andamento. A competição, que reúne a nata do futebol sul-americano, trará, logo de cara confrontos históricos como São Paulo x River Plate e o super clássico gaúcho Grêmio x Internacional, para apimentar essa fase de grupos.

Mas, com todos os times que passaram para esta fase já definidos, quais serão as chances de cada um de fazer história e vencer a Libertadores? De acordo com a Betfair.net, as notícias são boas para um certo clube rubro-negro carioca.

O Flamengo é o maior favorito para repetir a campanha do último ano e chegar ao título, conquistando o tricampeonato da Libertadores. Mas alguns grandes postulantes ao estrelato não estão muito atrás. Os já campeões Palmeiras, River Plate e Boca Juniors vêm perto do time da Gávea e são os únicos que têm mais de 10% de chances.

Os outros clubes brasileiros estão entre os dez favoritos para o título com Grêmio, Santos, Athletico Paranaense e Internacional entre o quinto e oitavo lugares. O único time sem ser de Brasil ou Argentina entre a primeira dezena com mais chances é a LDU de Quito, enquanto o São Paulo é a equipe brasileira com menos chances de vencer.

De acordo com Rivaldo, embaixador da Betfair.net,

“Eles conseguiram manter seu técnico Jorge Jesus, e o elenco permaneceu quase na mesma, então são um time perfeitamente entrosado e de grande valia técnica”

“eu acredito que o Flamengo será o clube a abater após a sensacional campanha que fez no ano passado. Eles só

perderam o zagueiro Pablo Marí do time titular e contrataram bem para o substituir, então, me parece que o Flamengo tem de ser considerado principal favorito à conquista da Copa Libertadores novamente em 2020.”

“Eles conseguiram manter seu técnico Jorge Jesus e o elenco permaneceu quase na mesma, então são um time perfeitamente entrosado e com grande valia técnica e tática, se perfilando como a equipe de maior potencial na América do Sul.”

“Está dando gosto ver o

Flamengo jogar e se seguirem do mesmo jeito esse ano podem ficar na história do futebol brasileiro e sul-americano, inclusive conquistando a Copa Libertadores em anos consecutivos.”

Potenciais candidatos

“Naturalmente, e como a tradição indica, todo o time brasileiro pode ir bem na Copa Libertadores e levar o troféu, mas eu continuo dizendo que o Flamengo está um pouco por cima atualmente e tem de assumir o favoritismo. Outros times como o Grêmio,

Palmeiras, Santos, Internacional ou São Paulo sempre serão ameaças pois são times de grande tradição e, apanhando um bom momento podem surpreender, porém irão correr um pouco por fora por comparação com o atual campeão brasileiro e sul-americano”, afirma Rivaldo.

River Plate e Boca Juniors

“Os dois maiores clubes argentinos são aqueles que mais podem dificultar a vida do Flamengo e dos restantes times brasileiros nessa competição”, avalia

Foto: Lucas Uebel / Grêmio



No próximo dia 12, o clássico entre Grêmio e Internacional será a grande atração da segunda rodada da fase de grupos que já começa no próximo dia 10

Rivaldo. “Eles vêm chegando nas fases finais da prova nos últimos anos e quando se confrontam com clubes brasileiros nunca há favoritos, pois eles também são times de grande qualidade e tradição. São clubes com grande personalidade que, mesmo respeitando os brasileiros, não têm medo de cair em cima e buscar as vitórias em qualquer campo, então há que contar com eles novamente.”

“Esse será ano de Copa América e todo o jogador atuando na Libertadores tentará brilhar para vencer os técnicos de suas seleções a fazer parte dos convocados para a competição que terá lugar em Junho.”

“Já na Fase de Grupos poderemos verificar isso com alguns jogadores se doando um pouco mais com esse incentivo extra de poder representar sua equipe nacional mais à frente na campanha”, afirma Rivaldo, embaixador da Betfair.net

Na primeira rodada, a maioria dos clubes foram bem e conseguiram seis vitórias, apenas o São Paulo perdeu para o Binacional por 2 a 1. O Santos derrotou o Defensa y Justicia por 2 a 1, o Grêmio aplicou 2 a 0 no América de Cali, o Internacional fez 3 a 0 no Universidad Católica, o Flamengo ganhou de 2 a 1 do Junior Barranquilla, e o Athletico fez 1 a 0 no Universidad Católica. E na segunda rodada já tem Gre-Nal, no próximo dia 12.



Sólon de Lucena: um governo marcado pela cultura do café

Paraibano ficou conhecido pela determinação em levar o ramal ferroviário a Bananeiras, sua cidade natal

Hilton Gouvêa
hiltongouvearaujo@gmail.com

Fazendeiro e político, Sólon Barbosa de Lucena nasceu em Bananeiras (PB), no Brejo, em 27 de março de 1877. Morreu em Parahyba - a atual João Pessoa - em 4 de abril de 1926, aos 49 anos, após enfrentar momentos políticos de crises e realizações. Demonstrou sua objetividade afirmando que "o trem chegaria a Bananeiras nem que fosse por baixo do chão". Apaziguador, soube contornar obstáculos em seu governo, sem perseguir os adversários.

Quando nasceu, Bananeiras produzia um café, que rivalizava com o de São Paulo. Os casarões são provas dessa pujança, no século 19, que acabou em 1923, no terceiro ano do governo de Sólon. O ramal ferroviário não tinha atingido Bananeiras, definitivamente. E a cheia de 1924 destruiu a ponte de Cobé sobre o Rio Paraíba, atrasando os serviços. A estação bananeirense só foi aberta ao público em 1925, um ano antes da morte de Solón, contribuindo para a eliminação da cafeicultura.

Na estatística de 1852 consta que Bananeiras produzia um milhão de sacas de café/ano. Era o maior produtor da Paraíba e o segundo do Nordeste e, o trem, só chegaria 72 anos depois. O dinheiro do café proporcionava a construção de palacetes. A aristocracia rural possuía genuflexórios e cadeiras cativas na matriz de Nossa Senhora do Livramento. Em casa eram baixelas de ouro e prata. Esta opulência acabou por causa do surgimento do parasita *Cercaria paratybensis*. A cana-de-açúcar, o arroz e o fumo suprimiram o rombo financeiro deixado pelo "ouro negro".

Sólon conseguiu que esses produtos contribuíssem para engordar a economia regional. Observando os percalços geográficos e políticos



Arte: Tônio

que impediam o trem de chegar a Bananeiras, num raro momento de irritação, exclamou que a composição chegaria lá. Chegou, em 22 de setembro de 1922, após a Great Western construir o Túnel da Garganta da Viração, passando por Borborema (na época Vila Camucá).

Trem chegou apenas em 1923

O trem só atingiu a rota normal, para Bananeiras, quando o café foi dizimado, em 1923. O Diário de Pernambuco registrou esta viagem triunfal, cuja inauguração foi presidida por Sólon. Ele, afinal, havia alcançado a sua reivindicação, sem conseguir seu principal objetivo: escoar o café por via ferroviária.

Suas realizações incluem a urbanização do entorno do hoje Parque Sólon de Lucena, em João Pessoa, mais tarde complementada por Argemiro de Figueiredo. E a criação do Colégio de Aprendizado Agrícola Vidal de Negreiros, em Bananeiras. Construiu o primeiro Grupo Escolar de Campina Grande. Herdou o espírito de liderança de seu tio-avô, Henrique Pereira de Lucena - o Barão de Lucena -, que presidiu várias províncias durante o Império e, com o advento da República, foi governador de Pernambuco, ministro da Justiça, da Agricultura, da Fazenda e do Supremo Tribunal Federal. Epitácio Pessoa e o irmão deste, Antonio Pessoa da Silva, eram primos em segundo grau de Sólon de Lucena.

Professor em Bananeiras

Em 1913, elegeu-se deputado estadual na Paraíba e foi designado presidente da Assembleia Legislativa. Em 24 de junho de 1916 assumiu a presidência do Estado, após o falecimento de Antonio da Silva Pessoa. O vice-presidente Pedro Bandeira, renunciou ao cargo para Sólon ocupá-lo. Permaneceu como presidente do Estado até 22 de outubro de 1916. Foi substituído por Francisco Camilo de Holanda, eleito para o quadriênio - 1916-1920. Elegeu-se deputado federal em 4 de setembro de 1917, com a vaga aberta por Camilo de Holanda. Em 1918, foi eleito para a legislatura 1918-1920. Neste mesmo ano voltou ao Governo da Paraíba, a fim de cumprir o quadriênio 1920-1924, também sucedendo a Francisco Camilo de Holanda. Epitácio Pessoa deu-lhe apoio político. Sólon investiu no serviço de água e esgoto da capital.

As tragédias de um político

Uma fatalidade atingiu o governo solonista, em 22 de setembro de 1923. Na capital, funcionava, onde hoje é a antiga Faculdade de Direito, o Liceu Paraibano, só para rapazes. No Tribunal de Justiça se instalava a Escola Normal, apenas para moças. O Monsenhor João Batista Milanez, diretor do educandário feminino, traçou, entre a atual Praça João Pessoa e o Liceu, o que foi chamado de "Linha da Decência".

O sacerdote entendia que rapazes e moças deveriam ser separados, para não haver cenas de carinhos na "Linha da Decência", que quase fez desmoronar o governo de Sólon.

Sady Correia Lima, um rapaz do interior, veio estudar no Liceu, em João Pessoa, e conheceu Ágaba Medeiros, normalista. Iniciaram um namoro que redundou em noivado. Milanez havia pedido ao Governo Estadual para policiar a "Linha da Decência". E a Chefatura de Polícia nomeou o Guarda 33 (Antonio Carlos de Menezes) para proibir namoros na área.

O guarda surpreendeu Ágaba e Sady na "Linha da Decência". Ao ver o policial se dirigir grosseiramente a ele e à namorada, Sady respondeu-lhe à altura. O guarda atirou. Sady caiu. Os médicos Newton Lacerda e Ademar Londres o transportaram, num carro do 22º Batalhão de Caçadores, para a casa do juiz federal Francisco de Gouveia Nóbrega. O guarda 33 acabou preso. E Sady morreu às 16h30 do mesmo dia, recebendo a extrema unção através do Monsenhor José Coutinho.

O velório do rapaz foi tumultuado, principalmente pelo uso da palavra de oposição e de estudantes do Liceu. Dez dias depois, quando a situação parecia serenar, Alba se suicidou, ingerindo produtos para revelar fotografias. A situação piorou: a Igreja quis proibir a moça de ser enterrada em cemitério cristão. Monsenhor Pedro Anísio, substituto de Milanez, resolveu o impasse, permitindo o sepultamento de Ágaba. E Sólon assinou a demissão de Milanez.

"Meu avô denunciou a Epitácio as fauces do Porto do Capim"

"Ele era um homem incontestavelmente honesto, justo e de inteligência incomum, apesar da saúde minada pela tuberculose", disse o engenheiro Haroldo Lucena, 87 anos, ao se referir a seu avô, o ex-governador Sólon de Lucena. Haroldo disse que nasceu em 1935, nove anos após a morte do avô, que teve a coragem de denunciar ao Presidente Epitácio Pessoa, as fraudes verificadas no Porto do Varadouro, por um grupo político. "Epitácio suspendeu o envio de verbas e, desgostoso, nunca mais veio à Paraíba", destacou.

Irmão do senador Humberto Lucena, Haroldo revela coisas sobre seu avô, pelos documentos que leu e por narração de familiares. "Ele é lembrado como homem de infinita bondade, que transmitia tranquilidade às pessoas que o rodeavam". Casado há

60 anos com Maria do Socorro Jáccome de Lucena, guarda relíquias históricas em seu apartamento: uma mesa centenária usada nos casamentos de toda a família; e uma escrivadinha, que pertenceu ao seu bisavô, Virgínio Barbosa de Melo, pai de Sólon. Haroldo participou da política paraibana, ao ocupar o cargo de vice-prefeito, na gestão de Cícero Lucena.

///Ele era um homem incontestavelmente honesto, justo e de inteligência incomum, apesar da saúde minada pela tuberculose ///

Haroldo Lucena, neto de Sólon: "Ele é lembrado como homem de infinita bondade"

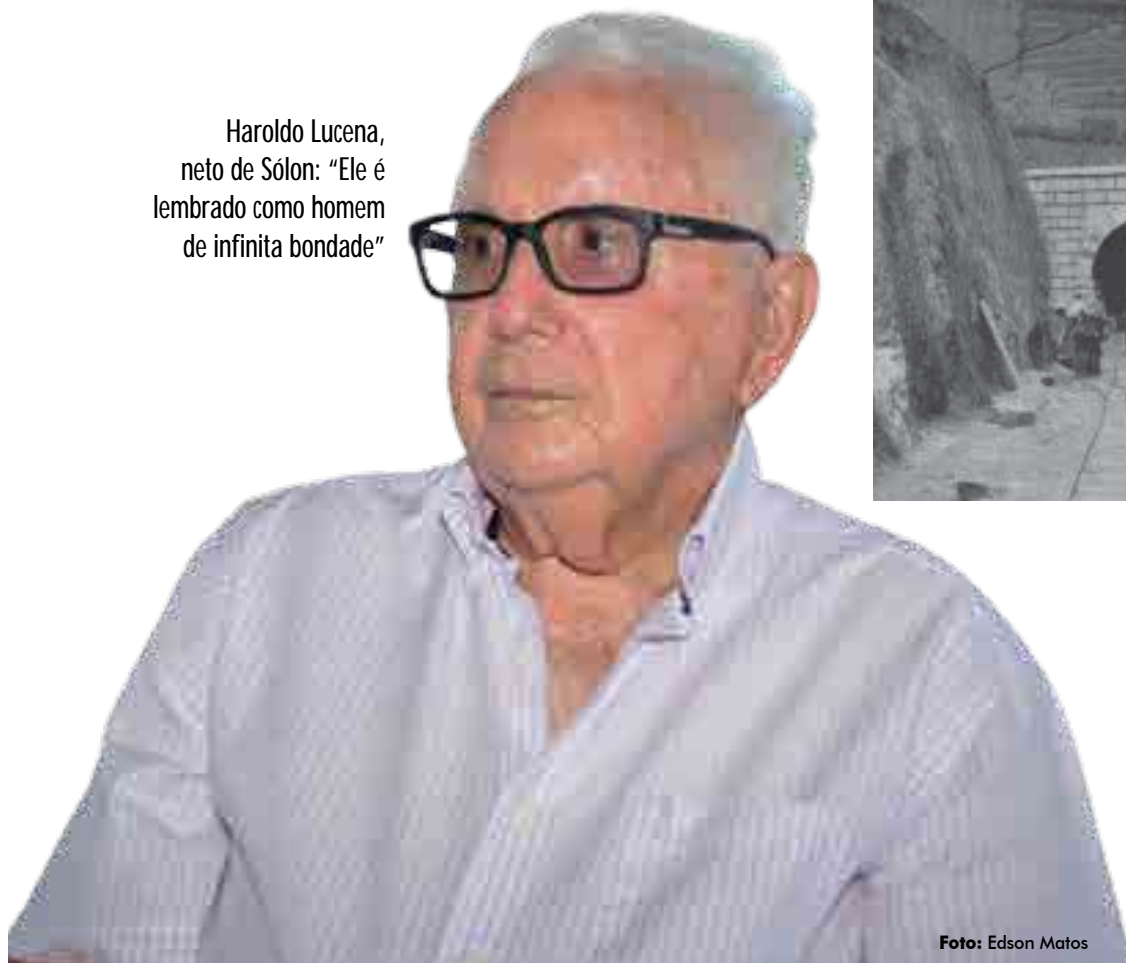


Foto: Edson Matos



A tecnologia anglo-brasileira teve de perfurar um túnel de 202 m, na pedra maciça, para que o trem atingisse Bananeiras, após passar pela vila de Camucá, a atual Borborema.

Nathanael Alves: humanista e luminar no jornalismo

Jose Nunes
 jnunes48@hotmail.com

Quando Nathanael Alves chegou à casa de acolhida mantida pelo Padre José Coutinho, para fixar residência e onde receberia curativos para ferimentos numa das pernas, no ano de 1949, estava com 16 anos, ali ficando até o seu casamento com dona Carmelita, igualmente recolhida àquele ambiente purificador da alma.

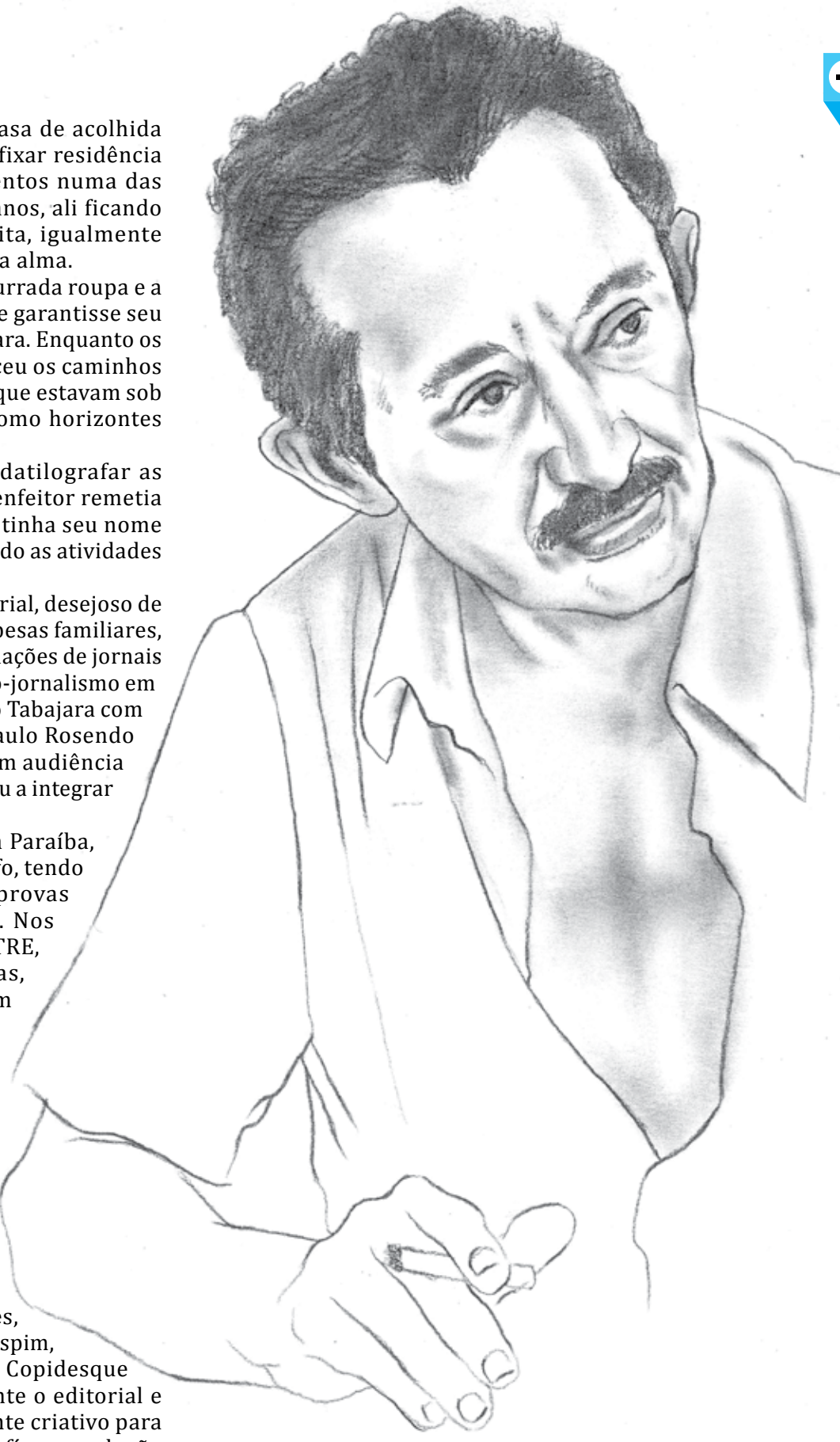
Trazia na bagagem uma parelha de surrada roupa e a vontade de descobrir-se em atividade que garantisse seu sustento, de familiares que ficaram em Arara. Enquanto os ferimentos eram curados, Nathan conheceu os caminhos que o padre acostumava mostrar para os que estavam sob seu teto, de modo que vislumbrassem como horizontes promissores.

Aprendeu datilografia, e passou a datilografar as correspondências e os artigos que seu benfeitor remetia aos jornais e rádios. Dois anos depois, já tinha seu nome apostado nos textos que publicava, ressaltando as atividades do Instituto São José, onde morava.

Estudou para artífice na Escola Industrial, desejo de ter uma profissão que custeasse suas despesas familiares, mas o gosto pelas leituras e o imã pelas redações de jornais o fizeram mudar de ideias. Entrou no rádio-jornalismo em 1961, assinando crônicas diárias na Rádio Tabajara com o título "Você Precisa Saber", lidas por Paulo Rosendo todas as manhãs, das 6 horas às 6h30, com audiência absoluta na cidade, e tempos depois, passou a integrar a redação do jornal Correio da Paraíba.

Funcionário do Tribunal Eleitoral da Paraíba, onde entrara concursado como datilógrafo, tendo obtido o primeiro lugar em todas as provas não largou sua atividade na imprensa. Nos jornais chegava depois do expediente no TRE, copidescava textos e produzia matérias, Nathanael destacou-se pela linguagem diferenciada, passando a assinar uma coluna de pequenas notas, uma inovação para a época, conquistando leitores e atraindo os olhares de outros meios de comunicação, que desejava tê-lo na equipe de redatores.

Quando, em meado dos anos de 1960, o jornal O Norte passou por ampla reforma, que se concretizaria com a introdução da off-set nos anos seguintes, ele passou a compor a equipe de redatores. Estavam Gonzaga Rodrigues, Martinho Moreira Franca, Luís Augusto Crispim, Evandro Nóbrega, Teócritio Leal e outros. Copidesque de matérias, também escrevia diariamente o editorial e um artigo. Foi um período abundantemente criativo para Nathanael, quanto também teve uma profícua produção de contos e poesia.



Artes: Tônio

+ Elo entre os estudantes

Dono de um estilo próprio de redigir, seus artigos ganhavam conotação devido aos temas abordados e as opiniões abalizadas que emitia.

Quando convidado para assumir a Superintendência do Jornal A União, no ano de 1979, comendo com ele a direção do órgão oficial do Governo do Estado, Gonzaga Rodrigues como diretor técnico, Etiene Araújo como diretor administrativo, Agnaldo Almeida era o editor-geral do jornal. Uma de suas reivindicações, logo aceita pelo governador Tarcísio Buriti, foi de que abrisse as portas do jornal para os jovens que estavam no curso de Comunicação, integrando a equipe de repórteres jovens, naquela época de forma eficaz, que estavam ou tinham passado pela banca da UFPB.

Com esse gesto, possibilitou para estes o acesso ao mercado de trabalho, abrindo-lhes a redação onde exercitavam aprendizados e, a partir dali, pudessem avançar na profissão para a qual estavam sendo preparados. Daquela safra de repórteres e outras que se seguiram, muitos assumiram posições de destaque nas redações de jornais, rádio e televisão.

As mazelas do corpo que ele ganhou em Arara, em parte amenizado pelos remédios do Padre José Coutinho, anos depois continuavam incomodando. O tempo passou e outras doenças surgiram, mas sem abaixar a energia de trabalhar na Imprensa.

Percebendo fisicamente que esmorecia, porque as complicações renais eram cada vez mais intensas, propôs ao amigo Gonzaga Rodrigues preparar o substituto na direção da empresa, porque seria tenebrosa a presença de um político indicado por algum partido na direção do Jornal e da Editora A União. Com sua morte, a 28 de abril de 1981, o nome apresentado por Gonzaga ao governador foi o jovem advogado e jornalista Petrônio Souto, logo aceito.

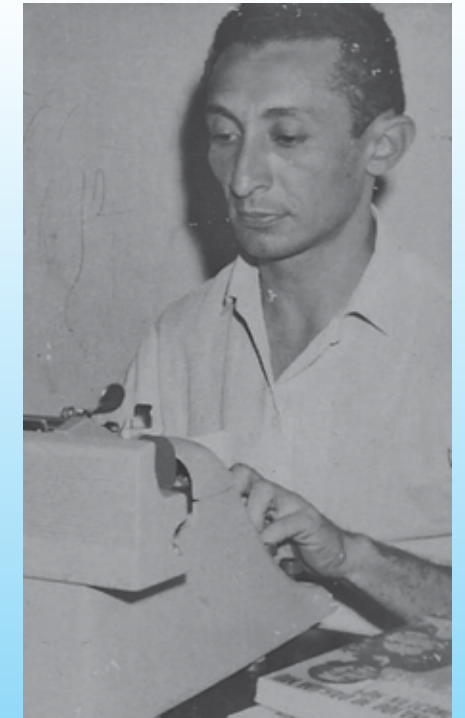


Fotos: Arquivo

Mesmo como funcionário do Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba, onde entrou concursado como datilógrafo, tendo obtido o primeiro lugar em todas as provas, Nathanael não largou sua atividade na Imprensa



Entrou no rádio-jornalismo em 1961, assinando crônicas diárias na Rádio Tabajara com o título "Você Precisa Saber", lidas por Paulo Rosendo todas as manhãs, das 6h às 6h30, com audiência absoluta na cidade



Daquela safra de repórteres e outras que se seguiram, muitos assumiram posições de destaque nas redações de jornais, rádio e televisão

Para ele, solidariedade é a base de todo relacionamento

Sensível ao sofrimento das pessoas, costumava dizer que a solidariedade é base de todo o relacionamento. O ambiente onde nasceu e o lugar que passou a residir ainda adolescente, vendo repartir a comida do mesmo prato com mais de uma pessoa, ajudaram a criar um olhar para a dependência recíproca.

Quando na direção do jornal, um funcionário das categorias periféricas da gráfica foi até o gabinete pedir adiantamento de salário para suprir carência em casa. Para este disse que não seria possível naquele momento, mas sacou do bolso seu talão de cheques, suprimindo aquele necessitado com os recursos pedido. Homem que sabia tratar subordinados sem impor autoridade, acolhendo a todos em pé de igualdade, fosse de Arara ou viessem dos luxuosos gabinetes,

Nathanael Alves conquistou o respeito de seus subordinados e protagonizou muitas cenas de elevada bondade.

De pouco conversar, porque o jeito de olhar o mundo o fez diferente, mas não era um homem amargo ou seco. Não aceitava nem se alegrava vendo a miséria se alastrar e desperdícios de comida em banquetes, igualmente não aceitando a exploração do homem pelo homem.

Autodidata, integrava o melhor esquadrão de jornalistas paraibanos, de alto nível, com conhecimentos amplos sobre as faces da humanidade e dos acontecimentos políticos, econômicos, sociais, religiosos de sua terra e de outros países. Incomodava-se com a guerra do Vietnã do mesmo modo como tinha preocupação com a fome na Índia ou na pequena Arara.

Sabia tratar subordinados sem impor autoridade, acolhendo a todos em pé de igualdade, fosse de Arara ou viessem dos luxuosos gabinetes. Nathanael Alves conquistou o respeito de seus subordinados e protagonizou muitas cenas de elevada bondade

Articlista de senso apurado, seu "passe" era disputado pelas redações de jornais. Certa vez, José Américo de Almeida, somítico em elogios, falou que Nathanael era da

Paraíba porque não queria ser do Brasil, numa referência ao estágio que a arte de escrever alcançou com ele.

Se tornou um leitor voraz da literatura russa, francesa e inglesa, sem contar a predileção pelos brasileiros Machado de Assis, José Lins do Rego e Graciliano Ramos, com os quais convivia para melhor entender a realidade brasileira. Sua biblioteca não era grande, mas possuía livros indispensáveis numa casa, começando pela Bíblia e passando por Platão, Homero, Aristóteles, Dante, Cervantes, Shakespeare, Tolstói, Goethe, Santo Agostinho...

Escrevia sobre qualquer assunto, bastando ter o mote, igual aos repentistas com os quais conviveu em Arara, a exemplo de Josué da Cruz e Firmino Alves.

Numa boca-de-noite, enquanto conversava no terraço de sua casa

com Waldemar José Solha, poeta e romancista, chegou o portador do jornal para buscar o seu artigo da edição do dia seguinte. Pediu licença ao visitante e mandou o garoto esperar. Entrou na sala de trabalho, colocou o papel na máquina e quase sem parar, em poucos minutos o artigo estava pronto. Puxou o papel do cilindro, entregou ao mensageiro.

Observando por sobre seu ombro enquanto estava sentado à mesa da máquina de datilografia, abismado com a rapidez como redigiu o texto quase sem parar, Solha não se conteve.

- Você não vai ler, nem fazer correções?

Respondeu-lhe, entregando o papel ao garoto.

- Pra quê?!

Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

Machismo, mulheres e comunicação: #Nósquelutemos

"Eu que lute". O meme da moda, e que enche de graça minha timeline nas redes sociais, é também um reflexo das conquistas das mulheres no mercado de trabalho, especialmente na comunicação, área em que atuo. Nada até aqui foi fácil. Nenhum bônus, curso, emprego, cargo de chefia caiu do céu.

Antes de nós, outras muitas mulheres vieram: deram a cara à tapa, abriram a boca, queimaram sutiiãs, foram mortas. A elas, devemos muitas conquistas, e o melhor agradecimento é seguir o mesmo compasso. Sim, ainda há muito o que fazer e quebrar os grilhões do machismo e preconceito está no topo da lista. Exigir respeito e igualdade também!

Senão, vejamos: as mulheres ocupam 69% dos cargos de liderança na comunicação corporativa no Brasil, mas ainda representam apenas 45% do total de cargos de direção ou vice-presidência nas empresas nas quais trabalham. Os dados são da pesquisa "Perfil da Liderança em Comunicação no

Brasil", realizada em 2019 pela Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (Aberge) e lançam luz sobre outra realidade: mesmo estando em números expressivos nas companhias de comunicação empresarial, o processo para que as mulheres cheguem aos cargos de direção é mais lento.

Mais: em 2015, o Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) lançou a publicação "Mulheres e Comunicação no Brasil: 1995 a 2015", de Nina Madsen. Na obra, a autora lembra que a área da comunicação passou por muitas mudanças nas últimas décadas, mas o sexismo, o machismo e o racismo nos meios de comunicação não sofreram modificações com a mesma intensidade. Madsen aborda a imagem da mulher na mídia; a presença e a participação das mulheres nos meios de comunicação; e o acesso das mulheres à tecnologia da informação. É leitura obrigatória!

Outra importante pesquisa levantou o tapete da hipocrisia nas agências de publicidade do Nor-



deste, deixando no ar muito lixo e poeira: 71% das mulheres consultadas disseram que sofreram assédio; 48,4% não denunciaram por receio de serem demitidas; 57,4% das publicitárias já ouviram elogios constrangedores so-

bre seus atributos físicos; e 80,6% das mulheres que participaram da pesquisa deixam de usar alguma peça de roupa para não atrair a atenção masculina.

O trabalho foi executado em 2017 pela agência TagZag, de João Pessoa-PB, e gerou a primeira campanha contra o assédio nas agências de publicidade, com o título "Esse Case É Foda". Mas que você não se iluda: o retrato que expôs o machismo no Nordeste também se aplica a outras regiões do País e a outras áreas de atuação das mulheres na comunicação.

Já sofri assédio em redação de jornal. Já tive meu posicionamento firme a respeito de um assunto associado à TPM. Já ouvi de gerentes, que ocupavam função no mesmo nível hierárquico que o meu, frases do tipo: "Seu marido está tratando você bem, hein?". Já vi mulheres dizendo que não contrariariam outras mulheres, porque é melhor trabalhar com homem. Oi?

Infelizmente, a lógica machista também é perpetuada e cristalizada pelas mulheres. Sorrididade, aquela palavrinha ainda desconhecida de muita gente, precisa ser internalizada, colocada em prática, vivida. A quem ainda ignora o termo, significa a união e a aliança entre mulheres, baseadas na empatia e companheirismo, para alcançar objetivos em comum. "Eu que lute"? Sim, mas também pode e deve ser uma luta conjunta. Então, #nósquelutemos!

Dom Cardoso



escritoriocardoso@gmail.com

Ceará terra da luz, um disco de ouro

Alguém pagaria dez mil reais por um disco de acetileno? Pois, aí vai uma mensagem para os colecionadores discófilos: O Long Play Ceará Terra da Luz - que tem a contracapa prefaciada por Raquel de Queiroz e, na capa, um quadro do mundialmente famoso pintor Aldemir Martins -, chegou às minhas mãos quando eu tinha 15 anos e, agora, quando fui pesquisar sobre esta peça rara dos símbolos musicais de outrora, constatei coisas fabulosas, especialmente o seu preço no mercado fonográfico.

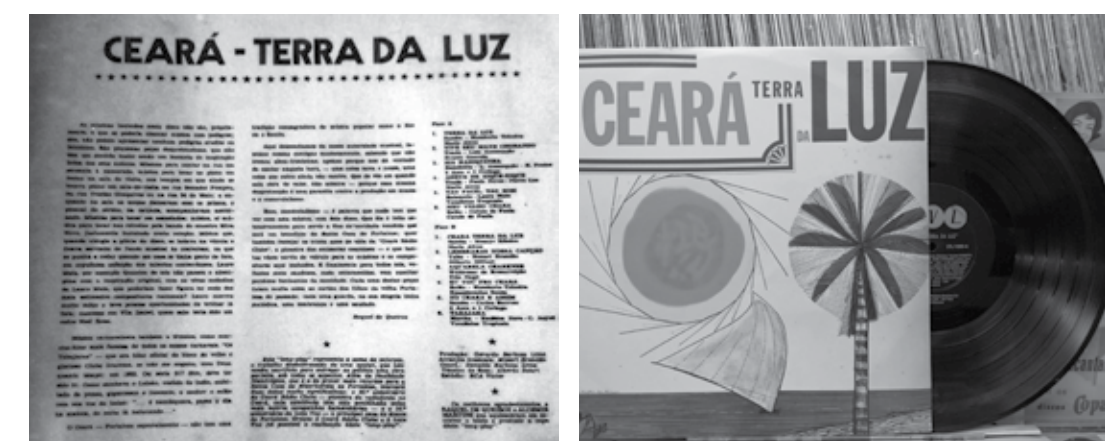
A primeira coisa constada é que, este disco, lançado em 1965, está completando 55 anos e nasceu numa época em que o Regime Militar embrionava no Brasil e, depois, prejudicaria muita gente, principalmente após o surgimento dos decretos AI-3 e AI-5, que suprimiu as liberdades de expressão e de imprensa no País. Mas, Ceará Terra da Luz, veio ao nosso conhecimento com uma missão nobre, somando a garra e o esforço de pessoas e órgãos filantrópicos que, num trabalho desinteressado, não mediu obstáculos para produzir uma obra perfeita em todos os aspectos.

A comercialização deste disco, com finalidade filantrópica específica, foi levada a termo para prover de mais recursos a Santa Casa da Misericórdia de Fortaleza e comemorar, paralelamente, o 30º aniversário da Ceará Rádio Club, pioneira da radiofonia na terra de Iracema e José de Alencar. Esta rádio pontilhosa sua existência na criação das mais nobres campanhas humanitárias. Simultaneamente, o disco também foi lançado para comemorar o 10º aniversário da Loja Voz, naquela época a principal casa de discos de Fortaleza.

Raquel de Queiroz, que se coloca entre as escritoras mais consagradas da América Latina, ao prefaciar a contracapa do disco, mencionou: "Comercialismo é a palavra que nada tem a ver com este disco. Ele é feito ostensivamente para servir a fins de caridade, vendido que será em benefício da Santa Casa de Fortaleza; quer também festejar os trinta anos de vida da Ceará Rádio Clube - a pioneira das emissoras cearenses - e que tantas vezes serviu de veículo para as músicas e os compositores aqui incluídos. E, finalmente, para todos nós, velhotes meio saudosos, que almejamos suscitar perdidos fantasmas da mocidade".

Bonito, não? A famosa escritora cearense, em cuja fazenda esteve o ex-presidente Humberto Castelo Branco, ao falar assim, revelou-se dona de um espírito puro de caráter. Por que? Ora, sair de seu pedestal, na quietude da Fazenda Não Me Deixes, no interior cearense, para prefaciar um disco em benefício de terceiros, se transforma num gesto de tanta solidariedade, que beira as raíais da ternura e de uma caridade infinita. Raquel era assim, e continuará assim, no céu. E olha só, a beleza de disco por ela apresentada.

Na face A temos Terra da Luz, do cearense Humberto Teixeira aquele nordestino que, ao produzir músicas de fama mundial, ajudou Luiz Gonzaga e lançou Asa Branca (quem nunca ouviu esta música?). Teixeira, com seu espírito empreendedor; criou o Clube das Chaves, no Rio de Janeiro e lançou uma casa noturna diferente, onde vários artistas se tornaram conhecidos, a exemplo de Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Mafisa Maratrazo e outros. O cabeça chata, que se tornou



o Papa da comunicação e da produção de discos na Cidade Maravilhosa, foi o autor do órgão que valorizou a obra artística de cantores e compositores no Brasil, os deixando cobertos por uma entidade encarregada de cobrar direitos autorais, até hoje existente.

A faixa VI Seu Mané Chorando, é uma toada de Luiz Assunção e Evaldo Gouveia. Como a canção Sai Mariquinha, é, neste disco, uma rancheira de L. Assunção, E. Pontes e 4 Ases e 1 Coringa. E vai por aí. Também não deixe de ouvir Meu Velho Ceará, o famoso Baião de Catulo de Paula. Humberto Teixeira, também brilhou neste Long Play com o baião Eu Vou Pro Ceara. Com produção de Gerardo Barbosa Lima, arranjos musicais de Mozart Brandão, coordenação de Danúbio Barbosa Lima e a técnica de som sob os cuidados de Alberto Soluri, dos estúdios da RCA Victor, o disco Ceará Terra da Luz, realmente, é uma excelência.

A genial Raquel de Queiroz faz outra referência elogiosa a este livro: "música carnavalesca também a tivemos, como marcha-hino mais famosa de todos os carnavais: Os Tabajaras - que era hino oficial de blocos do velho e glorioso Clube Iracema, se não me engano, meu Deus, quanto

tempo, em 1932. Ou seria 1931? Sim, deve ter sido 31. Como sambava o Luizão, vestido de índio, enfeitado de penas, gigantesco e inocente, a encher o salão com sua voz de baixo... é nambiquara, passa o dia na maloca, de noite ta batucando".

Sim, quando me referi ao preço do disco, quis dizer que é a pintura, o quadro genial de Aldemir Martins, que vale este dinheiro. O Mercado Fonográfico é quem diz e eu, ao lado de minhas pesquisas, esclareço que o meu exemplar não está à venda, por dinheiro nenhum. Logo o meu, que sou cearense e não sonhava nunca em encontrar, na minha coleção, este excelente disco, que ganhei aos 15 anos de idade. O disco está em perfeito estado de conservação.

Mozart Brandão e Gilberto Milfont, dois gigantes da MPB dos anos 1950/60, entram no rol dos compositores e cantores deste disco, com a valsa Lembranças Nossa Canção. E Carlos Barroso e o 4 Azes e 1 Coringa, inauguram a faixa 2 com o samba No Ceará é Assim. Tabajara, uma marcha-canção é apresentada lindamente na composição de Euclides Novo e C. Acioly, interpretada pelos Vocalistas Tropicais, que fizeram época de sucessos por este Brasil.

MARMITANDO

COM O CHEF **WALTER ULYSSES**



Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Linaldo Cavalcante em (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scoledicucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@walterulysses

chefivallerulysses@hotmail.es

Foto: Louis Hanse-Unsplash



Hamburguerias viram febre em João Pessoa

Representando pouco mais de 50% do faturamento das redes de fast-food – estimado em mais de R\$ 22 bilhões, as hamburguerias se tornaram hoje uma verdadeira febre em nossa cidade. Típicas dos Estados Unidos e da Austrália, aqui elas foram ‘abrasileiradas’ e se diferem dos concorrentes ao investir no atendimento diferenciado.

As hamburguerias vieram para ficar em João Pessoa e se enquadram no conceito de fast casual. Os empresários deste setor estão transformando o produto, considerado lanche, em uma opção de refeição, muitas vezes! Principalmente para aqueles que querem uma refeição mais rápida.

Pesquisa realizada por consultoria apontou que os consumidores de hambúrguer o consomem dentro de restaurantes. Isso aponta que os ambientes temáticos são bem aceitos e estão em expansão não

só em João Pessoa, mas em toda a Paraíba e Brasil.

Outros pontos destacados: atendimento, estacionamento, tempo de espera e número de caixas. Todos tornam as hamburguerias bem vistas pelo consumidor da capital. Antes, as pessoas iam pelo sabor da comida. Hoje, vão pelo ambiente e também pelo divertimento e o melhor o que a casa dispõe.

O atendimento é que faz toda a diferença quando comparamos uma hamburgueria com o McDonald's, que vende em balcão, como disse o franqueador master da marca norte-americana no país. Não esquecendo do sucesso que fizeram os Food Truck em nosso Estado e que se nota que foi uma ida junto com a maré. Pouco os que ficaram no mundo dos Food Truck.

O conceito de casual e artesanal é importante, tanto que além da venda dos tradicionais hambúrgueres e milkshakes, as redes estão ampliando

o cardápio com bebidas diferenciadas e drinks.

Além de novos sabores e modos de preparar das carnes de hambúrgueres, estão colocando também nos cardápios pratos como massas, steaks e ribs acompanhado de várias formas de acompanhamentos.

Fundamental para a coisa poder andar é a forma de treinamento diferenciado, sem ser da forma robótica e sim ligação direta com o cliente e expondo seu cardápio como um todo, ou seja, saber o que está falando e entender do cardápio, sorrindo e sabendo que 99% o cliente tem razão.

A hamburgueria ainda é hoje uma oportunidade de investimento no mercado seja qual a área de gastronomia for e a forma de seguimento de básico, artesanal, mas que tenha sua identidade própria.

“O único lugar onde o sucesso vem antes do trabalho é no dicionário.” (Albert Einstein)

QUENTINHAS

- Este colunista visitou nesta semana o Matterello Pizza, onde acontece de terça a sexta o seu rodízio de pizza. Estão de parabéns pela proposta e qualidade, além de ter um preço bem agradável.

- Soube que abriu uma casa nova e uma proposta para o mundo dos carnívoros, é a Meat Up Açogue e Restaurante, que tem a proposta de você comprar uma carne de qualidade e levar para casa, como também deles assarem lá para você. Irei visitar em breve!

- Por falar em Hambúrguer não posso deixar de falar de Carlos Jr Lanches, que tem uma mistura de carnes artesanais, além de lanches tradicionais de dar água na boca. Vale a pena conferir.

- O Restaurante All Garden está com novidades em seu cardápio, além de ter os dias de rolha free. Um local que estou devendo fazer uma visita para provar seu novo menu.

- Toda quarta no Empório Gourmet, a partir das 18h tem rolha livre. Você leva o vinho de sua preferência e harmoniza com o menu pra lá de especial, neste pedaço da França aqui em nossa capital.

- A Art Chopperia em Cajazeiras vem inovando no seu cardápio com pratos, e se destacando com suas carnes no churrasco, além de frutos do mar levado para o Alto Sertão da Paraíba.

PITADAS A GOSTO

A origem do cachorro quente mais conhecida é a de um açogueiro de Frankfurt, na Alemanha. Em 1852, ele resolveu batizar as salsichas que fabricava com o nome da raça de seu cachorro: Dachshund. Um imigrante alemão, Charles Feltman, levou essa salsicha para os Estados Unidos em 1880. Lá, criou um sanduíche quente com pão, salsicha e molhos.

Foto: Tiara Aracama-Unsplash



PRATO DO DIA

Cachorrão

Pão de cachorro quente, linguiça fina especial, bacon em tiras, queijo muçarela ralado grosso e vinagrete ao molho de mostarda.

Ingredientes

- 1 linguiça fina aperitivo calabresa
- 3 colheres de vinagrete (tomate, cebola, pimentão verde, coentro, todos picados)
- 2 fatias de bacon
- 1 colher de sopa de mostarda
- 2 colheres de sopa de mostarda tradicional
- 1 colher de sopa cheia de queijo ralado grosso
- 1 pão de cachorro quente especial de 25 cm



Foto: Arquivo pessoal

Modo de preparo

- 1- Misture o vinagrete com as mostardas, em uma chapa assar a linguiça ao ponto e fritar o bacon.
- 2- Abra o pão ao meio coloque a lin-

guiça e o bacon, acrescente o molho de vinagrete com a mostarda.

- 3- Por fim coloque o queijo ralado grosso e leve ao forno para derreter um pouco o queijo.